FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

PAD-MG

PESQUISA POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS

# Boletim PAD - MG

# Segurança Pública

Belo Horizonte, ano 4, nº 8 I dezembro de 2015

ISSN 2318-2946

APOIO

FAPEMIG

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
GOVERNO DE MINAS GERAIS

MINAS GERAIS
GOVERNO DE TODOS

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
GOVERNO DE MINAS GERAIS

# Boletim PAD-MG | 2013

## Segurança Pública

ISSN 2318-2946

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Boletim PAD-MG | Belo Horizonte | Ano 4 | n. 8 | p. 1-76 | dez. 2015 |

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
GOVERNO DE MINAS GERAIS

SINAIS CONVENCIONAIS

... Dado numérico indisponível.

.. Não se aplica dado numérico.

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

NS/NR Não sabe /Não respondeu

B668 Boletim PAD-MG, ano 1, n. 1, maio 2011 – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estatística e Informações, 2011.

Título anterior: Boletim da Pesquisa por Amostra de Domicílios: indicadores de despesas, ano 1, n. 1, dez. 2011 - ano 1, n. 2, fev. 2012

ISSN 2318-2946

1. Pesquisa por Amostra de Domicílios - Minas Gerais - Periódicos. 2. Levantamento domiciliares - Minas Gerais - Periódicos. 3. Estatística de população - Minas Gerais - Periódicos. I. Fundação João Pinheiro, Centro de Estatística e Informações.

CDU 314.6(815.1)

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
GOVERNO DE MINAS GERAIS

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
GOVERNADOR
Fernando Damata Pimentel

SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO
SECRETÁRIO
Helvécio Miranda Magalhães Júnior

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Presidente
Roberto do Nascimento Rodrigues

Centro de Estatística e Informações
Diretor
Leonardo Barbosa de Moraes

Centro de Estudos de Políticas Públicas Paulo Camillo de Oliveira Penna
Diretora
Ana Paula Salej Gomes

Centro de Pesquisas Aplicadas Maria Aparecida Arruda
Diretora
Elisa Maria Pinto Rocha

Diretoria de Planejamento, Gestão e Finanças
Diretora
Josiane Vidal Vimieiro

Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho
Diretora
Letícia Godinho de Souza

Assessoria de Comunicação Social
Assessora-chefe
Olívia Bittencourt

*CONTATOS E INFORMAÇÕES*

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Centro de Estatística e Informações (CEI)
Alameda das Acácias, 70 – Bairro São Luiz/Pampulha
CEP: 31275.150 – Belo Horizonte – Minas Gerais
Telefones: (31) 3448-9580 e 3448.9561
www.fjp.mg.gov.br
e-mail: comunicacao@fjp.mg.gov.br

***É permitida a reprodução dos dados publicados desde que citada a fonte.***

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
GOVERNO DE MINAS GERAIS

EQUIPE TÉCNICA

PESQUISA POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS DE MINAS GERAIS (PAD-MG)

Coordenação da PAD

Nícia Raies Moreira de Souza

Elaboração

Juliana Lucena Ruas Riani
Karina Rabelo Leite Marinho
Nícia Raies Moreira de Souza

Bolsista

Ana Elisa Machado da Fonseca

Apoio administrativo

Claudineia Maria da Cruz
Mauro de Oliveira Pessoa
Olzenir Marriel

Capa

Bárbara Andrade Corrêa da Silva

Revisão

Agda Mendonça

Normalização

Helena Schirm

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO ..... 9
2 CONFIANÇA EM INSTITUIÇÕES E PERCEPÇÃO DE CARACTERÍSTICAS DA VIZINHANÇA ..... 15
2.1 Confiança em instituições ..... 15
2.2. Percepção das características da vizinhança ..... 18
2.3 Percepção da existência de atos de violência na vizinhança ..... 23
3. SITUAÇÕES DE RISCO E PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA ..... 26
3.1. Medo e percepção de risco segundo perfis individuais ..... 30
3.2. Medo e percepção de risco segundo perfis de domicílios ..... 38
4 VITIMIZAÇÃO CONTRA O PATRIMÔNIO ..... 42
4.1 Invasão ou arrombamento de domicílio ..... 42
4.1.1 Caracterização geral dos eventos de invasão ou arrombamento de domicílio ..... 42
4.1.2 Realização de registros oficiais de eventos de invasão de domicílio ..... 46
4.1.3 Avaliação do atendimento realizado pelas organizações policiais ..... 48
4.2 Furto ..... 51
4.2.1 Caracterização geral dos eventos de furto sofrido nos últimos 12 meses por algum membro do domicílio segundo região de planejamento ..... 51
4.2.2 Caracterização geral dos eventos de furto sofrido nos últimos 12 meses pelos membros do domicílio segundo situação urbana/rural ..... 54
4.2.3 Caracterização geral dos eventos de furto sofridos pelos membros do domicílio nos últimos 12 meses segundo nível de instrução ..... 57
4.3 Roubo ..... 60
4.3.1 Caracterização geral dos eventos de roubos sofridos nos últimos 12 meses pelos membros do domicílio, segundo região de planejamento ..... 60
4.3.2 Caracterização geral dos eventos de roubo sofridos nos últimos 12 meses por algum membro do domicílio segundo situação urbana ou rural ..... 64
4.3.3 Caracterização geral dos eventos de roubo sofridos nos últimos 12 meses por algum membro do domicílio segundo nível de instrução ..... 67
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 71

## Tabelas

Tabela 2.1: Proporção de respondentes com baixa confiança em grupos e instituições selecionadas e por região de planejamento – Minas Gerais – 2013 ..... 18

Tabela 2.2: Proporção de respondentes com alta confiança em instituições selecionadas e em políticos por região de planejamento – Minas Gerais – 2013 ..... 18

Tabela 2.3: Avaliação dos moradores dos domicílios do grau de infraestrutura urbana – Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2013 ..... 19

Tabela 2.4-A: Distribuição da percepção dos moradores dos domicílios da vizinhança segundo tipo de domicílio – Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2013 ..... 21

Tabela 2.4-B: Distribuição da percepção dos moradores dos domicílios da vizinhança segundo tipo de domicílio – Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2013 ..... 22

Tabela 2.4-C: Distribuição da percepção dos moradores dos domicílios da vizinhança segundo tipo de domicílio – Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2013 ..... 23

Tabela 2.6-A: Distribuição da percepção dos moradores dos domicílios da existência de atos de violência na vizinhança segundo tipo de domicílio – Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) – 2013 ..... 24

Tabela 2.6-B: Distribuição da percepção dos moradores dos domicílios da existência de atos de violência na vizinhança segundo tipo de domicílio – Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) – 2013 ..... 25

Tabela 3.1: Percepção de segurança para situações que podem gerar sensação de insegurança segundo respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 26

Tabela 3.2: Classificação do risco por tipo de eventos criminosos segundo respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 27

Tabela 3.3: Frequência da mudança de hábitos do dia a dia devido ao medo da violência segundo respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 28

Tabela 3.4: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguros ou inseguros segundo região de planejamento e Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) – Minas Gerais – 2013 ..... 29

Tabela 3.5: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo região de planejamento e Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) – Minas Gerais – 2013 ..... 29

Tabela 3.6: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo região de planejamento e Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) – Minas Gerais – 2013 ..... 30

Tabela 3.7: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo sexo – Minas Gerais – 2013 ..... 31

Tabela 3.8: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo a cor/raça– Minas Gerais – 2013 ..... 33

Tabela 3.9: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo grupos etários – Minas Gerais – 2013 ..... 34

Tabela 3.10: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo grupos etários – Minas Gerais – 2013 ..... 35

Tabela 3.11: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo o nível de instrução– Minas Gerais – 2013 ..... 37

Tabela 3.12: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo a adequação de infraestrutura do domicílio – Minas Gerais – 2013 ..... 39

Tabela 3.13: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo a adequação de infraestrutura do domicílio – Minas Gerais – 2013 ..... 39

Tabela 3.14: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo os quintis de renda domiciliar *per capita* – Minas Gerais – 2013 ..... 40

Tabela 3.15: Proporção da percepção de moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto ao risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo os *quintis* de renda domiciliar *per capita* – Minas Gerais – 2013 ..... 41

Tabela 3.16: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo os *quintis* de renda domiciliar *per capita* – Minas Gerais – 2013 ..... 41

Tabela 4.1: Percentual de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa ..... 42

## Gráficos

Gráfico 2.1: Grau de confiança em grupos e instituições selecionadas – Minas Gerais – 2013 ..... 16

Gráfico 3.1: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo o sexo – Minas Gerais – 2013 ..... 31

Gráfico 3.2: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo o sexo– Minas Gerais – 2013 ..... 32

Gráfico 3.3: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo a cor/raça – Minas Gerais – 2013 ..... 33

Gráfico 3.4: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo a cor/raça– Minas Gerais – 2013 ..... 34

Gráfico 3.5: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo grupos etários – Minas Gerais – 2013 ..... 36

Gráfico 3.6: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo o nível de instrução – Minas Gerais – 2013 ..... 36

Gráfico 3.7: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo o nível de instrução – Minas Gerais – 2013 ..... 38

Gráfico 3.8: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo a adequação de infraestrutura do domicílio – Minas Gerais – 2013 ..... 40

Gráfico 4.1: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez por região de planejamento, Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e Belo Horizonte (BH) segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 43

Gráfico 4.2: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez por situação urbano ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 43

Gráfico 4.3: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez por tipo de edificação segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 44

Gráfico 4.4: Proporção de domicílios em que não houve notificação da ocorrência de invasão de domicílio por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais 2013 ..... 44

Gráfico 4.5: Proporção de domicílios em que não houve notificação da ocorrência de invasão de domicílio por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 45

Gráfico 4.6: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez que não notificaram a ocorrência por área subnormal segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 45

Gráfico 4.7: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez que não notificaram a ocorrência por tipo de edificação segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 46

Gráfico 4.8: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez em que não houve registro institucional da ocorrência de invasão de domicílio por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 47

Gráfico 4.9: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez em que não houve registro institucional da ocorrência de invasão de domicílio por situação urbano ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 47

Gráfico 4.10: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez em que não houve registro institucional da ocorrência de invasão de domicílio por área subnormal segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 48

Gráfico 4.11: Avaliação negativa da atuação das organizações policiais quando da ocorrência de invasão ou arrombamento de domicílio por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 48

Gráfico 4.12: Avaliação negativa da atuação das organizações policiais quando da ocorrência de invasão ou arrombamento de domicílio por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 49

Gráfico 4.13: Avaliação negativa da atuação das organizações policiais quando da ocorrência de invasão ou arrombamento de domicílio por área subnormal segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 50

Gráfico 4.14: Avaliação negativa da atuação das organizações policiais quando da ocorrência de invasão ou arrombamento de domicílio por tipo de edificação segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 50

Gráfico 4.15: Proporção de domicílios com alguma vítima de furto, por região de planejamento, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 51

Gráfico 4.16: Local de ocorrência do último furto por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 52

Gráfico 4.17: Realização de notificação do último furto por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 – (%) ..... 52

Gráfico 4.18: Realização de registro do último furto por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 53

Gráfico 4.19: Avaliação do atendimento à última ocorrência de furto, por região de planejamento, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 54

Gráfico 4.20: Proporção de domicílios com alguma vítima de furto por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 54

Gráfico 4.21: Local de ocorrência do último furto por situação urbana/rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 55

Gráfico 4.22: Realização de notificação do último furto por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 55

Gráfico 4.23: Realização de registro do último furto por situação urbana ou rural, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 56

Gráfico 4.24: Avaliação do atendimento à última ocorrência de furto por situação urbana/rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 56

Gráfico 4.25: Proporção de domicílios com alguma vítima de furto, por nível de instrução do representante, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 57

Gráfico 4.26: Local de ocorrência do último furto, por nível de instrução do representante, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 58

Gráfico 4.27: Realização de notificação do último furto, por nível de instrução, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 58

Gráfico 4.28: Realização de registro do último furto por percentil de renda e nível de instrução, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 59

Gráfico 4.29: Avaliação do atendimento à última ocorrência de furto, por nível de instrução, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 60

Gráfico 4.30: Proporção de domicílios com alguma vítima de roubo, por região de planejamento, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 61

Gráfico 4.31: Local de ocorrência do último roubo, por região de planejamento, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 62

Gráfico 4.32: Realização de notificação do último roubo por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 62

Gráfico 4.33: Realização de registro do último roubo por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais –2013 ..... 63

Gráfico 4.34: Avaliação do atendimento à última ocorrência de roubo por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 63

Gráfico 4.35: Proporção de domicílios com alguma vítima de roubo por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 64

Gráfico 4.36: Local de ocorrência do último roubo por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 65

Gráfico 4.37: Realização de notificação do último roubo por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 65

Gráfico 4.38: Realização de registro do último roubo por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 66

Gráfico 4.39: Avaliação do atendimento à última ocorrência de roubo por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 66

Gráfico 4.40: Proporção de domicílios com alguma vítima de roubo, por nível de instrução do representante, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 67

Gráfico 4.41: Local de ocorrência do último roubo por nível de instrução do representante segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais –2013 ..... 68

Gráfico 4.42: Realização de notificação do último roubo por nível de instrução do representante segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 68

Gráfico 4.43: Realização de registro do último roubo por nível de instrução do representante segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 69

Gráfico 4.44: Avaliação do atendimento à última ocorrência de roubo por nível de instrução segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 ..... 70

## 1 INTRODUÇÃO

A fragilidade da segurança pública no Brasil faz com que a criminalidade violenta seja assunto central no âmbito de qualquer discussão sobre o bem-estar da sociedade e sobre políticas públicas para a sua obtenção ou a sua manutenção. Por outro lado, a percepção – mais ou menos difusa mais ou menos generalizada – de que a insegurança atinge a todos, independentemente de características demográficas ou regionais, pode ocultar a complexidade do problema.

De fato, os números oficiais de registros criminais mostram um crescimento relevante de eventos dessa natureza (em Minas Gerais, os números de crimes violentos passaram de 66 061, no ano de 2011, para 103 646, em 2014, conforme dados fornecidos pela Secretaria de Estado de Defesa Social) e os meios não oficiais de divulgação de informações sobre segurança pública – mídia, sites na internet, entre outros – difundem um forte sentimento de insegurança nas populações.

No entanto, os números oficiais nem sempre dimensionam de maneira fidedigna a ocorrência de eventos violentos. Muitos desses eventos não são comunicados às agências de segurança pública, uma vez que essa tomada de decisão depende do julgamento da vítima acerca da pertinência de se comunicar os eventos às instituições de segurança (o crime ou a violência sofrida é grave ou importante o suficiente para que seja comunicado?). Mas depende também da confiança acerca tanto da eficiência das instituições oficiais de segurança pública (a polícia é capaz de resolver o problema?) quanto da confiança na legitimidade dos modos de atuação policial (a polícia utilizará meios legítimos para resolver o problema?).

Nesse contexto, crimes e eventos violentos estarão sujeitos, de maneira distinta, à chamada cifra negra, ou seja, crimes não notificados. Assim, crimes de furto de objetos de pequeno valor não são tidos como importantes o suficiente para serem notificados, crimes de furto ou roubo de objetos de maior valor podem não ser notificados porque a vítima não acredita na eficiência da polícia para a recuperação do bem (a menos que o registro seja uma demanda da seguradora) e crimes contra a pessoa, como aqueles de agressão física ou, sobretudo, agressão sexual, podem não ser notificados porque a vítima pode não confiar na legitimidade dos meios da atuação policial.

Além disso, a exclusiva consideração dos números oficiais de registros criminais esconde a diversidade de eventos que constituem o problema da violência e seus impactos sobre as

populações. Isso significa que é relevante conhecer o número de ocorrências, mas também é relevante o acesso a informações que qualifiquem os números de ocorrências tanto para a implementação de políticas de controle da criminalidade, quanto para estudos de natureza acadêmica. É nesse contexto que as pesquisas de vitimização constituem instrumentos chave, por possibilitar maior cientificidade no planejamento de políticas públicas, na medida em que tornam viável o acesso a informações sobre a natureza e a extensão de crimes. Conforme o perfil de violência detectada pelo *survey*, os agentes de segurança pública podem dirigir esforços de maneira mais orientada.

Os estudos de vitimização permitem também a comparação entre taxas de diferentes cidades ou áreas da mesma região metropolitana. Sua avaliação ao longo do tempo torna possível uma descrição precisa da evolução da criminalidade. Um de seus aspectos mais relevantes é a demonstração de que crimes não são aleatoriamente distribuídos pela sociedade. Alguns subgrupos sociais são mais vitimados do que outros, de tal maneira que pode-se identificar áreas, horários e pessoas, com determinadas características demográficas, como dimensões ambientais de maior ou menor risco de vitimização.

Pesquisas de vitimização são realizadas a partir de entrevistas feitas diretamente com uma dada população. Ou seja, pergunta-se, diretamente aos indivíduos, se já foram vítimas de crimes, em quais circunstâncias ocorreram, como, hora e local, uso de armas, consequências econômicas, qual o perfil de vítimas e agressores, qual o relacionamento estabelecido entre eles, quando for o caso. Enfim, procura-se conhecer não apenas a frequência e a natureza de crimes, mas também, informações detalhadas acerca das ocorrências. Ao estabelecer essas informações, as pesquisas tornam possível conhecer a “distância” entre as ocorrências e os registros. Essa é uma informação fundamental para se compreender o tipo de relação estabelecida entre polícia e sociedade, em um contexto de instituições mais ou menos adaptadas ao processo de consolidação democrática, conforme o caso abordado, em um cenário em que os critérios de confiança constituem condição para o funcionamento institucional.

Assim, é fundamental o crédito conferido pelos cidadãos às instituições capazes de tornar possíveis processos de cooperação. Dessa forma, pesquisas de vitimização são instrumentos adequados para a realização de inferências acerca dessas capacidades institucionais das organizações policiais.

Nessa perspectiva, diversos países realizaram pesquisas de vitimização com o intuito de nortear políticas públicas de segurança, sobretudo aquelas de natureza preventiva, e de permitir,

de um ponto de vista da informação, o incremento da quantidade e da qualidade do controle sobre as instituições de segurança pública. Entre essas pesquisas, Zilli, Marinho e Silva (2014) mencionam o National Crime Victimization Survey (NCVS), o Internacional Crime Victimization Survey (ICVS), o European International Crime Survey (EU-ICS), o United Nations Interregional Crime and Justice Research Institute (Unicri) e o Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (Ilanud).

No Brasil ainda não se consolidou uma tradição em realização de pesquisas de vitimização ou no uso de suas informações para o desenho e avaliação de políticas de segurança. Nessa área, o país ainda observa uma lacuna entre a informação e a ação pública. No entanto, algumas iniciativas podem ser destacadas, desde 1988, quando a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizou uma pesquisa de vitimização em 81 628 domicílios com um período de referência de um ano. A última investigação realizada, até o momento, aconteceu em 2013, pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Datafolha, de caráter nacional, em que foram considerados 15 mil homens e mulheres de áreas urbanas, com idades iguais ou superiores a 16 anos.

A Pesquisa por Amostra de Domicílios de Minas Gerais (PAD-MG) tem por finalidade, por sua instância, captar dados regionalizados que subsidiem o desenho, monitoramento e avaliação de políticas públicas por meio da construção de retratos de grandes conjuntos populacionais de Minas Gerais. Além disso, oferece um conjunto relevante de problemáticas que poderão ser objeto de novas investigações com aprofundamento de alguns temas. O levantamento de dados é bianual, com amostra de 18 mil domicílios mineiros. A sua distribuição segue a necessidade de desagregação territorial, e as variáveis captadas pela pesquisa são passíveis de desagregação para as dez regiões de planejamento do Estado ou para as 12 mesorregiões; para as áreas rurais e urbanas, para a capital estadual e para a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

O principal ganho da estruturação da pesquisa para Minas Gerais é a construção, no aparato do Estado, de uma estrutura mais ágil e mais flexível capaz de responder às demandas específicas das suas ações. Assim, a sua realização possibilita acompanhar a população em questões mais evidentes como: quantos são os mineiros hoje? Quantos trabalham? Com qual salário vivem? Possibilita, ainda, acompanhá-la em questões específicas de suas necessidades e da agenda pública.

A edição da PAD-MG, realizada em 2013, incluiu uma análise relativa à segurança pública que abordou elementos relativos ao padrão da vitimização em Minas Gerais e seu perfil de ocorrência; os perfis de ocorrência em cada região de planejamento mineira; perfis das vítimas; circunstâncias dos delitos; não reportagem de delitos e seus padrões socioeconômicos; níveis de sentimento de medo e percepção de segurança; práticas cotidianas (adotadas ou suprimidas) em função do sentimento de insegurança; medidas de proteção e proteção de residências; determinantes do medo no Estado.

Diferentemente dos modos como os eventos violentos são mensurados pelas pesquisas de vitimização – a partir de perguntas relativas a ocorrências sofridas por indivíduos – a PAD-MG tem como unidade fundamental de análise os domicílios do estado de Minas Gerais. Daí a impossibilidade de se comparar as informações deste boletim as pesquisas de vitimização tradicionais, por dizerem respeito a informações de natureza distinta e que se complementam.

Apenas a título de ilustração, no entanto, a última pesquisa de vitimização realizada pelo CRISP/UFMG e Datafolha, em 2013, mostrou que 9,1% dos indivíduos, pesquisados em Minas Gerais, foram vítimas de furto nos 12 meses que antecederam à pesquisa (ou seja, eventos de subtração de algum bem, sem utilização ou ameaça do uso de força). A PAD-MG, por sua instância, indicou que 2,2% dos domicílios mineiros têm algum membro que foi vítima de furto nos 12 meses que antecederam a coleta de dados. Esses resultados não se contradizem. Na verdade, eles se complementam, ao permitir inferir que alguns domicílios são mais vitimados do que outros, ou seja, têm mais de um morador vítima de eventos dessa natureza.

O mesmo ocorre quando crimes de roubo são levados em consideração (eventos de subtração de algum bem, com o emprego ou a ameaça do uso da força). Enquanto a pesquisa de vitimização mostrou que 2% dos indivíduos mineiros foram roubados nos 12 meses que antecederam à pesquisa, a PAD-MG indicou 1,1% de domicílios em Minas Gerais com algum morador vítima de roubo nos 12 meses anteriores à coleta de dados.

Em casos de furto, 31,5% dos eventos ocorridos nos 12 meses que antecederam a pesquisa foram informados à polícia, segundo a pesquisa de vitimização enquanto o percentual correspondente para a PAD-MG é de 42,9%. Já em casos de roubo, 59,4% dos eventos ocorridos nos 12 meses que antecederam a pesquisa foram informados à polícia, segundo a pesquisa de vitimização, enquanto o percentual correspondente, segundo a pesquisa domiciliar, é de 53,1. A comunicação desses eventos às organizações policiais permite realizar inferências acerca do nível de confiança que a população tem com relação às instituições públicas de segurança.

Finalmente, percepções acerca dos modos de atuação das organizações policiais também são abordadas. Segundo a pesquisa de vitimização, 44,1% dos indivíduos vítimas de furto e 55,8% das vítimas de roubo ficaram satisfeitos com o atendimento dispensado pela polícia. Esses percentuais correspondem a 52 e a 63,3, respectivamente, dos eventos mensurados pela pesquisa domiciliar (aqui segundo o representante dos domicílios pesquisados).

Informações oriundas de pesquisas domiciliares como a PAD-MG permitem, assim, inferir sobre em que medida variáveis domiciliares – e não exclusivamente individuais como as fornecidas por pesquisas de vitimização – influenciam ou se relacionam com a probabilidade de ocorrência de crimes. No entanto, este documento tem natureza exploratória e não inferencial.

O seu objetivo é conhecer as características dos domicílios no que diz respeito aos eventos relativos à segurança pública, e por isso, ao abordar a ocorrência de roubos, furtos ou invasão de domicílio, perguntou-se ao respondente do domicílio se algum morador havia sido furtado, roubado, ou se o domicílio havia sido invadido.

Por se tratar de uma pesquisa domiciliar, em que os questionários foram respondidos por representantes de cada domicílio, foram abordados especificamente crimes contra o patrimônio. A abordagem domiciliar, e não individual, tornaria limitada a possibilidade de obtenção de informações acerca de crimes contra a pessoa, como agressões e tentativas de homicídio.

Também é objetivo da pesquisa domiciliar conhecer as impressões dos representantes dos domicílios acerca da segurança em Minas Gerais, e por isso foram realizadas questões acerca dos modos como percebem as características das vizinhanças e situações de risco e percepção de segurança. Percepções são relevantes porque afetam as atitudes das pessoas. O sentimento de medo pode afetar decisões acerca de que locais frequentar, quais os horários mais adequados, influenciando os modos como os habitantes das cidades se organizam. Percepções são significativas, também, porque relacionam e influenciam a forma como as populações avaliam as instituições de segurança. Apenas questões relativas ao sentimento de segurança foram dirigidas ao respondente do questionário, com idade igual ou superior a 14 anos, ou seja, não foi investigada a percepção de risco e segurança para os demais membros do domicílio, por dizerem respeito a temáticas de natureza individual e subjetiva.

Abordar domicílios e não indivíduos, bem como a opção metodológica pelo recorte temporal de 12 meses anteriores à pesquisa, apresenta a vantagem de permitir considerar uma nova unidade de análise, e de se mensurar eventos com menores limites impostos pela memória dos

entrevistados. Por outro lado, pode gerar uma impressão de que tais eventos sejam mais raros do que de fato o são.

São esses os temas tratados no presente boletim. Mas tal abordagem, mais uma vez é relevante destacar, não se dá de maneira inferencial, mas sim, descritiva. Ou seja, constituem uma primeira aproximação às informações geradas pela investigação, de modo que são descritos os comportamentos das variáveis sem que relações entre elas tenham sido estabelecidas. Além desta seção introdutória, a seção **2** apresenta dados relativos à confiança da população do estado de Minas Gerais em instituições de segurança pública e suas percepções acerca das características de suas vizinhanças. A seção **3**, por sua vez, descreve informações acerca das situações de risco identificadas pelos entrevistados, bem como sua percepção acerca dos níveis de segurança em suas cidades. Já a seção **4** apresenta informações acerca de eventos de vitimização contra o patrimônio, particularmente aqueles relativos à ocorrência de furto, roubo, e invasão ou arrombamento de domicílio. Por fim, a seção **5** contém as considerações finais do boletim.

## 2 CONFIANÇA EM INSTITUIÇÕES E PERCEPÇÃO DE CARACTERÍSTICAS DA VIZINHANÇA

Em 2013, a PAD-MG pesquisou o grau de confiança em instituições e a percepção de características da vizinhança da população de Minas Gerais. As questões foram respondidas pelo informante preferencial do domicílio com idade igual ou superior a 14 anos. Os quesitos de percepção dos aspectos da vizinhança foram aplicados somente na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), pois são mais adequadas a ambientes mais urbanizados.

O objetivo desta seção é, de um lado, indicar o nível de confiança da população de Minas Gerais em algumas instituições e, de outro, mostrar como os indivíduos/respondentes percebem o entorno em que residem, uma vez que essa percepção está associada à sensação de (in)segurança e/ou medo. As experiências dos indivíduos, juntamente com informações e relatos compartilhados a respeito de uma área, contribuem para a formação dessa avaliação do espaço. A relação pessoa-ambiente é, nesse sentido, relevante para a qualidade de vida, para as formas de sociabilidade e morfologia urbana. O tipo de iluminação, o nível de desordenamento urbano, o lixo ou saber da ocorrência de um crime em determinado lugar são alguns dos fatores que podem levar a sentimentos de insegurança que, por sua vez, podem levar a que esses espaços passem a ser evitados.

### 2.1 Confiança em instituições

A PAD-MG investigou o grau de confiança dos moradores em instituições por meio de uma escala que varia de zero, não confia nem um pouco, a 10, confia muito. É relevante averiguar o grau de confiança da população, pois parece existir uma relação entre confiança e percepção de legitimidade das ações institucionais, seja de um governo seja de instituições, organizações e grupos. Essa percepção de legitimidade pode se transformar em apoio (SCHWARZ-BLUM, 2006). No que se refere à confiança política, HETHERINGTON (2005, apud SCHWARZ-BLUM, 2006), indica que ela resulta de uma comparação entre a consistência entre as expectativas das pessoas e os resultados das ações dos governos. Nesse sentido, a noção de confiança é útil para avaliar o apoio da sociedade civil.

Em Minas Gerais, os resultados indicam que, dentre as instituições elencadas, o grau de confiança é expressivamente menor nos políticos e maior no Corpo de Bombeiros e na Igreja (gráf. 2.1).

Para facilitar a análise, foi feita uma agregação do grau de confiança:

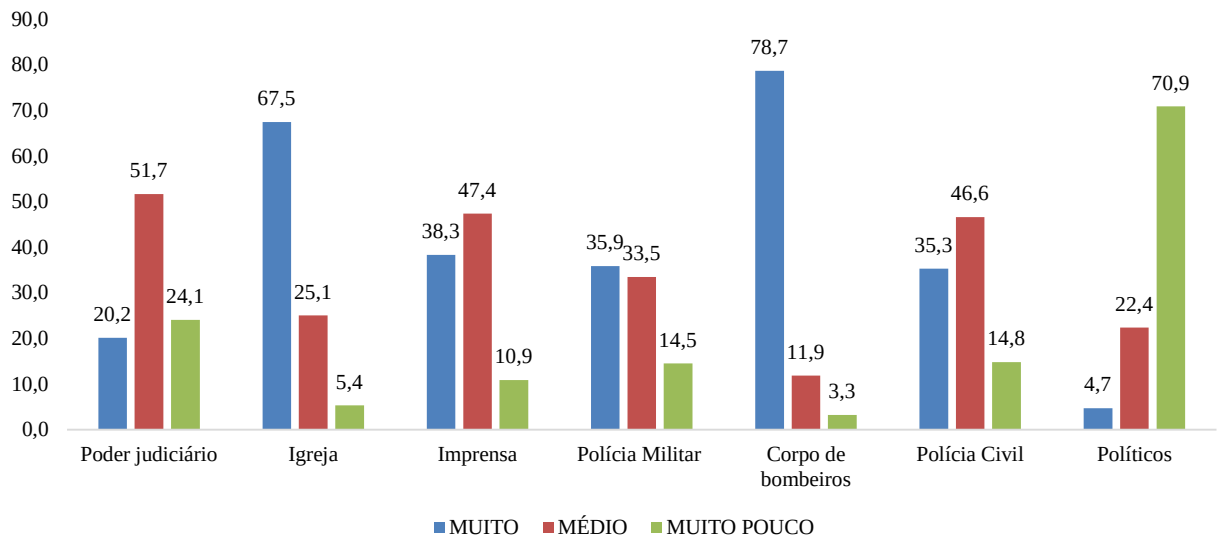
a) não confia ou confia muito pouco (baixa confiança): junção dos níveis de confiança de zero a três;
b) confiança média: de quatro a sete;
c) confia muito (alta confiança) é a de oito a dez.

Dos moradores entrevistados, o menor grau de confiança é nos políticos: 70,9% não confiam ou confiam muito pouco, 22,4% têm confiança média e apenas 4,7% confiam muito. Em seguida, o grau de confiança é menor no poder judiciário: 24,1% afirmaram ter baixa confiança, 51,7% têm graus entre 4 e 7, enquanto 20,2% confiam muito.

O grau de confiança é maior no corpo de bombeiros (3,3% têm baixa confiança enquanto 78,7% confiam muito) e na Igreja (5,4% confiam nada ou muito pouco, já 67,5% confiam muito).

Nas polícias civil e militar o grau de confiança é mais bem distribuído: 14,8% confiam muito pouco, na primeira e 14,5% têm baixa confiança na segunda. Mas, 35,9% confiam muito na polícia militar e 35,3%, na polícia civil.

Gráfico 2.1: Grau de confiança em grupos e instituições selecionadas – Minas Gerais – 2013




Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

A distribuição dos níveis de confiança por região de planejamento é bastante parecida (tab. 2.1 e 2.2). Considerando os políticos, a baixa confiança varia entre 65,5% dos respondentes no Jequitinhonha/Mucuri (a menor proporção) e 75,9 no Triângulo (a maior porcentagem). O alto grau de confiança nos políticos varia de 3,1% na região Central de Minas a 7,3% no Norte de Minas. A baixa confiança no poder judiciário vai de 16,9% no Norte de Minas (menor proporção) a 33,1% no Noroeste (maior proporção). E a alta confiança, está entre 17,6% na Zona da Mata e 31,3% no Jequitinhonha/Mucuri.

Na Igreja, nota-se que a confiança baixa atinge 2,9% dos respondentes no Norte de Minas a 6,5% no Sul de Minas. A menor proporção de respondentes com alta confiança na Igreja é encontrada na região Central (63,8%) e no Triângulo (65,6%). A maior proporção de alta confiança está no Centro Oeste (79%). No corpo de bombeiros, a baixa confiança varia de 1,4% no Norte de Minas e 1,5% no Triângulo a 10,7% no Noroeste de Minas, enquanto a alta confiança varia de 72,8% na região Noroeste a 86,4% no Triângulo.

Nas instituições policiais os resultados são os seguintes: a baixa confiança na Polícia Militar atinge 10% dos respondentes no Norte de Minas (menor proporção) a 18,5% no Noroeste (maior proporção); já a alta confiança varia de 33,6% na região Central, 33,3% na Zona da Mata a 43,2% no Jequitinhonha/Mucuri. Na Polícia Civil a distribuição é muito parecida: a menor proporção de respondentes com baixa confiança é encontrada no Norte de Minas (10,4%) e a mais alta proporção de baixa confiança se dá na Zona da Mata (18,3%), Centro Oeste (16,2%), Central (15,9%) e Sul de Minas (15,7%); já a confiança alta é manifestada por 33,5% na região Central, 34,1% no Triângulo e 34,3% dos respondentes no Noroeste., chegando a 42,5% no Jequitinhonha/Mucuri e 42,7% no Rio Doce. Nota-se ainda que, dentre os entrevistados, na região Noroeste, concentram-se as taxas de baixa confiança em relação à maioria das instituições elencadas na pesquisa.

Tabela 2.1: Proporção de respondentes com baixa confiança em grupos e instituições selecionadas e por região de planejamento – Minas Gerais – 2013

| Especificação | Poder Judiciário | Igreja | Imprensa | Polícia Militar | Polícia Civil | Corpo de Bombeiros | Políticos |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Central | 25,2 | 6,3 | 9,8 | 15,2 | 15,9 | 2,2 | 74,9 |
| Zona da Mata | 27,6 | 6,0 | 17,5 | 18,3 | 18,1 | 4,1 | 74,4 |
| Sul | 23,9 | 6,5 | 11,1 | 15,5 | 15,7 | 5,4 | 70,9 |
| Triângulo | 26,9 | 6,4 | 9,2 | 10,9 | 12,1 | 1,5 | 75,9 |
| Alto Paranaíba | 29,1 | 3,9 | 9,8 | 13,1 | 13,6 | 5,4 | 70,5 |
| Centro Oeste | 28,8 | 4,0 | 12,2 | 15,7 | 16,2 | 4,1 | 73,1 |
| Noroeste | 33,1 | 5,6 | 17,7 | 18,5 | 18,0 | 10,7 | 75,7 |
| Norte | 16,9 | 2,9 | 6,9 | 10,0 | 10,4 | 1,4 | 67,8 |
| Jequitinhonha/Mucuri | 18,1 | 3,7 | 12,6 | 13,7 | 14,1 | 7,5 | 65,5 |
| Rio Doce | 25,7 | 4,3 | 13,0 | 15,1 | 15,6 | 3,1 | 66,2 |
| **MinasGerais** | **25,1** | **5,5** | **11,3** | **14,9** | **15,3** | **3,5** | **72,3** |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Tabela 2.2: Proporção de respondentes com alta confiança em instituições selecionadas e em políticos por região de planejamento – Minas Gerais – 2013

| Especificação | Poder Judiciário | Igreja | Imprensa | Polícia Militar | Polícia Civil | Corpo de Bombeiros | Políticos |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Central | 19,0 | 63,8 | 41,0 | 33,6 | 33,5 | 86,0 | 3,1 |
| Zona da Mata | 17,6 | 70,9 | 33,4 | 33,3 | 34,3 | 82,7 | 6,0 |
| Sul | 23,9 | 69,9 | 42,0 | 37,2 | 37,8 | 82,3 | 5,9 |
| Triângulo | 19,3 | 65,6 | 40,4 | 35,5 | 34,1 | 86,4 | 3,3 |
| Alto Paranaíba | 20,1 | 73,5 | 39,8 | 40,0 | 39,9 | 83,0 | 4,5 |
| Centro Oeste | 18,2 | 79,0 | 38,4 | 39,1 | 39,2 | 85,2 | 4,4 |
| Noroeste | 24,5 | 74,3 | 36,9 | 35,9 | 34,3 | 72,8 | 5,9 |
| Norte | 26,8 | 71,0 | 37,4 | 42,4 | 39,8 | 84,2 | 7,3 |
| Jequitinhonha/Mucuri | 31,3 | 72,8 | 41,2 | 43,2 | 42,5 | 73,0 | 7,0 |
| Rio Doce | 22,3 | 73,5 | 41,2 | 42,7 | 41,8 | 83,7 | 6,7 |
| **Minas Gerais** | **21,0** | **68,9** | **39,7** | **36,7** | **36,5** | **83,9** | **4,8** |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

## 2.2. Percepção das características da vizinhança

Vizinhança pode ser vista como uma construção espacial cujas circunstâncias são compartilhadas pelos habitantes que nela residem. As características da vizinhança podem fortalecer ou enfraquecer o suporte e a coesão social, influenciando na saúde, qualidade de vida, na segurança e criminalidade do lugar. “No contexto urbano, a vizinhança seria de fato, frequentemente, considerada como a unidade mais primária de solidariedade real ou potencial e de coesão social” (SANTOS, 2008, p. 13) e, neste sentido, alude uma combinação de valores, circunstâncias, relações sociais, preocupações compartilhadas (SANTOS, 2008).

Nessa discussão é relevante atentar que características sociais e físicas dos espaços podem funcionar como fatores que mudam o risco objetivo e percebido de vitimização (WARR, 1990). Os teóricos da desorganização social e a abordagem das "janelas quebradas" demonstram a influência dos aspectos físicos e sociais da vizinhança, como a presença de prédios abandonados, lixo acumulado, prostituição, tanto na percepção do risco quanto no risco objetivo das pessoas.

Nesse sentido, o grau de estruturação ou desorganização urbana pode estar relacionado com outros fatores vinculados à percepção de violência e de medo da população. Por isso a PAD-MG investigou alguns indicadores de organização urbana para os residentes da RMBH, como a iluminação e pavimentação das ruas, os locais para a realização de esportes ou para lazer, as guaritas, orelhões, lixeiras e passarelas, o transporte público e o policiamento ostensivo.

Os moradores entrevistados pela PAD-MG avaliam que a iluminação das ruas de sua vizinhança é boa (46,3%) ou regular (33,1%). A pavimentação das ruas também é bem avaliada, 36,6% como boa e 34,7% como regular. Assim como o transporte público (34,5% como bom e 33,6% como regular). A pior avaliação é dos espaços públicos destinados ao lazer e esportes – 21,1% avaliam como muito ruim, 26,7% como ruim – (tab. 2.3).

Tabela 2.3: Avaliação dos moradores dos domicílios do grau de infraestrutura urbana – Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2013

| Infraestrutura urbana | Avaliação (%) | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | Muito bom | Bom | Regular | Ruim | Muito ruim |
| Iluminação das ruas | 2,9 | 46,3 | 33,1 | 9,7 | 7,0 |
| Pavimentação | 2,4 | 36,6 | 34,7 | 13,6 | 12,6 |
| Locais esporte/lazer | 0,8 | 17,1 | 30,2 | 26,7 | 21,2 |
| Guaritas, orelhões, lixeiras, passarelas | 0,5 | 15,6 | 37,5 | 28,6 | 14,0 |
| Transportes públicos | 1,3 | 34,5 | 33,6 | 17,1 | 12,4 |
| Policiamento ostensivo | 1,1 | 22,5 | 36,4 | 25,5 | 13,6 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Alguns indicadores que caracterizam os espaços são centrais para a teoria da desorganização social. A PAD-MG incorporou aqueles relativos às construções abandonadas na vizinhança, a existência de lixo ou entulho nas ruas, passeios públicos ou em lotes vagos de um lado, e de outro a existência de ações de desorganização como carros com som alto, pessoas alcoolizadas, moradores de rua, destruição de equipamentos coletivos, pichação, prostituição e uso ou venda de drogas.

De acordo com a percepção dos respondentes, na vizinhança de 74,7% dos domicílios pesquisados não existem construções abandonadas. Mas em 5,0% há muitos prédios

abandonados e em 19% poucos. Já a presença de muito lixo ou entulho é relatada por 20,1% dos respondentes e de pouco, por 32%. Em apenas 47,5% dos domicílios não é indicada a existência de lixo ou entulho na vizinhança. Resultado semelhante é encontrado para a presença de lixo e entulho ou mato alto em lotes vagos: 19,5% dos domicílios estão em vizinhança com muitos lotes vagos com essas características, 29,6% com poucos (tab. 2.4).

Analisa-se a distribuição dos indicadores de desorganização de acordo com a adequação dos domicílios. São considerados domicílios adequados para moradia aqueles que têm, ao mesmo tempo, abastecimento de água por rede geral, esgotamento sanitário por rede coletora ou fossa séptica, coleta de lixo direta ou indireta, iluminação elétrica e unidade sanitária domiciliar exclusiva. São inadequados, aqueles em que não há pelo menos um desses itens.

O resultado demonstra que há algumas diferenças das médias dos domicílios adequados para moradia e os com inadequação em pelo menos um item: 64,1% dos respondentes de domicílios com inadequação em um ou mais itens indicam que não existem prédios, casas ou galpões abandonados na vizinhança, contra 75,4% dos residentes em domicílios adequados para moradia. A ausência de lixo ou entulhos nas ruas é indicada por 34,1% dos respondentes dos domicílios com alguma inadequação e 48,4% dos adequados. Da mesma forma, não é relatada a existência de lotes vagos cheios de lixo ou mato alto em 28,9% dos domicílios sem inadequação na RMBH, contra 52% daqueles com alguma inadequação (tab. 2.4).

O indicador de desorganização do uso do espaço público mais relatado é o carro com som alto. Em 56,9% dos domicílios é narrada a presença de carro com som alto nos últimos 12 meses. Apenas em 23,1% dos domicílios, o respondente não ouviu nem viu carro com som alto, no tempo de referência. Em segundo lugar, aparece o uso de drogas ilegais nas ruas da vizinhança ou proximidades: 31,1% não viram nem ouviram falar de uso de drogas ilegais e 41,1% viram alguém fazer uso de drogas ilegais em sua vizinhança. O uso excessivo de bebidas alcoólicas na vizinhança é relatado por 41,6% dos respondentes, 19,7% já ouviram falar e 38,3% não viram nem ouviram falar. A venda de drogas ilegais é relatada por 28,2% dos entrevistados enquanto 38,5% não viram nem ouviram falar da existência dessa prática em sua vizinhança. Nota-se que esse é o quesito desse grupo de questões que teve a maior proporção de respostas não sabe/não responde (1%) (tab. 2.4).

Os indicadores investigados que menos foram relatados na vizinhança ou proximidade são: existência de flanelinhas (88,4% não viram nem ouviram falar da sua existência na vizinhança); seguida de pessoas se prostituindo (80,3%); pessoas praticando atos obscenos na rua (76%); camelôs na rua (73,2%); e pessoas fazendo xixi ou coco na rua (71,6%).

Verifica-se que 41,9% dos respondentes dos domicílios adequados para moradia indicam ter visto pessoas fazendo uso excessivo de bebidas alcoólicas nas ruas de sua vizinhança enquanto 19,7% já ouviram falar e 38,1% não viram, nem ouviram falar. Nos domicílios com alguma inadequação de infraestrutura, 36,2% viram, 20,7% já ouviram falar de pessoas fazendo uso excessivo de bebidas alcoólicas em sua vizinhança, e 42,1% não viram nem ouviram falar disso. A distribuição está bem parecida (tab. 2.4).

A variável carros com som alto apresenta distribuição diferente: são mais relatados pelos respondentes de domicílios sem inadequação do que por aqueles com alguma inadequação: 22,2% dos respondentes de domicílios sem inadequação afirmam não ter visto ou ouvido falar de carros com som alto, contra 36,9% dos entrevistados de domicílios com alguma inadequação.

A presença de camelôs na rua e de flanelinhas também é mais presente nas áreas em que os domicílios não apresentam inadequações. Em 27% desses, os respondentes já viram ou já ouviram falar de camelôs nas ruas da vizinhança, contra 14,1% dos domicílios com alguma inadequação. E, em 11,4% indicaram a presença de flanelinhas contra 1,2% dos domicílios com alguma inadequação.

Tabela 2.4-A: Distribuição da percepção dos moradores dos domicílios da vizinhança segundo tipo de domicílio – Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2013

(Continua)

| Percepção da característica da vizinhança | Domicílio | | |
|---|---|---|---|
| | Sem inadequação | Com inadequação em um ou mais itens (1) | Total |
| Existência de prédios, casas ou galpões abandonados | | | |
| Sim, muitos. | 4,8 | 7,5 | 5,0 |
| Sim, poucos | 18,7 | 23,9 | 19,0 |
| Não existem | 75,4 | 64,1 | 74,7 |
| Não sabe/Não responde | 1,1 | 4,5 | 1,3 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Existência de lixo ou entulho nas ruas e passeios públicos | | | |
| Sim, muitos. | 18,4 | 45,1 | 20,1 |
| Sim, poucos | 32,9 | 18,3 | 32,0 |
| Não existem | 48,4 | 34,1 | 47,5 |
| Não sabe/Não responde | 0,3 | 2,5 | 0,4 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Existência de lotes vagos cheios de lixo e entulho ou com mato alto | | | |
| Sim, muitos. | 17,7 | 45,6 | 19,5 |
| Sim, poucos | 29,9 | 24,4 | 29,6 |
| Não existem | 52,0 | 28,9 | 50,5 |
| Não sabe/Não responde | 0,4 | 1,0 | 0,4 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Carro com som alto | | | |
| Sim, já viu | 58,1 | 37,7 | 56,9 |
| Sim, já ouviu falar | 19,4 | 24,4 | 19,7 |
| Não viu nem ouviu falar | 22,2 | 36,9 | 23,1 |
| Não sabe/Não responde | 0,2 | 1,0 | 0,3 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Tabela 2.4-B: Distribuição da percepção dos moradores dos domicílios da vizinhança segundo tipo de domicílio – Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2013

(Continua)

| Percepção da característica da vizinhança | Domicílio | | |
|---|---|---|---|
| | Sem inadequação | Com inadequação em um ou mais itens (1) | Total |
| Flanelinhas (tomadores de conta de carros) na rua? | | | |
| Sim, já viu | 4,5 | 6,9 | 88,4 |
| Sim, já ouviu falar | 0 | 1,2 | 97,7 |
| Não viu nem ouviu falar | 4,2 | 6,5 | 89,0 |
| Não sabe/Não responde | 0,2 | 1,0 | 0,3 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Camelôs na rua? | | | |
| Sim, já viu | 17 | 9,8 | 16,6 |
| Sim, já ouviu falar | 10 | 4,3 | 9,7 |
| Não viu nem ouviu falar | 72,5 | 84,9 | 73,2 |
| Não sabe/Não responde | 0,5 | 1,0 | 0,5 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Pessoas fazendo uso excessivo de bebidas alcóolicas nas ruas | | | |
| Sim, já viu | 41,9 | 36,2 | 41,6 |
| Sim, já ouviu falar | 19,7 | 20,7 | 19,7 |
| Não viu nem ouviu falar | 38,1 | 42,1 | 38,3 |
| Não sabe/Não responde | 0,3 | 1,0 | 0,4 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Pessoas destruindo equipamentos coletivos | | | |
| Sim, já viu | 13,6 | 13,2 | 13,6 |
| Sim, já ouviu falar | 20,4 | 17,8 | 20,3 |
| Não viu nem ouviu falar | 65,5 | 68 | 65,7 |
| Não sabe/Não responde | 0,4 | 1,0 | 0,5 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Pessoas se prostituindo na rua | | | |
| Sim, já viu | 7,0 | 8,6 | 7,1 |
| Sim, já ouviu falar | 11,8 | 18,2 | 12,2 |
| Não viu nem ouviu falar | 80,9 | 71,7 | 80,3 |
| Não sabe/Não responde | 0,3 | 1,5 | 0,4 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Pessoas consumindo drogas ilegais na rua | | | |
| Sim, já viu | 41,5 | 33,9 | 41,1 |
| Sim, já ouviu falar | 26,5 | 37 | 27,1 |
| Não viu nem ouviu falar | 31,4 | 27,6 | 31,1 |
| Não sabe/Não responde | 0,6 | 1,6 | 0,7 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Pessoas vendendo drogas ilegais | | | |
| Sim, já viu | 28,3 | 27,5 | 28,2 |
| Sim, já ouviu falar | 31,8 | 39 | 32,3 |
| Não viu nem ouviu falar | 38,9 | 31,9 | 38,2 |
| Não sabe/Não responde | 1,0 | 1,6 | 1,0 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Pessoas praticando atos obscenos ou indecentes na rua? | | | |
| Sim, já viu | 10,0 | 8,3 | 9,9 |
| Sim, já ouviu falar | 13,7 | 14,6 | 13,8 |
| Não viu nem ouviu falar | 76,0 | 76,0 | 76,0 |
| Não sabe/não responde | 0,3 | 1,0 | 0,3 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Tabela 2.4-C: Distribuição da percepção dos moradores dos domicílios da vizinhança segundo tipo de domicílio – Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2013

(Conclusão)

| Percepção da característica da vizinhança | Domicílio | | |
|---|---|---|---|
| | Sem inadequação | Com inadequação em um ou mais itens (1) | Total |
| Pessoas fazendo xixi ou cocô na rua? | | | |
| Sim, já viu | 15,2 | 16,6 | 15,3 |
| Sim, já ouviu falar | 12,5 | 10,9 | 12,4 |
| Não viu nem ouviu falar | 71,8 | 69,4 | 71,6 |
| Não sabe/não responde | 0,5 | 3,1 | 0,6 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

(1) abastecimento de água por rede geral, esgotamento sanitário por rede coletora ou fossa séptica, coleta de lixo direta ou indireta, iluminação elétrica e unidade sanitária domiciliar exclusiva.

## 2.3 Percepção da existência de atos de violência na vizinhança

Outro grupo de questões investigou se o morador presenciou ou ouviu falar na vizinhança ou proximidade de atos de violência, como pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança, pessoas sendo mortas por arma de fogo, pessoas armadas brigando, mulheres sendo agredidas por parentes, policiais extorquindo ou intimidando pessoas na vizinhança, crianças ou adolescentes da vizinhança sendo vítimas de violência ou exploração, violência sexual de adultos ou crianças e adolescentes (tab. 2.6).

O ato de violência relatado com mais frequência foi ver pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança (12,3%), 28,1% ouviram falar, e em 59,4% dos domicílios não se viu ou ouviu falar. Em segundo lugar estão as variáveis pessoas sendo mortas por arma de fogo (10% já viram; 28,6% já ouviram falar e 61% não viram nem ouviram falar) e pessoas armadas brigando (12,5% já viram, 23,3% já ouviram falar e 63,8% não viram nem ouviram falar). Em seguida estão as mulheres sendo agredidas por companheiros, maridos ou parentes (7,9% já viram, 15,7% já ouviram falar e 76% não viram nem ouviram falar).

Já os atos de violência menos frequentes são: crianças ou adolescentes sendo vítimas de violência sexual (86,8% não viram nem ouviram falar); seguido por pessoas adultas sendo vítimas de violência sexual (86%); crianças ou adolescentes da vizinhança sendo vítimas de violência ou exploração (85,5%) e policiais extorquindo ou intimidando pessoas na vizinhança (84,6%).

Esse grupo de variáveis apresentou distribuição muito semelhante entre os domicílios com alguma inadequação de infraestrutura e aqueles sem inadequação. As que indicaram alguma

diferença são: pessoas sendo mortas por armas de fogo e pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança.

Constata-se que 40,6% dos respondentes dos domicílios sem inadequação de infraestrutura indicaram já ter visto ou ouvido falar de pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança contra 36,8% dos domicílios com alguma inadequação. E, 38,1% dos respondentes de domicílios sem inadequação afirmaram não ter visto ou ouvido falar de pessoas sendo mortas por armas de fogo em sua vizinhança, contra 45,6% dos respondentes dos domicílios com alguma inadequação.

Tabela 2.6-A: Distribuição da percepção dos moradores dos domicílios da existência de atos de violência na vizinhança segundo tipo de domicílio – Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) – 2013

(Continua)

| Existência de atos de violência | Domicílio | | |
|---|---|---|---|
| | Sem inadequação | Com inadequação em um ou mais itens (1) | Total |
| Pessoas armadas brigando [qualquer arma] | | | |
| Sim, já viu | 12,6 | 14,7 | 12,7 |
| Sim, já ouviu falar | 22,2 | 27,4 | 22,5 |
| Não viu nem ouviu falar | 64,8 | 56,8 | 64,3 |
| Não sabe/Não responde | 0,4 | 1,0 | 0,4 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Mulheres, que residem na sua vizinhança, sendo agredidas por seus maridos | | | |
| Sim, já viu | 7,9 | 7,3 | 7,9 |
| Sim, já ouviu falar | 15,6 | 16,7 | 15,7 |
| Não viu nem ouviu falar | 76,1 | 74,6 | 76,0 |
| Não sabe/Não responde | 0,3 | 1,5 | 0,4 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Pessoas adultas sendo vítimas de violência sexual | | | |
| Sim, já viu | 1,7 | 3,0 | 1,8 |
| Sim, já ouviu falar | 11,5 | 14,4 | 11,7 |
| Não viu nem ouviu falar | 86,4 | 80,6 | 86,0 |
| Não sabe/Não responde | 0,4 | 2,0 | 0,5 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Crianças ou adolescentes sendo vítimas de violência sexual | | | |
| Sim, já viu | 1,9 | 1,5 | 1,9 |
| Sim, já ouviu falar | 10,9 | 11,1 | 10,9 |
| Não viu nem ouviu falar | 86,9 | 85,5 | 86,8 |
| Não sabe/Não responde | 0,3 | 2,0 | 0,4 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança | | | |
| Sim, já viu | 12,6 | 7,9 | 12,3 |
| Sim, já ouviu falar | 28,0 | 28,9 | 28,1 |
| Não viu nem ouviu falar | 59,2 | 62,2 | 59,4 |
| Não sabe/Não responde | 0,2 | 1,0 | 0,2 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Tabela 2.6-B: Distribuição da percepção dos moradores dos domicílios da existência de atos de violência na vizinhança segundo tipo de domicílio – Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) – 2013

(Conclusão)

| Existência de atos de violência | Domicílio | | |
|---|---|---|---|
| | Sem inadequação | Com inadequação em um ou mais itens (1) | Total |
| Crianças ou adolescentes da vizinhança, agredidas ou vítimas de violência por seus pais | | | |
| Sim, já viu | 4,1 | 3,0 | 4,1 |
| Sim, já ouviu falar | 10,0 | 9,3 | 10,0 |
| Não viu nem ouviu falar | 85,5 | 85,8 | 85,5 |
| Não sabe/Não responde | 0,4 | 2,0 | 0,5 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Pessoas sendo mortas por armas de fogo | | | |
| Sim, já viu | 10,1 | 8,7 | 10,0 |
| Sim, já ouviu falar | 28,0 | 36,9 | 28,6 |
| Não viu nem ouviu falar | 61,5 | 53,4 | 61,0 |
| Não sabe/Não responde | 0,4 | 1,0 | 0,5 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Policiais extorquindo ou intimidando pessoas na vizinhança | | | |
| Sim, já viu | 4,2 | 3,7 | 4,2 |
| Sim, já ouviu falar | 10,4 | 10,8 | 10,5 |
| Não viu nem ouviu falar | 84,7 | 83,4 | 84,6 |
| Não sabe/Não responde | 0,7 | 2,0 | 0,8 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

(1) abastecimento de água por rede geral, esgotamento sanitário por rede coletora ou fossa séptica, coleta de lixo direta ou indireta, iluminação elétrica e unidade sanitária domiciliar exclusiva

## 3. SITUAÇÕES DE RISCO E PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA

Na análise de segurança da PAD-MG de 2013 foi investigada a percepção, por parte dos respondentes, de segurança e risco em algumas situações. As que podem gerar sensação de insegurança envolvem andar ou ficar sozinho em casa ou na rua durante o dia ou à noite. Também foi indagada a percepção de risco de vitimização para alguns eventos, tais como: ser roubado, sequestrado, agredido ou morto para diferentes circunstâncias. Por fim, investigou-se a mudança de alguns hábitos devido ao medo da violência. Por se tratar de uma abordagem subjetiva sobre a sensação de segurança da pessoa, essas questões foram dirigidas apenas para o respondente, com idade igual ou superior a 14 anos, ou seja, não foi investigada a percepção de risco e segurança para os demais membros do domicílio.

A tabela 3.1apresenta a percepção de segurança para as situações pesquisadas. Percebe-se que andar sozinho nas ruas da sua vizinhança à noite é a situação que provoca maior insegurança entre os respondentes - mais da metade dos investigados (58,7%) possuem esse sentimento quando somados os percentuais dos que afirmam sentir-se pouco seguro ou inseguro.

Em seguida, a situação que mais provoca insegurança é ficar sozinho em casa no período da noite: 42,4% se sentem pouco seguro ou inseguro. Observa-se, portanto, que situações que ocorrem no período da noite são as que representam maior insegurança entre os entrevistados.

Por outro lado, ficar na própria residência no período do dia é a circunstância que provoca menor insegurança, 73,8% dos respondentes se sentem muito seguros ou seguros quando se encontram nessa situação.

Tabela 3.1: Percepção de segurança para situações que podem gerar sensação de insegurança segundo respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

| Situações que podem gerar sensação de insegurança | Percepção de segurança (%) | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Muito seguro | Seguro | Pouco Seguro | Inseguro | NS/NR | Total |
| Andar sozinho nas ruas da sua vizinhança à noite | 3,8 | 37,0 | 27,4 | 31,3 | 0,6 | 100,0 |
| Andar sozinho nas ruas da sua vizinhança de dia | 5,4 | 60,9 | 22,2 | 11,2 | 0,3 | 100,0 |
| Ficar sozinho na residência à noite | 4,7 | 52,6 | 23,3 | 19,1 | 0,3 | 100,0 |
| Ficar sozinho na residência de dia | 6,4 | 67,4 | 18,2 | 7,8 | 0,3 | 100,0 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

A tabela 3.2 apresenta a classificação de risco para a ocorrência de alguns eventos investigados, segundo a percepção dos entrevistados. Para os respondentes, a situação que apresenta

maior risco é o de ser roubado/assaltado em outros locais da cidade (33,3%). A percepção do risco de ser roubado/assaltado na sua vizinhança também é alta (15,7%), sendo a terceira maior. O segundo evento com maior risco, na visão dos entrevistados, é o de ser agredido ou ameaçado de agressão em outros locais da cidade (16,4%). O risco de ser ferido ou morto por "bala perdida" em outros locais da cidade também aparece entre os cinco maiores (15,3%). Já o risco de sequestro ou agressão policial, seja na vizinhança seja em outros locais da cidade, e o risco de ser gravemente ferido ou assassinado na sua vizinhança são os eventos que apresentam menores riscos.

Outro ponto a destacar, é que, quando se analisa o mesmo tipo de evento, porém, em locais diferentes (na sua vizinhança ou em outro local da cidade) percebe-se que os entrevistados atribuem maior risco de ocorrência de vitimização de eventos criminosos longe do seu local de residência. Ou seja, na sua percepção, o risco de algum evento violento ocorrer é maior em outros locais da cidade do que na sua vizinhança. Pode-se inferir, portanto, que à medida que os indivíduos se afastam do seu local de residência, a sensação de insegurança aumenta.

Tabela 3.2: Classificação do risco por tipo de eventos criminosos segundo respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

| Tipo de eventos criminosos | Classificação do risco (%) | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | Grande ou muito grande | Médio | Pequeno ou muito pequeno | NS/NR | Total |
| Ser roubado / assaltado ou ameaçado de roubo / assalto | | | | | |
| Na vizinhança | 15,7 | 34,7 | 48,9 | 0,6 | 100,0 |
| Em outros locais da cidade | 33,3 | 36,4 | 29,2 | 1,0 | 100,0 |
| Ser agredido ou ameaçado de agressão | | | | | |
| Na vizinhança | 6,0 | 22,4 | 70,8 | 0,8 | 100,0 |
| Em outros locais da cidade | 16,4 | 33,0 | 49,0 | 1,6 | 100,0 |
| Ser sequestrado (raptado) | | | | | |
| Na sua vizinhança | 2,9 | 12,6 | 83,4 | 1,0 | 100,0 |
| Em outros locais da cidade | 7,3 | 19,5 | 71,7 | 1,5 | 100,0 |
| Ser gravemente ferido (machucado) ou morto de propósito [assassinato] | | | | | |
| Na sua vizinhança | 5,3 | 16,3 | 77,4 | 1,0 | 100,0 |
| Em outros locais da cidade | 12,8 | 26,4 | 59,3 | 1,5 | 100,0 |
| Ser ferido (machucado) ou morto por "bala perdida" | | | | | |
| Na sua vizinhança | 7,4 | 15,9 | 75,8 | 0,9 | 100,0 |
| Em outros locais da cidade | 15,3 | 25,9 | 57,0 | 1,8 | 100,0 |
| Ser vítima de violência policial (agredido ou extorquido) | | | | | |
| Na sua vizinhança | 3,9 | 13,5 | 81,1 | 1,4 | 100,0 |
| Em outros locais da cidade | 6,2 | 18,4 | 73,3 | 2,1 | 100,0 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

O medo da violência e a percepção de insegurança ou risco que ela gera pode fazer com que as pessoas mudem determinados hábitos do seu dia a dia. Dessa forma, foi investigada pela PAD-MG de 2013 a frequência com que os indivíduos alteram alguns costumes da sua rotina (tab. 3.3). Percebe-se que mais da metade dos investigados não evita usar transporte coletivo ou muda o caminho entre casa/trabalho ou escola. Esse resultado, principalmente para o caso de evitar usar transporte coletivo, pode ser devido à falta de alternativa em relação a outro tipo de transporte

que não o público. Evitar conversar com pessoas estranhas é o hábito mais frequentemente alterado no dia a dia devido ao medo da violência, seguido de evitar sair de casa à noite. Dos entrevistados, 28,4% afirmam evitar frequentemente conversar com estranho e 26,6% sair de casa à noite.

Tabela 3.3: Frequência da mudança de hábitos do dia a dia devido ao medo da violência segundo respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

| Mudança de hábitos do dia a dia devido ao medo da violência | Frequência (%) | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | Frequentemente | Às vezes | Nunca | NS/NR | Total |
| Evita sair de casa à noite | 26,6 | 32,8 | 40,2 | 0,3 | 100,0 |
| Evita conversar com pessoas estranhas | 28,4 | 41,1 | 30,2 | 0,3 | 100,0 |
| Deixa de ir a locais da cidade que gostaria ou precisaria ir | 15,1 | 34,3 | 50,3 | 0,3 | 100,0 |
| Evita usar algum transporte coletivo que gostaria ou precisaria usar | 6,4 | 22,0 | 69,3 | 2,2 | 100,0 |
| Muda o caminho entre a casa e o trabalho e/ou a escola | 7,1 | 24,5 | 67,5 | 0,9 | 100,0 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Quando se analisa a percepção de segurança e risco por região de planejamento observam-se variações marcantes entre as regiões, com diferença de mais de 20 pontos percentuais em alguns casos (tab. 3.4).

A região do Triângulo é a que apresenta a maior sensação de insegurança em todos os itens investigados. Em seguida, destacam-se a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e a região Centro Oeste. A RMBH possui a segunda maior proporção de respondentes que se sentem pouco seguros ou inseguros em andar sozinhos nas ruas da sua vizinhança, seja de dia seja de noite. Já a Centro Oeste é a que possui o segundo maior percentual de pessoas que se sentem inseguras em ficar sozinhas em sua residência independentemente do horário (dia ou noite). O Alto Paranaíba também aparece entre as quatro regiões com maior sensação de insegurança nos quesitos analisados. Em suma, os moradores dessas quatro regiões são os que apresentam maior percepção de insegurança.

Por outro lado, as regiões com menor proporção de pessoas que se sentem inseguras são Norte, Jequitinhonha/Mucuri e Central.

Tabela 3.4: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguros ou inseguros segundo região de planejamento e Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) – Minas Gerais – 2013

| Especificação | Percepção de pouca segurança ou insegurança (%) | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Andar sozinho nas ruas da vizinhança | | Ficar sozinho na residência | |
| | À noite | De dia | À noite | De dia |
| Central | 45,7 | 25,8 | 37,8 | 21,5 |
| Zona da Mata | 50,7 | 28,6 | 33,6 | 17,8 |
| Sul | 52,1 | 21,5 | 35,7 | 15,8 |
| Triângulo | 70,0 | 50,2 | 57,5 | 41,7 |
| Alto Paranaíba | 63,4 | 38,3 | 48,2 | 31,2 |
| Centro Oeste | 66,6 | 38,3 | 55,3 | 35,1 |
| Noroeste | 52,9 | 27,1 | 43,5 | 24,2 |
| Norte | 50,2 | 30,8 | 37,8 | 23,9 |
| Jequitinhonha//Mucuri | 48,6 | 27,1 | 43,0 | 23,7 |
| Rio Doce | 44,2 | 30,9 | 37,2 | 26,6 |
| RMBH | 69,6 | 39,3 | 45,5 | 29,5 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Apesar da sensação de insegurança ser maior no Triângulo, a percepção quanto ao risco de vitimização nessa região não é uma das mais altas entre as regiões, com exceção do risco de ser roubado na sua vizinhança, que apresentou o segundo maior percentual de risco grande ou muito grande. As maiores percepções de risco quanto à ocorrência de algum evento violento ocorrem nas regiões Centro Oeste, Rio Doce, Noroeste e RMBH (tab. 3.5).

Tabela 3.5: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo região de planejamento e Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) – Minas Gerais – 2013

| Percepção de risco grande ou muito grande para ocorrência de eventos criminosos | Central | Zona da Mata | Sul | Triângulo | Alto Paranaíba | Centro Oeste | Noroeste | Norte | Jequitinhonha/ Mucuri | Rio Doce | RMBH |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Ser roubado / assaltado ou ameaçado de roubo / assalto | | | | | | | | | | | |
| Na sua vizinhança | 12,2 | 15,5 | 10,4 | 23,1 | 19,9 | 23,6 | 14,8 | 12,7 | 9,8 | 15,9 | 16,7 |
| Em outros locais da cidade | 23,5 | 29,6 | 24,2 | 38,9 | 37,2 | 44,5 | 30,0 | 29,1 | 20,1 | 29,9 | 40,0 |
| Ser agredido ou ameaçado de agressão | | | | | | | | | | | |
| Na sua vizinhança | 3,6 | 7,1 | 3,6 | 6,4 | 7,8 | 9,6 | 7,4 | 3,2 | 4,3 | 9,4 | 5,9 |
| Em outros locais da cidade | 10,2 | 16,9 | 11,2 | 14,8 | 18,0 | 23,7 | 18,6 | 11,9 | 13,0 | 17,9 | 19,0 |
| Ser sequestrado (raptado) | | | | | | | | | | | |
| Na sua vizinhança | 1,5 | 2,2 | 1,1 | 3,6 | 3,1 | 6,1 | 4,4 | 1,3 | 1,9 | 6,3 | 3,1 |
| Em outros locais da cidade | 6,2 | 6,2 | 4,6 | 7,8 | 6,4 | 11,3 | 7,8 | 3,6 | 5,1 | 9,0 | 9,1 |
| Ser gravemente ferido (machucado) ou morto de propósito [assassinato] | | | | | | | | | | | |
| Na sua vizinhança | 3,2 | 5,0 | 2,4 | 4,8 | 6,4 | 8,0 | 8,4 | 3,1 | 3,6 | 9,2 | 5,8 |
| Em outros locais da cidade | 8,8 | 12,6 | 7,5 | 10,2 | 13,6 | 18,8 | 17,5 | 7,9 | 10,9 | 15,7 | 15,2 |
| Ser ferido (machucado) ou morto por "bala perdida" | | | | | | | | | | | |
| Na sua vizinhança | 4,0 | 8,1 | 1,9 | 4,5 | 6,9 | 8,6 | 11,0 | 4,9 | 3,7 | 11,7 | 10,0 |
| Em outros locais da cidade | 8,0 | 13,7 | 5,6 | 11,6 | 14,7 | 18,9 | 20,4 | 12,7 | 10,9 | 18,0 | 21,4 |
| Ser vítima de violência policial (agredido ou extorquido) | | | | | | | | | | | |
| Na sua vizinhança | 2,2 | 4,4 | 2,5 | 3,9 | 4,7 | 5,0 | 3,6 | 2,4 | 1,6 | 6,2 | 4,5 |
| Em outros locais da cidade | 4,2 | 7,8 | 5,0 | 5,9 | 6,1 | 6,8 | 5,9 | 3,7 | 4,3 | 8,0 | 7,0 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

A região Sul é a que apresentou a menor percepção de risco para a ocorrência dos eventos investigados, seguida das regiões Central, Norte e Jequitinhonha/Mucuri.

A maior sensação de insegurança percebida na região do Triângulo coincide com a mudança frequente de hábitos devido ao medo da violência. Nessa região, frequentemente as pessoas evitam sair de casa à noite (34%), usar algum transporte coletivo que gostaria ou precisaria (11,6%) e mudam o caminho entre casa e o trabalho/escola (11,8%). Também possui a segunda maior porcentagem de pessoas que evitam conversar com pessoas estranhas (30,4%) e deixam de ir a locais da cidade que gostariam ou precisariam ir (17,9%). Na RMBH, a mudança mais frequente de hábitos devido à violência é evitar conversar com pessoas estranhas (31,1%).

Por outro lado, nas regiões Central, Norte e Jequitinhonha/Mucuri há menor porcentagem de pessoas que mudam frequentemente os hábitos investigados devido à violência.

Tabela 3.6: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo região de planejamento e Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) – Minas Gerais – 2013

| Especificação | Mudança de hábitos devido ao medo da violência | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | Evita sair de casa à noite | Evita conversar com pessoas estranhas | Deixa de ir a locais da cidade que gostaria ou precisaria ir | Evita usar algum transporte coletivo que gostaria ou precisaria usar | Muda o caminho entre a casa e o trabalho e/ou a escola |
| Central | 19,4 | 22,8 | 9,1 | 3,7 | 2,8 |
| Zona da Mata | 26,0 | 32,1 | 19,1 | 6,0 | 4,3 |
| Sul | 24,7 | 29,1 | 13,7 | 5,2 | 6,8 |
| Triângulo | 34,0 | 30,4 | 17,9 | 11,6 | 11,8 |
| Alto Paranaíba | 26,3 | 25,6 | 11,6 | 3,8 | 6,8 |
| Centro Oeste | 28,9 | 28,7 | 17,0 | 7,8 | 6,4 |
| Noroeste | 26,0 | 26,8 | 9,9 | 5,4 | 4,9 |
| Norte | 24,4 | 22,2 | 8,8 | 3,5 | 2,9 |
| Jequitinhonha/Mucuri | 20,9 | 17,4 | 10,6 | 4,2 | 3,0 |
| Rio Doce | 21,8 | 27,0 | 14,6 | 6,9 | 6,6 |
| RMBH | 29,6 | 31,1 | 17,5 | 7,9 | 10,0 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

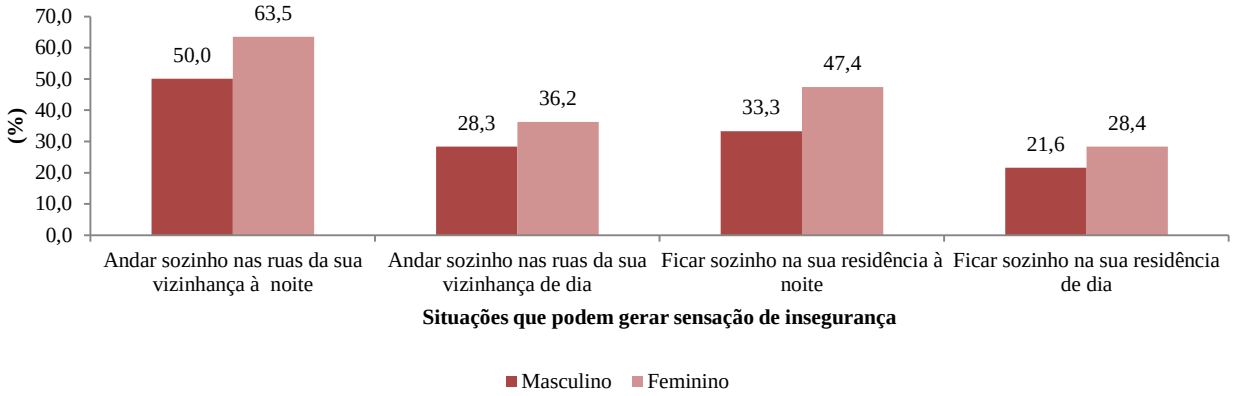
A percepção de segurança ou risco pode estar associada a algumas características da pessoa como sexo, idade e escolaridade ou a características do domicílio, como renda domiciliar *per capita*. Dessa forma, os quesitos relacionados à situação de risco e percepção de segurança foram analisados segundo algumas características dos respondentes ou do domicílio em que eles residem.

### 3.1. Medo e percepção de risco segundo perfis individuais

O gráfico 3.1 mostra o percentual de homens e mulheres que se sentem pouco seguros ou inseguros em determinada situação. Percebe-se que as mulheres possuem maior

sensação de insegurança que os homens. A diferença entre homens e mulheres quanto ao sentimento de insegurança é maior nos eventos que ocorrem durante a noite.

Gráfico 3.1: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo o sexo – Minas Gerais – 2013




Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Com relação à percepção de risco, as mulheres atribuem maior risco de serem vítimas de eventos criminosos que os homens, independentemente se esses eventos ocorrem na sua vizinhança ou em outro local da cidade. Entretanto, a porcentagem de homens que acham que é grande ou muito grande o risco de ser vítima de violência policial é maior que para as mulheres (tab. 3.7).

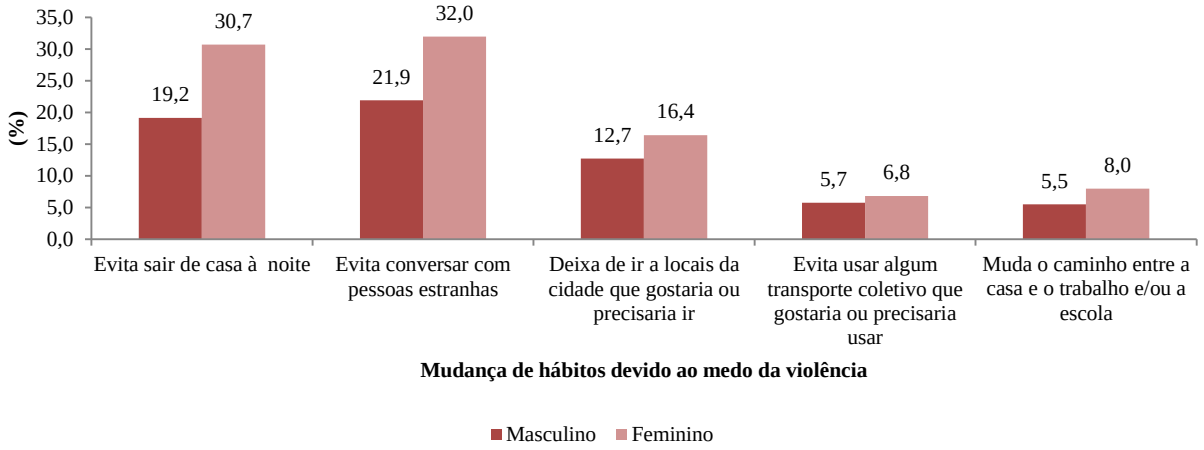
Tabela 3.7: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo sexo – Minas Gerais – 2013

| Percepção de risco grande ou muito grande para ocorrência eventos criminosos | Sexo | |
|---|---|---|
| | Masculino | Feminino |
| Ser roubado / assaltado ou ameaçado de roubo / assalto<br>Na sua vizinhança | 15,1 | 16,1 |
| Em outros locais da cidade | 31,9 | 34,0 |
| Ser agredido ou ameaçado de agressão<br>Na sua vizinhança | 5,7 | 6,1 |
| Em outros locais da cidade | 16,2 | 16,5 |
| Ser sequestrado (raptado)<br>Na sua vizinhança | 3,0 | 2,9 |
| Em outros locais da cidade | 6,9 | 7,5 |
| Ser gravemente ferido (machucado) ou morto de propósito [assassinato]<br>Na sua vizinhança | 4,8 | 5,5 |
| Em outros locais da cidade | 12,8 | 12,7 |
| Ser ferido (machucado) ou morto por "bala perdida"<br>Na sua vizinhança | 5,8 | 8,2 |
| Em outros locais da cidade | 13,9 | 16,1 |
| Ser vítima de violência policial (agredido ou extorquido)<br>Na sua vizinhança | 5,1 | 3,3 |
| Em outros locais da cidade | 7,2 | 5,7 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Provavelmente por possuírem maior sensação de insegurança e risco, as mulheres mudam mais frequentemente seus hábitos por medo da violência, principalmente quando se trata de sair de casa à noite e evitar conversar com pessoas estranhas. No caso das mulheres, 30,7% delas evitam frequentemente sair de casa à noite e 32% evitam conversar com pessoas estranhas. Para os homens, esses percentuais são de, respectivamente, 19,2% e 21,9%. A menor diferença entre homens e mulheres ocorre quando o hábito investigado é evitar usar algum transporte coletivo que gostaria ou precisaria (graf. 3.2).

Gráfico 3.2: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo o sexo– Minas Gerais – 2013

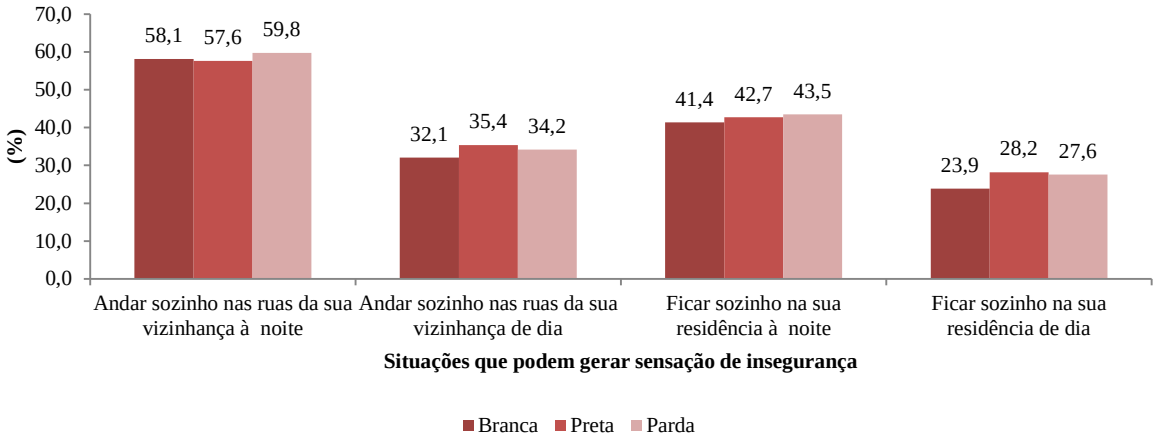



Fonte: Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Quando se analisa a percepção de segurança segundo a cor/raça do indivíduo, percebe-se que brancos possuem menor sensação de insegurança que pretos e pardos, com exceção de quando a situação é andar sozinho nas ruas da sua vizinhança à noite. Nesse caso é menor para as pessoas que se declaram pretas (graf. 3.3).

Com relação à percepção do risco de vitimização, de modo geral, brancos atribuem menor risco de ocorrência dos eventos estudados que pretos e pardos. Pretos atribuem maior risco de serem vítimas de “bala perdida”, na vizinhança ou em outros locais da cidade, vítimas de violência policial em outros locais da cidade e de serem gravemente feridos ou mortos de propósito na vizinhança ou em outros locais da cidade. Por outro lado, a proporção de pardos que acham que é grande ou muito grande o risco de serem roubados ou agredidos, independentemente do local, e de serem sequestrados em outros locais da cidade é maior.

Gráfico 3.3: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo a cor/raça – Minas Gerais – 2013




Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

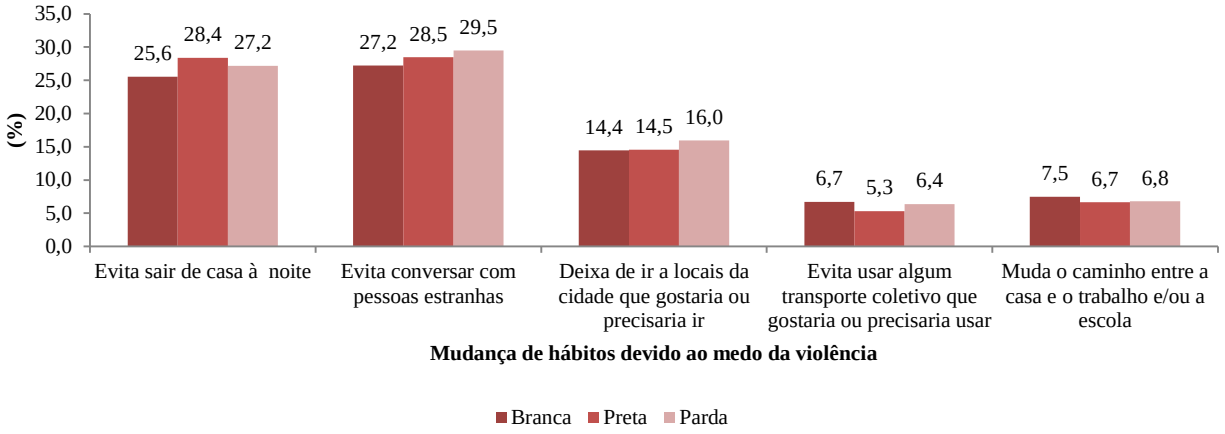
Tabela 3.8: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo a cor/raça– Minas Gerais – 2013

| Percepção de risco grande ou muito grande para ocorrência de eventos criminosos | Cor/raça | | |
|---|---|---|---|
| | Branca | Preta | Parda |
| Ser roubado / assaltado ou ameaçado de roubo / assalto | | | |
| Na sua vizinhança | 15,8 | 14,2 | 16,0 |
| Em outros locais da cidade | 31,4 | 31,2 | 35,7 |
| Ser agredido ou ameaçado de agressão | | | |
| Na sua vizinhança | 5,6 | 4,8 | 6,7 |
| Em outros locais da cidade | 14,4 | 15,0 | 18,9 |
| Ser sequestrado (raptado) | | | |
| Na sua vizinhança | 3,0 | 2,5 | 3,0 |
| Em outros locais da cidade | 6,3 | 7,3 | 8,3 |
| Ser gravemente ferido (machucado) ou morto de propósito [assassinato] | | | |
| Na sua vizinhança | 4,5 | 6,4 | 5,7 |
| Em outros locais da cidade | 9,9 | 16,4 | 14,7 |
| Ser ferido (machucado) ou morto por "bala perdida" | | | |
| Na sua vizinhança | 5,1 | 10,0 | 8,9 |
| Em outros locais da cidade | 11,5 | 19,0 | 18,1 |
| Ser vítima de violência policial (agredido ou extorquido) | | | |
| Na sua vizinhança | 2,9 | 4,5 | 4,9 |
| Em outros locais da cidade | 4,8 | 9,7 | 6,7 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP). Centro de Estatística e Informações (CEI)

O medo da violência altera de maneira parecida os hábitos de brancos, pretos e pardos. Porém, os pretos evitam com maior frequência sair à noite (28,4%) que pardos (27,2%) e brancos (25,6%). Por outro lado, evitar usar transporte coletivo ou mudar o caminho entre casa/trabalho ou escola é a situação menos alterada entre os pretos, quando comparados com brancos e pardos (gráf. 3.4).

Gráfico 3.4: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo a cor/raça– Minas Gerais – 2013




Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

A percepção de segurança e risco também pode mudar segundo a idade do indivíduo (tab. 3.9). Há uma proporção menor de pessoas mais jovens (14 a 24 anos) que se sentem inseguras ou pouco seguras em andar sozinhas nas ruas da vizinhança de dia (28,4%) e ficar sozinhas na residência de dia (24,2%). Já a proporção de jovens que se sentem inseguros em andar sozinhos nas ruas da vizinhança durante a noite é maior que para as demais faixas etárias (59,7%). Por outro lado, a porcentagem de pessoas idosas (65 anos ou mais) que se sentem inseguras em andar sozinhas nas ruas da vizinhança durante a noite é menor (57,9%) e maior para andar sozinhas de dia (35,8%) e ficar sozinhas na sua residência durante a noite (29,2%).

Tabela 3.9: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo grupos etários – Minas Gerais – 2013

| Situações que podem gerar sensação de insegurança | Grupo etário (anos) | | | |
|---|---|---|---|---|
| | 14 a 24 | 25 a 44 | 45 a 64 | 65 ou mais |
| Andar sozinho nas ruas da sua vizinhança à noite | 59,7 | 59,2 | 58,1 | 57,9 |
| Andar sozinho nas ruas da sua vizinhança de dia | 28,4 | 34,1 | 33,4 | 35,8 |
| Ficar sozinho na sua residência à noite | 42,4 | 43,5 | 41,2 | 42,0 |
| Ficar sozinho na sua residência de dia | 24,2 | 26,0 | 25,4 | 29,2 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Apesar das diferenças na sensação de insegurança segundo grupos etários não serem expressivamente diferentes (tab. 3.9), na percepção dos riscos, essa diferença é maior (tab. 3.10).

Na maioria dos eventos analisados há uma maior proporção de jovens que atribuem um risco grande ou muito grande para a ocorrência dos eventos analisados em relação às demais

faixas etárias, com exceção de ser roubado na sua vizinhança. Destaca-se o risco de ser vítima de agressão policial, cuja porcentagem de jovens que acreditam ser grande a chance de ocorrência desse fato, independentemente do local, é bem maior que para as demais faixas etárias. Ressalta-se, também, que a percepção desse risco diminui com a idade. Enquanto 11,4% dos jovens de 14 a 24 anos acham que é grande ou muito grande o risco de ser vítima da polícia, apenas 3,6% dos mais idosos (acima de 65 anos) consideram grande esse risco. No caso da agressão policial ocorrer na vizinhança, esses valores são de 8,1% e 2,4%, respectivamente.

Tabela 3.10: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo grupos etários – Minas Gerais – 2013

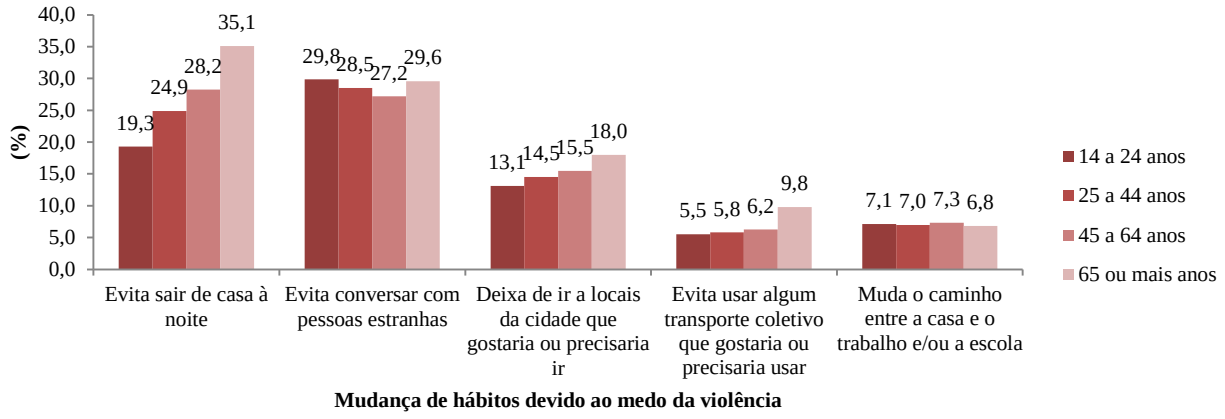
| Percepção de risco grande ou muito grande para ocorrência de eventos criminosos | Grupo etário (anos) | | | |
|---|---|---|---|---|
| | 14 a 24 s | 25 a 44 | 45 a 64 | 65 ou mais |
| Ser roubado / assaltado ou ameaçado de roubo / assalto | | | | |
| Na sua vizinhança | 15,8 | 15,4 | 16,2 | 15,5 |
| Em outros locais da cidade | 36,7 | 33,9 | 33,2 | 28,2 |
| Ser agredido ou ameaçado de agressão | | | | |
| Na sua vizinhança | 7,3 | 5,5 | 6,5 | 5,1 |
| Em outros locais da cidade | 19,0 | 16,4 | 16,1 | 14,7 |
| Ser sequestrado (raptado) | | | | |
| Na sua vizinhança | 3,8 | 2,4 | 3,1 | 3,3 |
| Em outros locais da cidade | 10,3 | 6,4 | 7,6 | 6,7 |
| Ser gravemente ferido (machucado) ou morto de propósito [assassinato] | | | | |
| Na sua vizinhança | 6,9 | 5,3 | 4,8 | 4,4 |
| Em outros locais da cidade | 16,3 | 13,4 | 11,3 | 10,9 |
| Ser ferido (machucado) ou morto por "bala perdida" | | | | |
| Na sua vizinhança | 9,3 | 8,1 | 6,9 | 4,4 |
| Em outros locais da cidade | 18,5 | 16,8 | 14,1 | 10,4 |
| Ser vítima de violência policial (agredido ou extorquido) | | | | |
| Na sua vizinhança | 8,1 | 3,7 | 3,3 | 2,4 |
| Em outros locais da cidade | 11,4 | 6,3 | 5,2 | 3,6 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Com relação à mudança de hábitos devido ao medo da violência, embora os jovens atribuam maior risco para a ocorrência de eventos violentos, eles são os que menos alteram a sua rotina devido a esse risco, principalmente no caso de evitar sair de casa à noite. Se apenas 19,3% dos jovens deixam de sair de casa à noite frequentemente, entre os idosos esse percentual é de 35,1%.

Deixar de ir a locais da cidade que gostaria ou precisaria ir e utilizar transporte coletivo também apresenta uma correlação positiva com a idade, sendo esse último bem maior para os idosos.

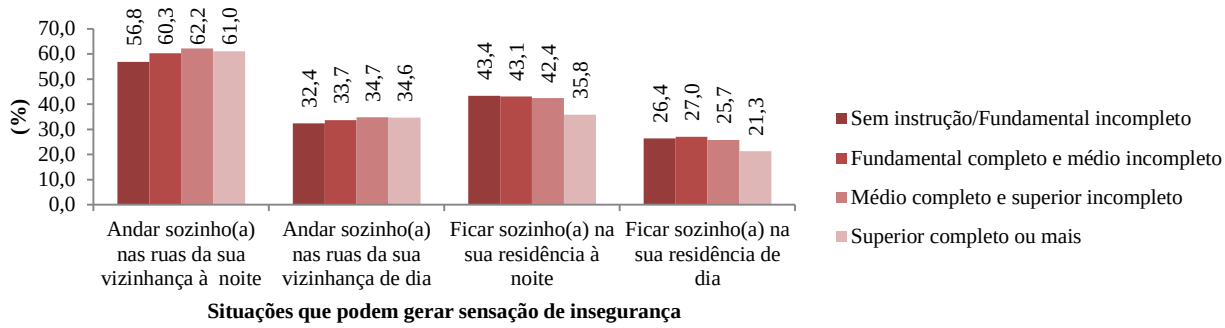
Gráfico 3.5: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo grupos etários – Minas Gerais – 2013




Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

A percepção de segurança segundo o nível de instrução do indivíduo não apresenta diferenças marcantes, porém, algum padrão pode ser detectado. De modo geral, o nível de insegurança aumenta com a escolaridade em situações relacionadas a andar sozinho na rua, independentemente do horário. Entre as pessoas sem instrução ou com fundamental incompleto, 56,8% se sentem inseguros ou pouco seguros em andar sozinhos nas ruas durante a noite em sua vizinhança. Já para os indivíduos com pelo menos o superior completo, esse percentual é de 61%. Por outro lado, a sensação de insegurança diminui com a escolaridade quando a situação é ficar na própria residência seja durante a noite ou dia.

Gráfico 3.6: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo o nível de instrução – Minas Gerais – 2013




Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

De maneira semelhante ao que ocorre para a percepção de segurança, não há um padrão muito claro entre algumas situações de risco e o nível de instrução. Observa-se, porém, que

as pessoas com maior nível de instrução percebem maior risco de assalto ou roubo em sua vizinhança ou em outro local da cidade. O risco de ser sequestrado também é maior para os mais escolarizados. Já o risco de ser vítima de violência policial é maior para o grupo que possui fundamental completo ou médio incompleto. O risco de ser ferido ou morto por "bala perdida" é menor entre os indivíduos que possuem superior completo, assim como o risco de ser vítima de agressão policial.

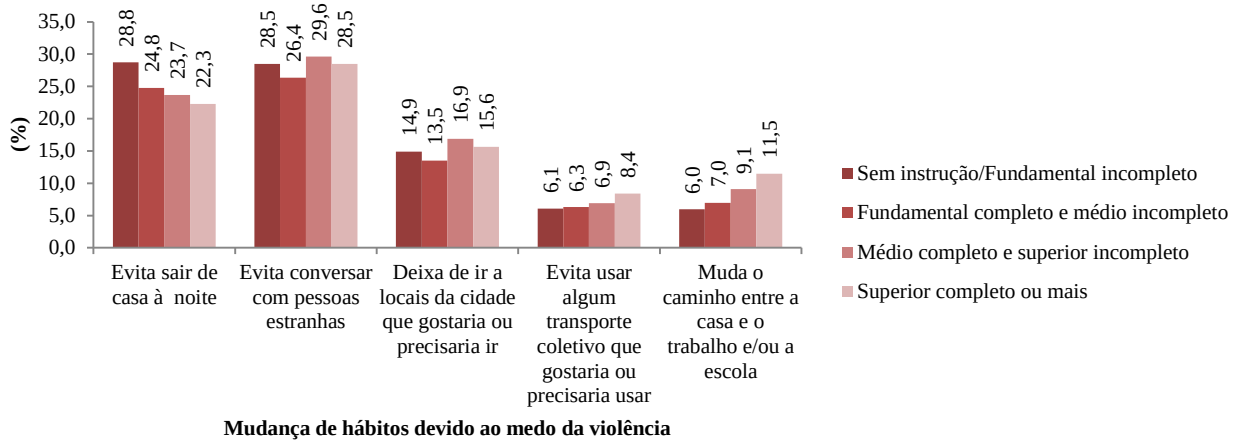
Tabela 3.11: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo o nível de instrução– Minas Gerais – 2013

| Percepção de risco grande ou muito grande para ocorrência de eventos criminosos | Nível de instrução | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Sem instrução/Fundamental incompleto | Fundamental completo e médio incompleto | Médio completo e superior incompleto | Superior completo ou mais |
| Ser roubado / assaltado ou ameaçado de roubo / assalto | | | | |
| Na sua vizinhança | 15,0 | 16,1 | 16,4 | 19,7 |
| Em outros locais da cidade | 31,7 | 32,3 | 36,3 | 39,0 |
| Ser agredido ou ameaçado de agressão | | | | |
| Na sua vizinhança | 6,2 | 5,9 | 5,5 | 6,4 |
| Em outros locais da cidade | 15,8 | 17,2 | 18,1 | 15,5 |
| Ser sequestrado (raptado) | | | | |
| Na sua vizinhança | 2,7 | 2,9 | 3,1 | 4,1 |
| Em outros locais da cidade | 6,5 | 7,5 | 8,9 | 7,8 |
| Ser gravemente ferido (machucado) ou morto de propósito [assassinato] | | | | |
| Na sua vizinhança | 4,9 | 5,9 | 5,9 | 4,0 |
| Em outros locais da cidade | 12,1 | 12,9 | 15,1 | 9,6 |
| Ser ferido (machucado) ou morto por "bala perdida" | | | | |
| Na sua vizinhança | 7,0 | 8,5 | 8,3 | 5,1 |
| Em outros locais da cidade | 14,4 | 16,4 | 18,0 | 11,9 |
| Ser vítima de violência policial (agredido ou extorquido) | | | | |
| Na sua vizinhança | 3,7 | 6,1 | 3,8 | 2,7 |
| Em outros locais da cidade | 5,8 | 8,3 | 6,6 | 4,3 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

A proporção de pessoas que frequentemente evitam sair à noite com medo da violência é maior entre as pessoas menos escolarizadas. Por outro lado, os indivíduos mais escolarizados evitam com mais frequência usar transporte coletivo por medo da violência. Cabe destacar que a maior diferença entre mudanças de rotina ocorre quando o hábito investigado é a mudança do caminho da casa para o trabalho ou escola, sendo mais frequente quanto maior o nível de instrução do indivíduo. Enquanto 6% das pessoas sem instrução ou com fundamental incompleto dizem mudar o caminho da casa/trabalho com frequência, para os indivíduos com superior completo ou mais esse percentual é de 11,5%.

Gráfico 3.7: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo o nível de instrução – Minas Gerais – 2013




Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

## 3.2. Medo e percepção de risco segundo perfis de domicílios

Para analisar o medo e a percepção de risco, segundo os perfis do domicílio, considerou-se questões relacionadas à infraestrutura do domicílio e à renda domiciliar *per capita*.

Para analisar a infraestrutura do domicílio foi calculado um índice de inadequação do domicílio. Esse índice considera como domicílio inadequado aquele que não possui ao menos um dos seguintes serviços básicos: iluminação elétrica, abastecimento de água, esgotamento sanitário e coleta de lixo. Também considerou como inadequado o domicílio que não possui unidade sanitária domiciliar exclusiva. Em Minas Gerais, cerca de 16,2% dos municípios possuem algum tipo de inadequação, sendo, portanto, uma proporção pequena entre os domicílios investigados.

Os moradores de domicílios com adequação de infraestrutura declaram maior sensação de insegurança do que os que residem em domicílios com algum tipo de inadequação, em qualquer uma das situações analisadas. A maior diferença ocorre na situação de andar sozinho nas ruas da sua vizinhança à noite. Enquanto 47,8% dos respondentes que moram em domicílios inadequados quanto à infraestrutura se sentem pouco seguros ou inseguros nessa situação, para os moradores de domicílios sem inadequação esse valor é de 60,9%.

Os domicílios com a falta de algum item de infraestrutura são aqueles com maior vulnerabilidade social, localizados em áreas mais pobres. Pode-se afirmar, portanto, que nas áreas mais vulneráveis a sensação de insegurança é menor.

Tabela 3.12: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo a adequação de infraestrutura do domicílio – Minas Gerais – 2013

| Situações que podem gerar sensação de insegurança | Adequação de infraestrutura do domicílio | |
|---|---|---|
| | Sem inadequação | Com inadequação em um ou mais itens (1) |
| Andar sozinho nas ruas da sua vizinhança à noite | 60,9 | 47,8 |
| Andar sozinho nas ruas da sua vizinhança de dia | 34,7 | 27,2 |
| Ficar sozinho na sua residência à noite | 42,9 | 39,8 |
| Ficar sozinho na sua residência de dia | 26,7 | 23,1 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

(1) abastecimento de água por rede geral, esgotamento sanitário por rede coletora ou fossa séptica, coleta de lixo direta ou indireta, iluminação elétrica e unidade sanitária domiciliar exclusiva.

A percepção de risco quanto à vitimização também é verificada de forma mais intensa entre os moradores de domicílios com adequação de infraestrutura. Maior diferença percentual é verificada para as situações de ser vítima de violência policial (agredido ou extorquido) e ser ferido (machucado) ou morto por "bala perdida", ambos na sua vizinhança (tab. 3.13).

Tabela 3.13: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto à percepção de risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo a adequação de infraestrutura do domicílio – Minas Gerais – 2013

| Percepção de risco grande ou muito grande para ocorrência de eventos criminosos | Adequação de infraestrutura do domicílio | |
|---|---|---|
| | Sem inadequação | Com inadequação em um ou mais itens (1) |
| Ser roubado / assaltado ou ameaçado de roubo / assalto | | |
| Na sua vizinhança | 16,2 | 13,6 |
| Em outros locais da cidade | 34,7 | 26,3 |
| Ser agredido ou ameaçado de agressão | | |
| Na sua vizinhança | 6,4 | 4,2 |
| Em outros locais da cidade | 17,0 | 13,9 |
| Ser sequestrado (raptado) | | |
| Na sua vizinhança | 3,1 | 2,2 |
| Em outros locais da cidade | 7,6 | 6,1 |
| Ser gravemente ferido (machucado) ou morto de propósito [assassinato] | | |
| Na sua vizinhança | 5,6 | 3,5 |
| Em outros locais da cidade | 13,3 | 10,5 |
| Ser ferido (machucado) ou morto por "bala perdida" | | |
| Na sua vizinhança | 8,1 | 3,8 |
| Em outros locais da cidade | 15,8 | 11,7 |
| Ser vítima de violência policial (agredido ou extorquido) | | |
| Na sua vizinhança | 4,4 | 1,8 |
| Em outros locais da cidade | 6,5 | 4,7 |

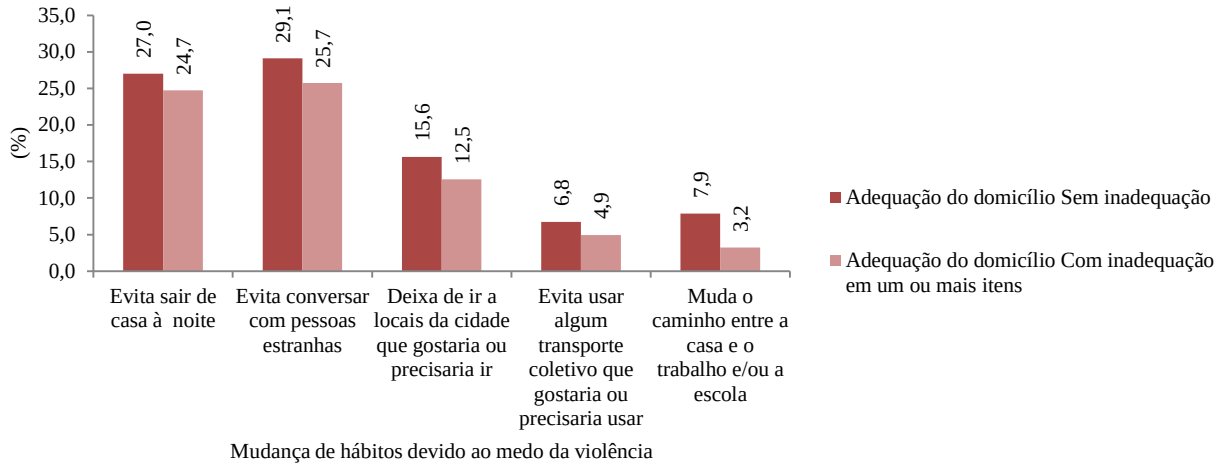
Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

(1) abastecimento de água por rede geral, esgotamento sanitário por rede coletora ou fossa séptica, coleta de lixo direta ou indireta, iluminação elétrica e unidade sanitária domiciliar exclusiva.

Provavelmente devido à maior sensação de insegurança, os moradores de domicílios com adequação de infraestrutura também são os que mais mudam seus hábitos por medo da violência. A maior diferença ocorre em relação a mudar o caminho entre casa/trabalho ou escola. A porcentagem de respondentes moradores de domicílios com adequação de infraestrutura que muda

frequentemente esse hábito é mais que o dobro dos que moram em domicílios com inadequação (gráf. 3.8).

Gráfico 3.8: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo a adequação de infraestrutura do domicílio – Minas Gerais – 2013




Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Também foram analisadas as percepções de segurança e risco separando os estratos de população segundo o quintil da renda domiciliar *per capita*. A diferença entre os quintis de renda para a sensação de segurança para os quesitos analisados é pequena. Grosso modo, andar sozinho nas ruas da sua vizinhança, seja durante o dia ou à noite, provoca maior insegurança quanto maior a renda *per capita* domiciliar, ou seja, é maior para os quintis mais elevados de renda (tab. 3.14).

Tabela 3.14: Percentual de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que se sentem pouco seguro ou inseguro segundo os quintis de renda domiciliar *per capita* – Minas Gerais – 2013

| Situações que podem gerar sensação de insegurança | *Quintis* de renda domiciliar *per capita* | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | 1º *quintil* | 2º *quintil* | 3º *quintil* | 4º *quintil* | 5º *quintil* |
| Andar sozinho nas ruas da sua vizinhança à noite | 56,1 | 60,5 | 59,4 | 61,2 | 62,3 |
| Andar sozinho nas ruas da sua vizinhança de dia | 30,4 | 34,1 | 34,2 | 33,9 | 34,7 |
| Ficar sozinho na sua residência à noite | 44,0 | 42,7 | 44,7 | 43,7 | 40,0 |
| Ficar sozinho na sua residência de dia | 24,4 | 24,8 | 27,3 | 27,6 | 24,5 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Com relação à percepção de risco de vitimização por *quintis* de renda domiciliar *per capita*, destaca-se: o risco de ser gravemente ferido ou assassinado e de ser vítima de violência policial, na sua vizinhança ou em outro local da cidade, é maior entre os mais pobres (1º *quintil*); já o risco de ser ferido ou morto por "bala perdida", independentemente do local, é menor para os

mais ricos (5º *quintil*) e, por fim, o risco de ser assaltado ou ameaçado de roubo, na vizinhança ou em outro local da cidade, é menor para os mais pobres (1º *quintil*). No geral, pessoas com menor renda domiciliar *per capita* percebem o risco maior para eventos criminosos (tab. 3.15).

Tabela 3.15: Proporção da percepção de moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos quanto ao risco grande ou muito grande para eventos criminosos segundo os *quintis* de renda domiciliar *per capita* – Minas Gerais – 2013

| Percepção de risco grande ou muito grande para ocorrência de eventos criminosos | *Quintis* de renda domiciliar *per capita* | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | 1º *quintil* | 2º *quintil* | 3º *quintil* | 4º *quintil* | 5º *quintil* |
| Ser roubado / assaltado ou ameaçado de roubo / assalto | | | | | |
| Na sua vizinhança | 15,2 | 16,8 | 15,5 | 15,4 | 17,1 |
| Em outros locais da cidade | 32,2 | 36,3 | 34,8 | 33,9 | 34,7 |
| Ser agredido ou ameaçado de agressão | | | | | |
| Na sua vizinhança | 7,1 | 6,0 | 5,8 | 6,2 | 5,1 |
| Em outros locais da cidade | 17,2 | 17,4 | 17,1 | 15,2 | 17,4 |
| Ser sequestrado (raptado) | | | | | |
| Na sua vizinhança | 3,0 | 2,5 | 2,5 | 2,8 | 3,5 |
| Em outros locais da cidade | 7,7 | 9,3 | 7,2 | 6,5 | 7,0 |
| Ser gravemente ferido (machucado) ou morto de propósito [assassinato] | | | | | |
| Na sua vizinhança | 7,2 | 4,6 | 4,7 | 5,0 | 4,6 |
| Em outros locais da cidade | 15,5 | 13,7 | 12,6 | 12,3 | 11,3 |
| Ser ferido (machucado) ou morto por "bala perdida" | | | | | |
| Na sua vizinhança | 8,6 | 7,6 | 6,9 | 8,0 | 4,9 |
| Em outros locais da cidade | 16,4 | 18,9 | 14,3 | 15,7 | 12,6 |
| Ser vítima de violência policial (agredido ou extorquido) | | | | | |
| Na sua vizinhança | 5,6 | 4,3 | 3,0 | 4,3 | 3,0 |
| Em outros locais da cidade | 8,8 | 6,8 | 5,2 | 6,2 | 4,1 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

A tabela 3.16 apresenta a mudança de hábitos devido ao medo da violência segundo *quintis* de renda domiciliar *per capita*. De modo geral, a frequência com que se evita sair à noite diminui com o aumento da renda, o mesmo ocorre para evitar conversas com estranhos. Por outro lado, quanto maior a renda *per capita* do domicílio maior a frequência com que os indivíduos evitam usar o transporte público e mudar a rotina casa/trabalho ou escola. Tal fato pode estar refletindo a questão da falta de alternativa para as pessoas mais pobres em relação à utilização de outro tipo de transporte que não o público.

Tabela 3.16: Proporção de respondentes dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos que mudam frequentemente de hábito do dia a dia devido ao medo da violência segundo os *quintis* de renda domiciliar *per capita* – Minas Gerais – 2013

| Mudança de hábitos devido a sensação de insegurança | *Quintis* de renda domiciliar *per capita* | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | 1º *quintil* | 2º *quintil* | 3º *quintil* | 4º *quintil* | 5º *quintil* |
| Evita sair de casa à noite | 28,8 | 29,7 | 28,5 | 26,1 | 23,4 |
| Evita conversar com pessoas estranhas | 28,7 | 31,4 | 30,4 | 28,6 | 26,2 |
| Deixa de ir a locais da cidade que gostaria ou precisaria ir | 15,6 | 18,2 | 14,6 | 14,9 | 14,6 |
| Evita usar algum transporte coletivo que gostaria ou precisaria usar | 6,2 | 5,9 | 6,6 | 6,8 | 7,6 |
| Muda o caminho entre a casa e o trabalho e/ou a escola | 4,8 | 7,1 | 7,7 | 7,9 | 8,0 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

# 4 VITIMIZAÇÃO CONTRA O PATRIMÔNIO

Esta seção tem o objetivo de verifcar a incidência de eventos de invasão ou arrombamento de domicílios, furto e roubo, a frequência com que estes eventos são comunicados às instituições de segurança pública e realização de registros instituicionais, além de descrever tais eventos, sempre em uma abordagem a partir das características domiciliares, segundo região de planejamento, domicílios rurais e urbanos, e nível de instrução do representante de domicílio.

## 4.1 Invasão ou arrombamento de domicílio

### **4.1.1** Caracterização geral dos eventos de invasão ou arrombamento de domicílio

Em um âmbito geral, nos 12 meses anteriores à pesquisa, 2,4% dos domicílios foram arrombados ou invadidos ao menos uma vez, e 57% desses casos não foram notificados às organizações policiais. Entre aqueles que recorreram à polícia, em 87,6% houve registro do evento de invasão de domicílio, porém praticamente metade (49,8%) dos domicílios avaliaram negativamente o modo de atuação das organizações policiais (tab. 4.1).

Tabela 4.1: Percentual de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa

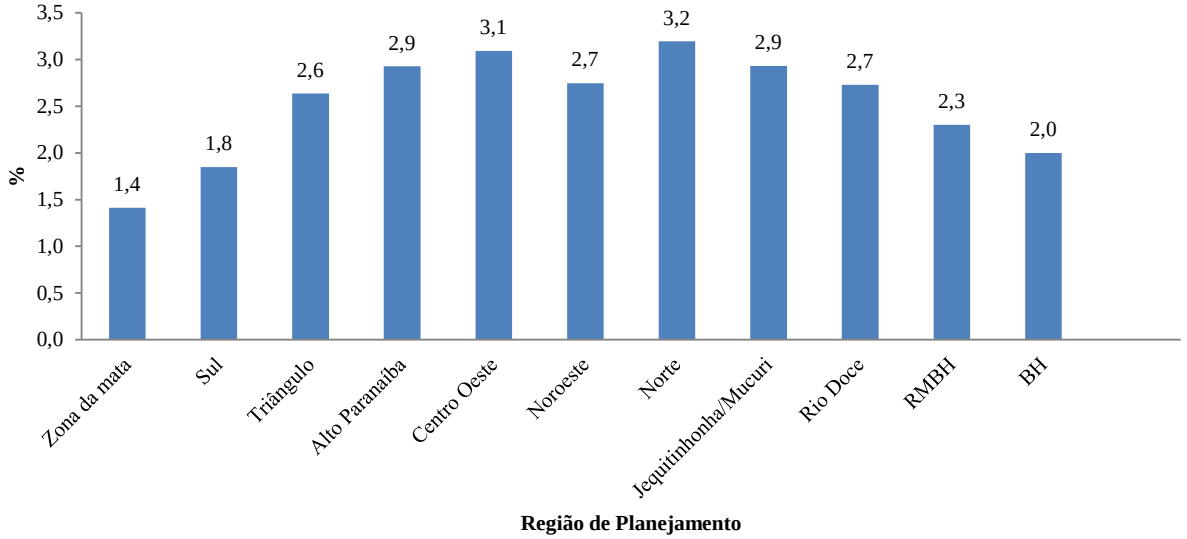
| Caracterização dos eventos de invasão e arrombamento de domicílios | % |
|---|---|
| Domicílios arrombados ou invadidos nos últimos 12 meses | 2,4 |
| Casos de invasão de domicílios em que organizações policiais não foram notificadas | 57,0 |
| Casos em que houve registro institucional do evento de invasão de domicílio | (1)87,6 |
| Avaliação negativa dos modos de atuação das organizações policiais | (1)49,8 |

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

(1) Percentuais calculados sobre os domicílios que realizaram notificações às instituições de segurança.

No que diz respeito às regiões de planejamento, a proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa varia de 1,4%, taxa relativa à Zona da Mata a 3,2%, taxa relativa ao Norte. Tanto a taxa de Belo Horizonte quanto a taxa da RMBH são relativamente baixas quando comparadas com as outras regiões de planejamento (gráf. 4.1).

Gráfico 4.1: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez por região de planejamento, Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e Belo Horizonte (BH) segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

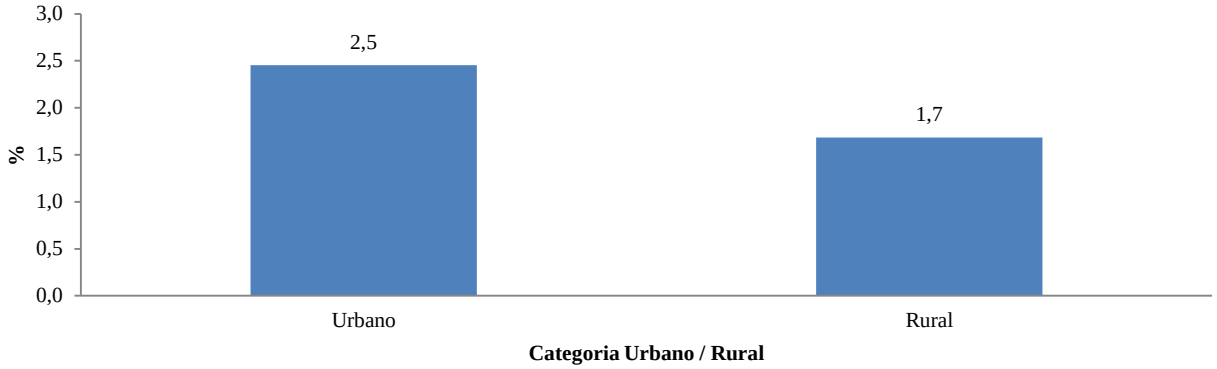



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Verifica-se que 2,5% dos domicílios em áreas urbanas já foram vítimas de invasão ou arrombamento, enquanto 1,7% dos localizados em situação rural passaram pela mesma ocorrência (gráf. 4.2).

Gráfico 4.2: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez por situação urbano ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013



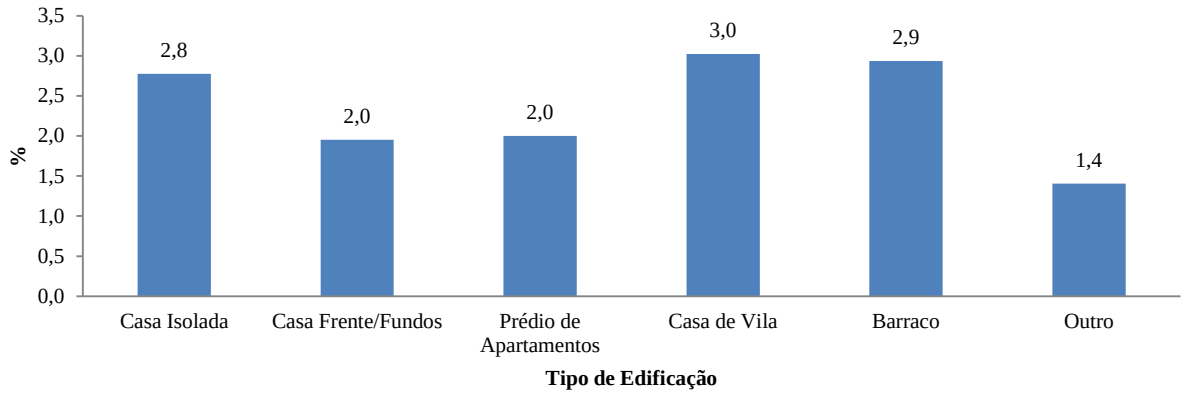

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Caracterizados por tipo de edificação, 2,8% dos domicílios invadidos ou arrombados são casas isoladas; 2,0% são casas na frente ou fundo do terreno; 2,0% são prédios de apartamento;

3,0% são casas de vila; 2,9% são barracos e 1,4% referem-se a outros tipos de edificação. O fato dos domicílios pertencerem a um complexo habitacional parece não alterar a lógica de crimes contra a edificação, uma vez que a casa isolada foi, proporcionalmente, menos invadida ou arrombada que a casa de vila, ou mesmo o barraco (gráf. 4.3).

Gráfico 4.3: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez por tipo de edificação segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

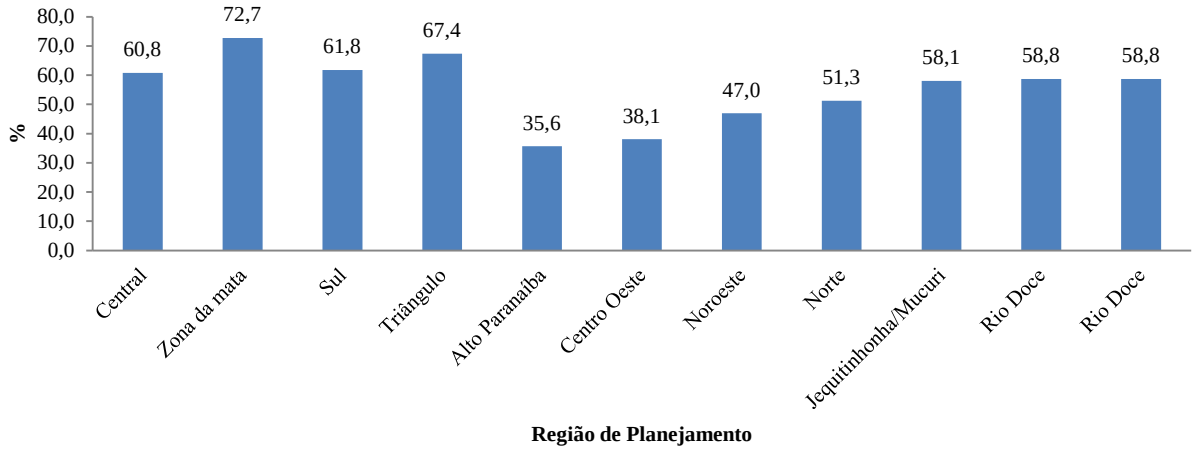



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Quando se observa os dados por regiões de planejamento em Minas Gerais, nota-se percentuais significativos (gráf. 4.4) de não notificação. Na Zona da Mata este valor corresponde a 72,7%. Regiões como Alto Paranaíba (35,6%), Centro Oeste (38,1%) e Noroeste (47,0%) tiveram um número menor de não notificação.

Gráfico 4.4: Proporção de domicílios em que não houve notificação da ocorrência de invasão de domicílio por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais 2013

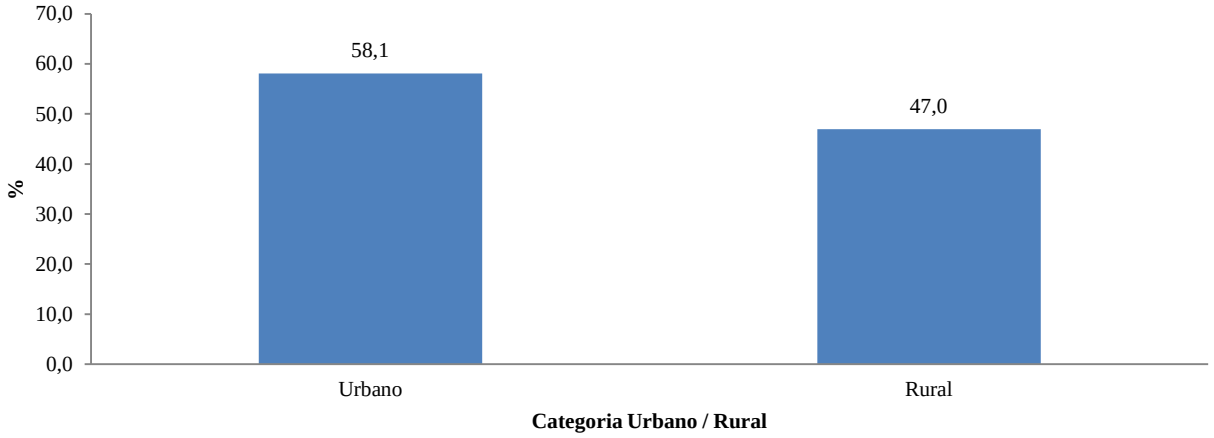



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Os domicílios urbanos que não notificaram ocorrências de invasão nos 12 meses anteriores à pesquisa da PAD-MG correspondem a um percentual de 58,1. Já nos domicílios rurais, essa proporção é de 47%. Os domicílios em áreas urbanas são proporcionalmente mais vítimas de invasões ou arrombamentos, porém notificam menos essas ocorrências às organizações policiais que os domicílios em áreas rurais (gráf. 4.5).

Gráfico 4.5: Proporção de domicílios em que não houve notificação da ocorrência de invasão de domicílio por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

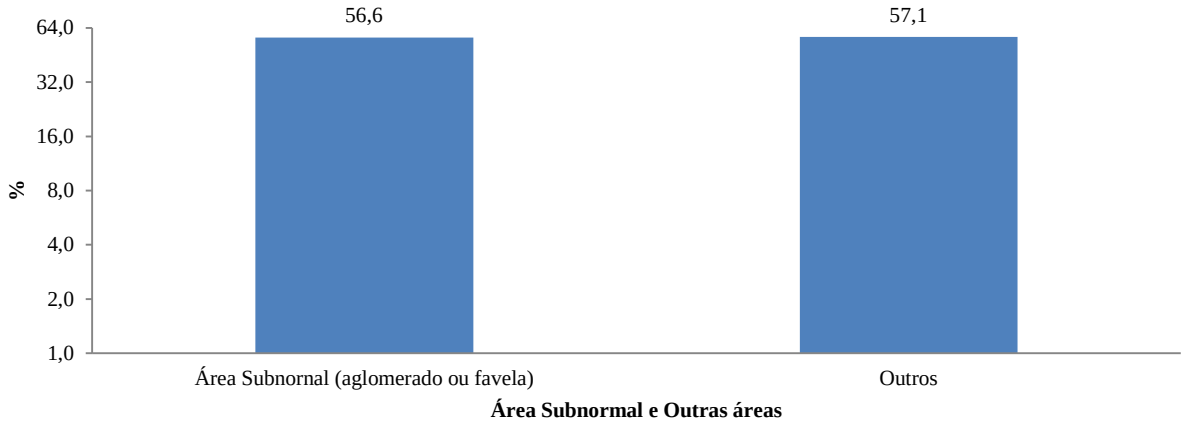



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Segundo localização dos domicílios em áreas subnormais (aglomerados ou favelas) e outras, praticamente não houve diferença nas notificações de ocorrências de invasão (gráf. 4.6).

Gráfico 4.6: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez que não notificaram a ocorrência por área subnormal segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

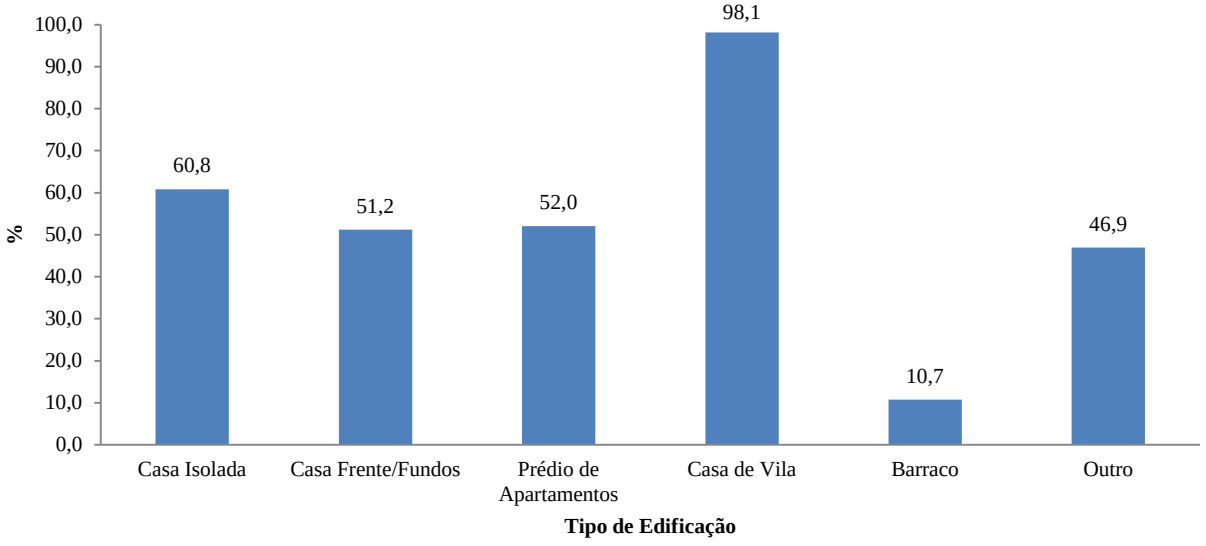



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Os domicílios foram separados por tipo de edificação e, mais uma vez, a falta de confiança nas organizações policiais se mostra evidente: 60,8% dos respondentes que moram em casas isoladas não notificaram a ocorrência de invasão domiciliar, da mesma forma, 51,2% dos respondentes de casas de frente/fundo também não o fizeram. Os moradores de prédios de apartamentos que não notificaram as organizações policiais sobre a invasão correspondem a 52,0% e os de casas de vila correspondem a 98,1%. Nos barracos, 10,7% dos respondentes não notificaram a ocorrência, em outros tipos de edificação, 46,9% notificaram as organizações policiais sobre a invasão (gráf. 4.7).

Gráfico 4.7: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez que não notificaram a ocorrência por tipo de edificação segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013



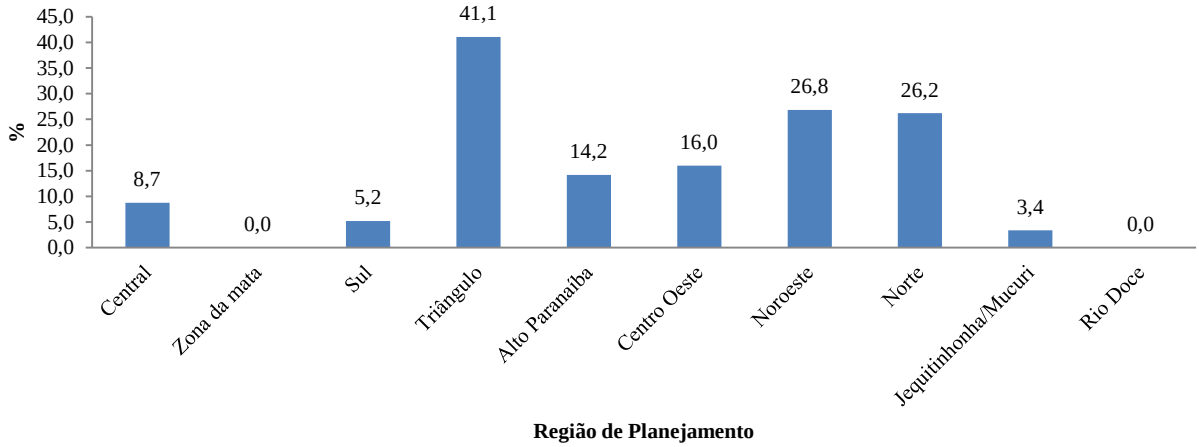

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

### **4.1.2** Realização de registros oficiais de eventos de invasão de domicílio

Sob a perspectiva das regiões de planejamento de Minas Gerais, nos domicílios da Zona da Mata e Rio Doce todas as notificações de invasão de domicílio foram registradas institucionalmente pelas organizações policiais. Já nas regiões Triângulo (41,1%), Noroeste (26,8%), Norte (26,2), Centro Oeste (16,0%), Alto Paranaíba (14,2%), Central (8,7%), Sul (5,2%) e Jequitinhonha/ Mucuri (3,4%) alguns domicílios, mesmo notificando a ocorrência de invasão, não tiveram suas denúncias registradas nas instituições policiais. Ou seja, trata-se dos casos em que alguma organização policial foi acionada e informada da ocorrência, mas nenhum registro formal (como Boletim de Ocorrência ou Registro de Queixa) foi realizado (gráf. 4.8).

Gráfico 4.8: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez em que não houve registro institucional da ocorrência de invasão de domicílio por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

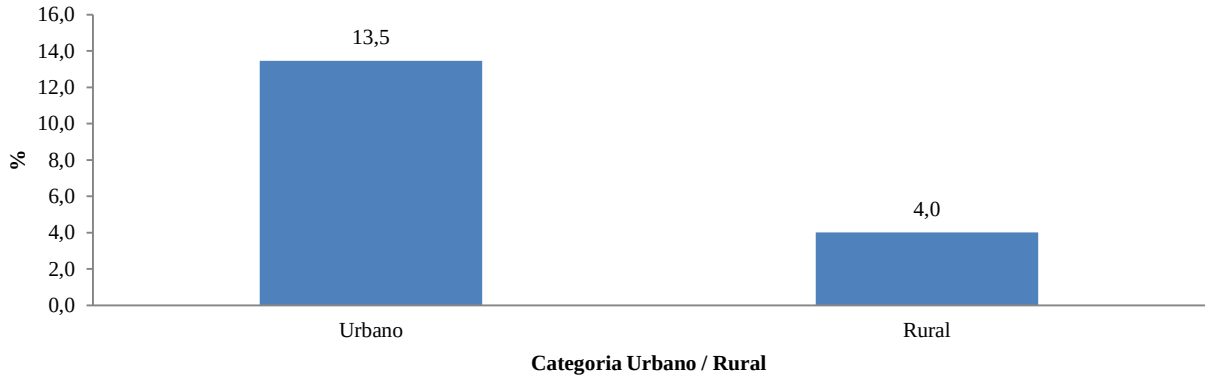



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Nos domicílios em situação rural, 4,0% dos respondentes afirmaram não ter registro institucional da ocorrência de invasão. Essa taxa aumenta mais de três vezes para os domicílios em situação urbana (13,5%), conforme gráfico 4.9.

Gráfico 4.9: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez em que não houve registro institucional da ocorrência de invasão de domicílio por situação urbano ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

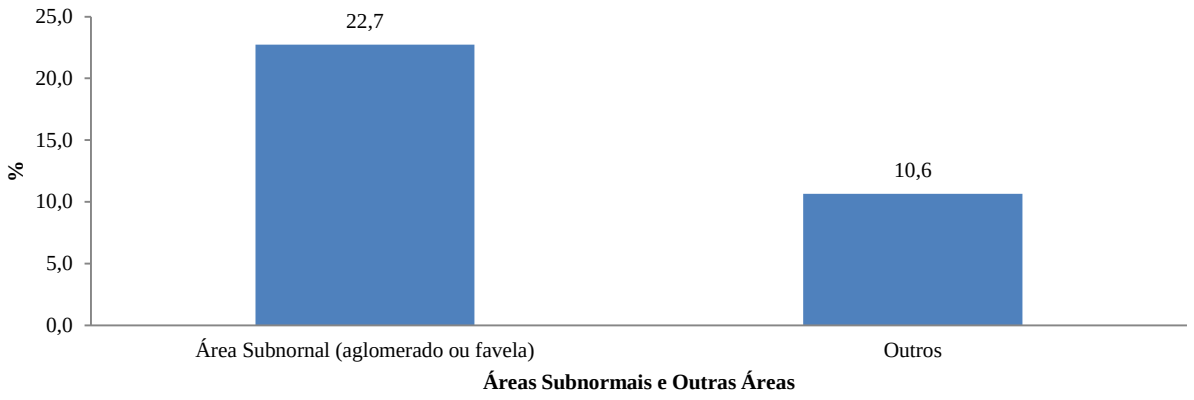



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Os domicílios em área subnormal têm a invasão registrada pelas organizações policiais com frequência menor do que os domicílios em outras áreas que não favelas e aglomerados. A porcentagem de domicílios em área subnormal em que não houve registro foi 22,7, em outros foi 10,6.

Gráfico 4.10: Proporção de domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez em que não houve registro institucional da ocorrência de invasão de domicílio por área subnormal segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013



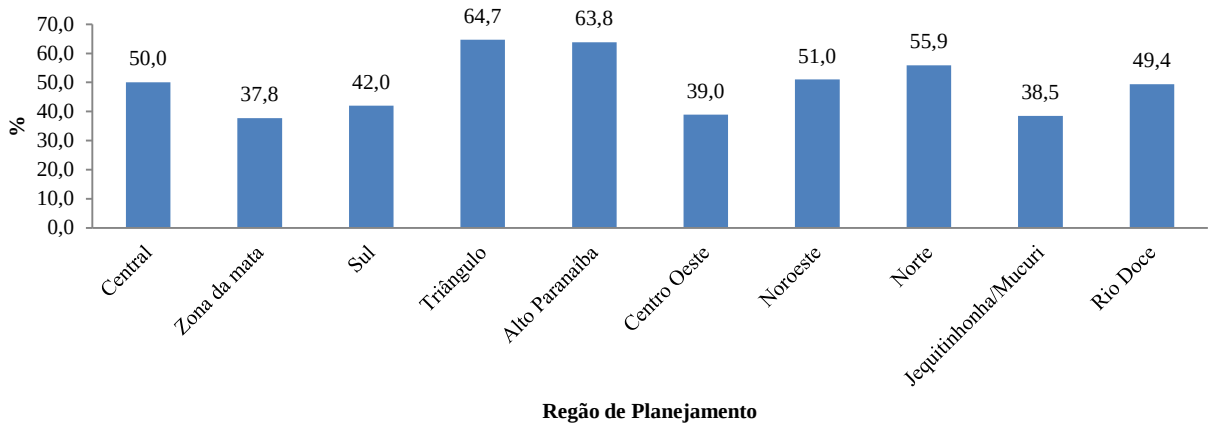

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

### **4.1.3** Avaliação do atendimento realizado pelas organizações policiais

Os representantes dos domicílios, em uma organização por região de planejamento, tiveram avaliações negativas do atendimento das instituições policiais (gráf. 4.11). As porcentagens, em ordem decrescentes, correspondem às regiões de planejamento: Triângulo (64,7), Alto Paranaíba (63,8), Norte (55,9), Noroeste (51,0), Central (50,0), Rio Doce (49,4), Sul (42,0), Centro Oeste (39,0), Jequitinhonha/Mucuri (38,5) e Zona da Mata (37,8).

Gráfico 4.11: Avaliação negativa da atuação das organizações policiais quando da ocorrência de invasão ou arrombamento de domicílio por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

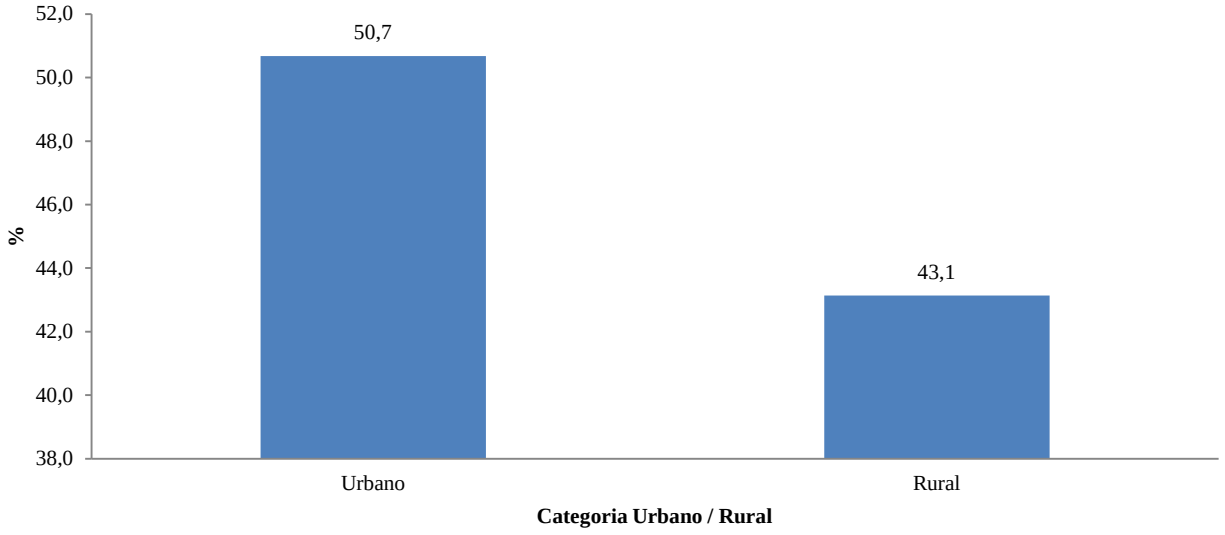



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Analisando as percepções dos entrevistados por situação urbana/rural, percebe-se que moradores de domicílios em situação rural têm uma visão melhor do atendimento das organizações policiais na realização da ocorrência de invasão domiciliar. Enquanto 50,7% dos respondentes dos domicílios em situação urbana avaliaram negativamente a atuação das organizações policiais quando foi realizada a ocorrência de invasão domiciliar, para os domicílios situados em áreas rurais, esse percentual foi de 43,1 (gráf. 4.12).

Gráfico 4.12: Avaliação negativa da atuação das organizações policiais quando da ocorrência de invasão ou arrombamento de domicílio por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

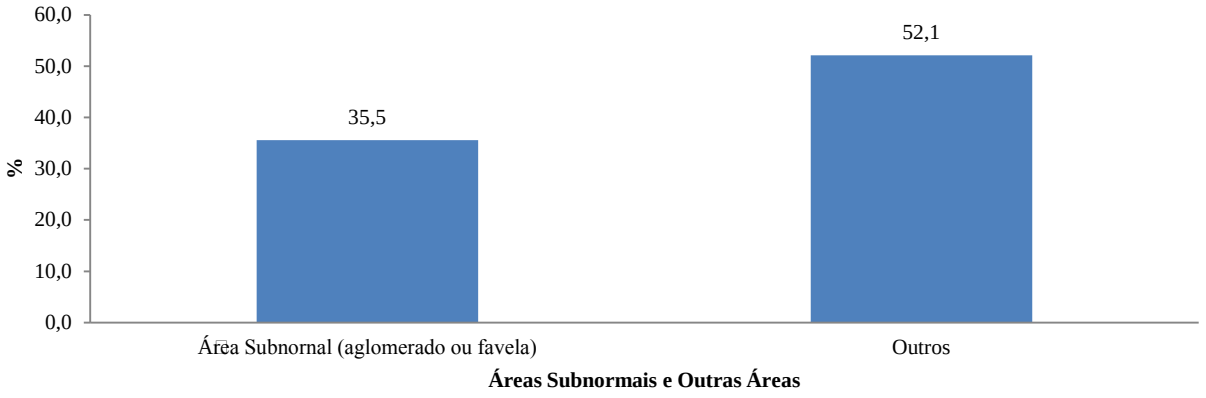



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Para além da análise por situação urbana/rural, as porcentagens correspondentes à avaliação das organizações policiais pelos respondentes dos domicílios por área subnormal ou outros podem trazer novas perspectivas para o estudo do grau de confiança nas instituições da área de segurança pública. Em áreas subnormais (aglomerado ou favela), 35,5% dos entrevistados avaliaram negativamente a atuação das polícias quando houve uma invasão domiciliar, já para outras áreas, 52,1% tiveram uma avaliação negativa do atendimento das organizações policiais (gráf. 4.13).

Gráfico 4.13: Avaliação negativa da atuação das organizações policiais quando da ocorrência de invasão ou arrombamento de domicílio por área subnormal segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

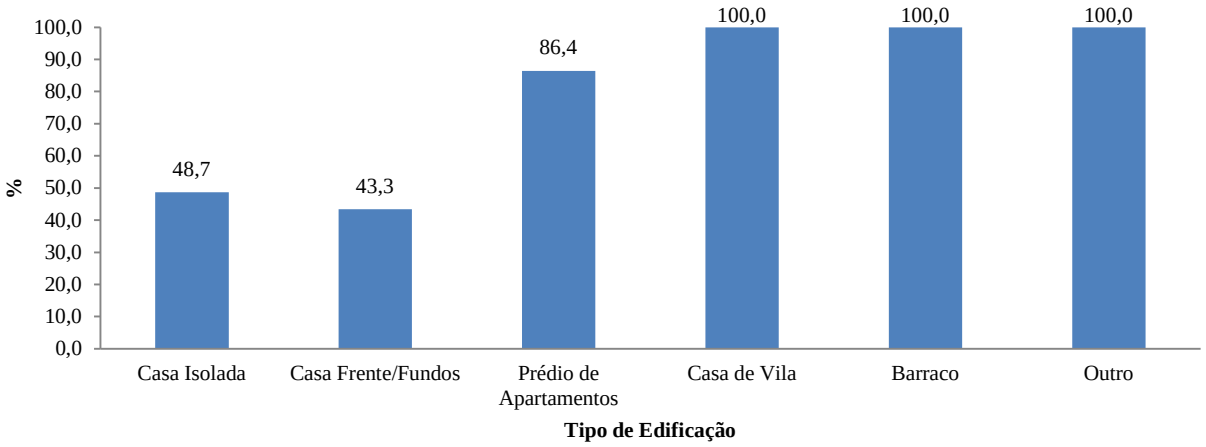



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Sob a perspectiva dos domicílios por tipo de edificação, a avaliação negativa das polícias, quando houve uma ocorrência de invasão de domicílio, teve porcentagens extremas em comparação com as outras análises. 100,0% dos respondentes que residem em casa de vila, barracos e outros avaliaram negativamente a atuação das polícias. Essa proporção reduz para outros tipos de edificação, por exemplo, em prédios de apartamento 86,4% dos respondentes não avaliaram positivamente a atuação das polícias. Em casas isoladas, 48,7% tiveram uma má impressão do atendimento das polícias quando passaram por uma invasão domiciliar, já em casa de frente/fundos, 43,3% também tiveram essa avaliação negativa (gráf. 4.14).

Gráfico 4.14: Avaliação negativa da atuação das organizações policiais quando da ocorrência de invasão ou arrombamento de domicílio por tipo de edificação segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013




Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

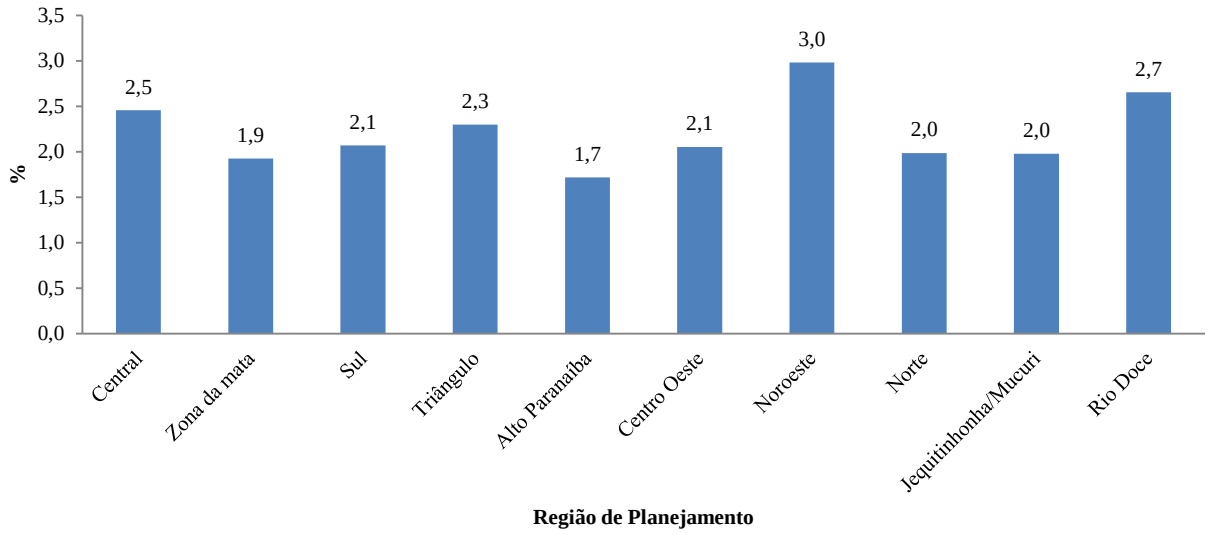
Nota: domicílios invadidos ou arrombados ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

## 4.2 Furto

### 4.2.1 Caracterização geral dos eventos de furto sofrido nos últimos 12 meses por algum membro do domicílio segundo região de planejamento

Segundo regiões de planejamento, enquanto 1,7% dos domicílios localizados no Alto Paranaíba têm algum morador vítima de furto nos 12 meses que antecederam à pesquisa (menor proporção), 3% dos domicílios têm moradores vítimas na região Noroeste (maior proporção). Assim, a diferença nas concentrações percentuais de domicílios vítimas de furto é pequena entre as regiões de planejamento.

Gráfico 4.15: Proporção de domicílios com alguma vítima de furto, por região de planejamento, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

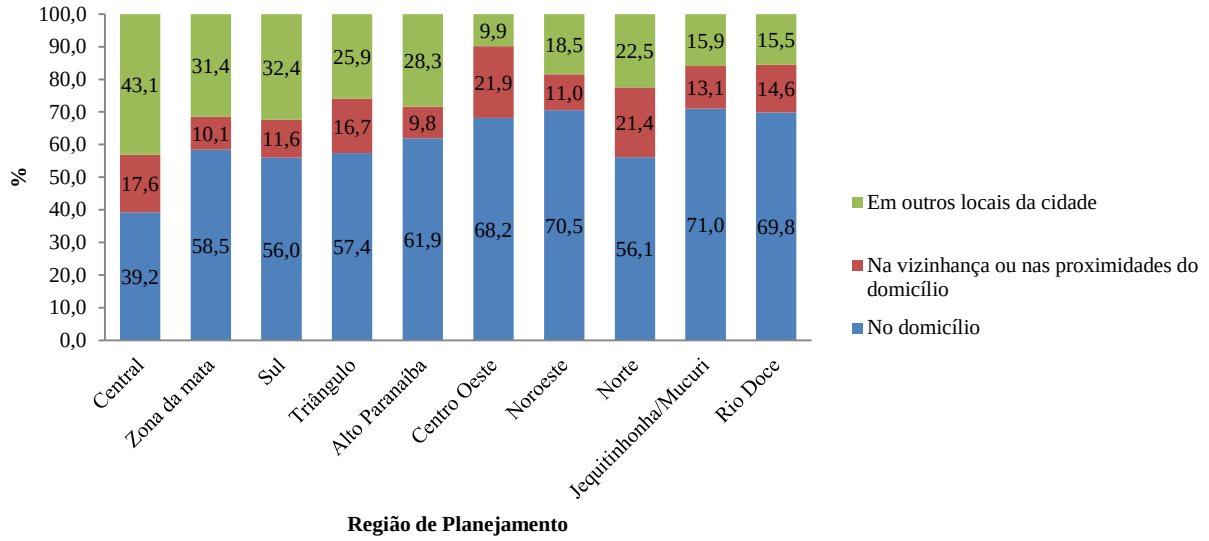



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

O local de ocorrência do último furto foi o domicílio para a maioria das regiões de planejamento, apenas na Central o furto ocorreu mais frequentemente em outros locais da cidade. Na região Central, 39,2% dos furtos ocorreram no domicílio, 17,6% na vizinhança e 43,1% em outros locais da cidade (gráf. 4.16).

Gráfico 4.16: Local de ocorrência do último furto por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

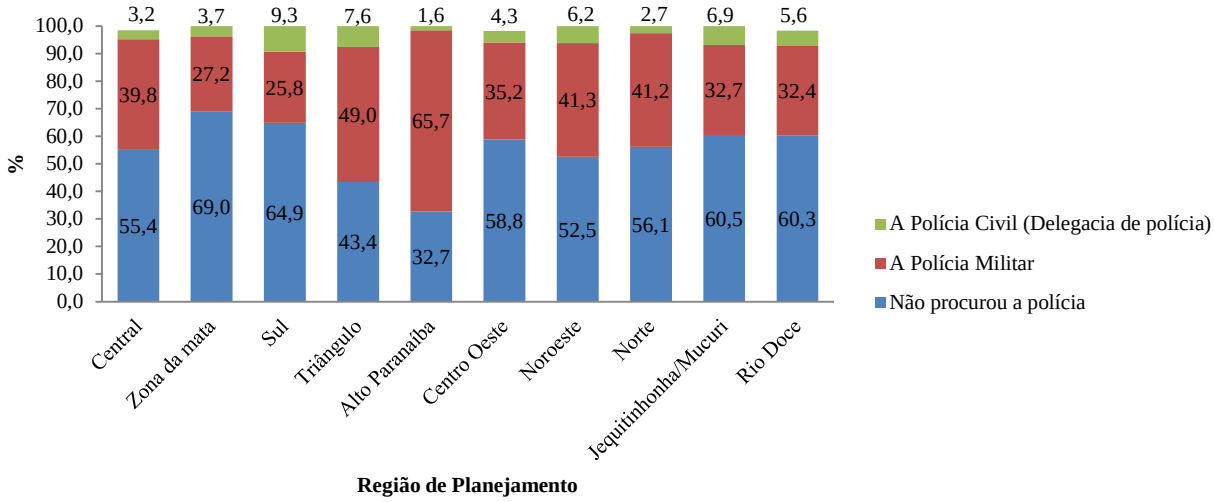



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

A notificação da ocorrência do furto segundo os respondentes dos domicílios, por região de planejamento não foi feita na maioria dos casos, sendo a região da Zona da Mata a que possui o maior percentual de pessoas que não notificaram a ocorrência. Houve um comportamento diferenciado nas regiões do Triângulo e Alto Paranaíba, uma vez que 49,0 e 65,7% dos entrevistados, respectivamente, afirmaram que notificaram as organizações policiais.

Gráfico 4.17: Realização de notificação do último furto por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013 – (%)

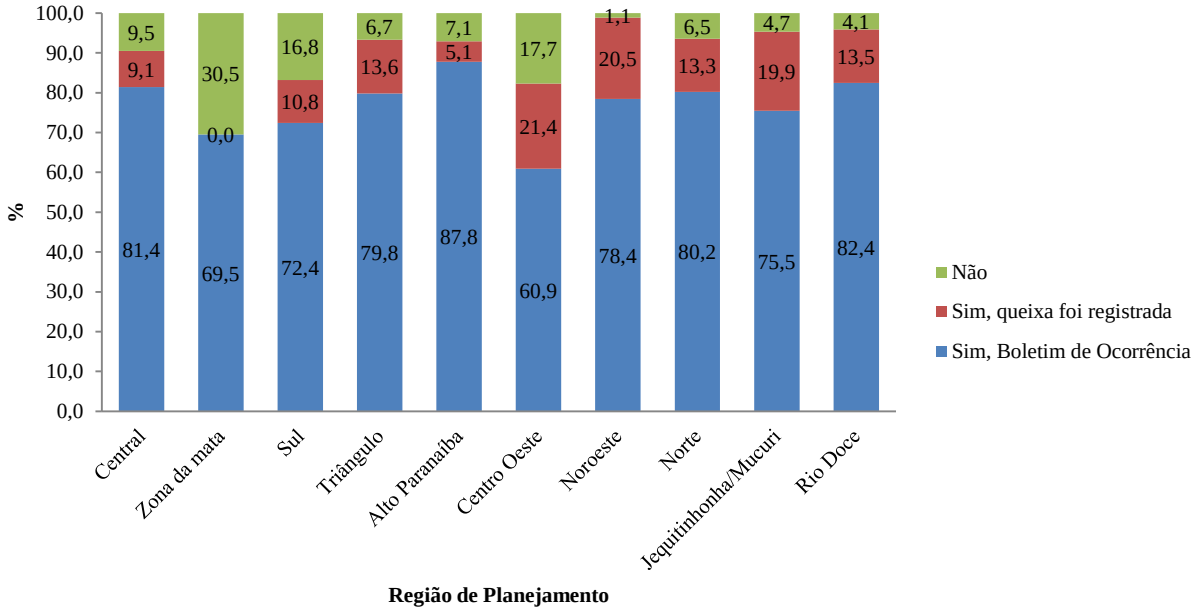



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Segundo os respondentes dos domicílios, o registro da ocorrência do furto foi realizado, em sua maioria, por meio do Boletim de Ocorrência em todas as regiões de planejamento. De um lado, o Alto Paranaíba foi o que apresentou a maior proporção de realização de registros, com 92,9% das ocorrências registradas por boletim de ocorrência ou queixa registrada. Pelo outro lado, na Zona da Mata em 30,5% dos casos notificados não foram realizados registros (gráf. 4.1).

Gráfico 4.18: Realização de registro do último furto por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

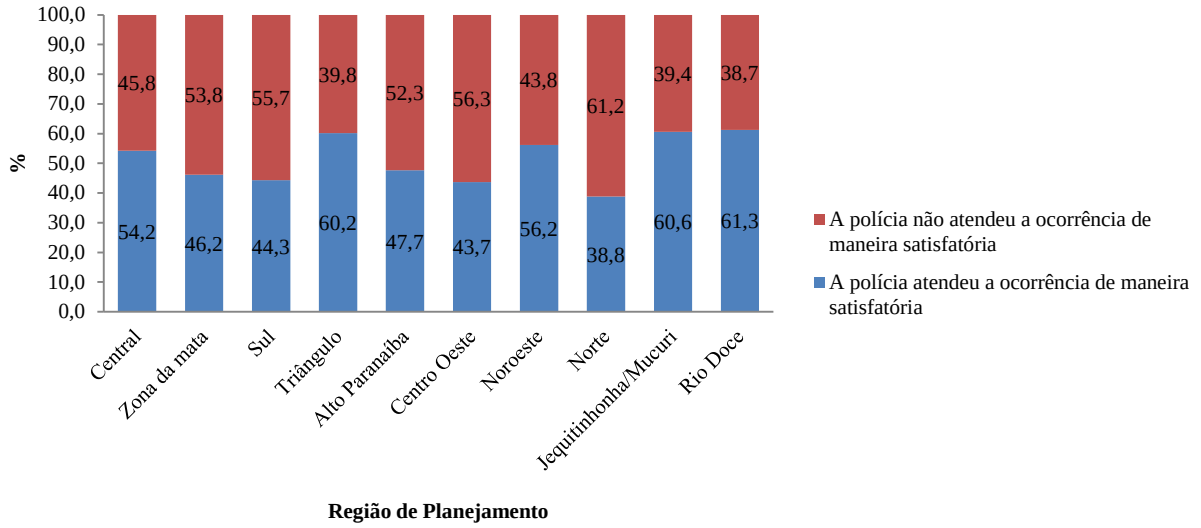



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

O grau de satisfação com o atendimento aos casos de furto apresentaram distribuições percentuais bem heterogêneas (gráf. 4.19). Nas regiões Zona da Mata (53,7%), Alto Paranaíba (52,3%), Sul (55,7%), Centro Oeste (56,3%) e Norte (61,2%) predominou a avaliação negativa dos atendimentos das polícias. Já as regiões Central (54,2%), Triângulo (60,2%), Noroeste (56,2%), Jequitinhonha/Mucuri (60,6%) e Rio Doce (61,3%) a atuação das organizações policiais no atendimento às ocorrências de furto foram avaliadas positivamente.

Gráfico 4.19: Avaliação do atendimento à última ocorrência de furto, por região de planejamento, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013



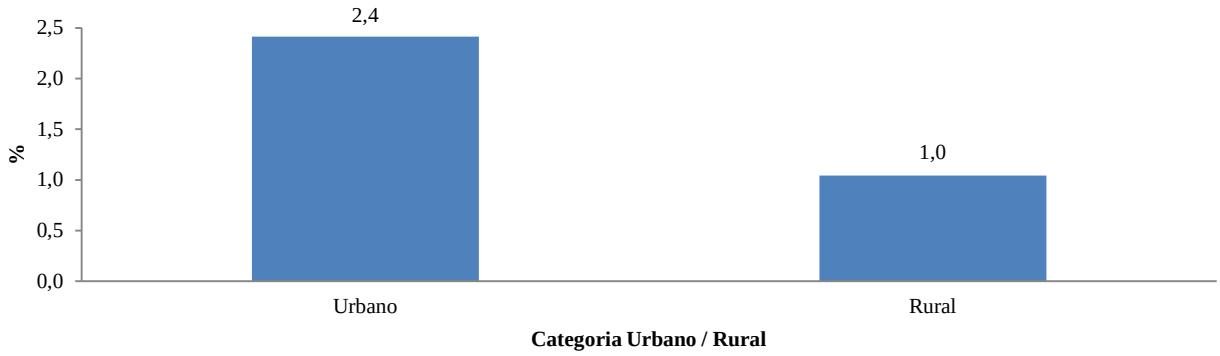

Fonte: Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

### **4.2.2** Caracterização geral dos eventos de furto sofrido nos últimos 12 meses pelos membros do domicílio segundo situação urbana/rural

Os domicílios em situação urbana que tiveram seus moradores vitimados por furto, em um período de 12 meses anteriores à PAD-MG, correspondem a 2,4%. Já os domicílios em situação rural tiveram 2,4 vezes menos ocorrências de furto (1,0%) conforme gráfico 4.20.

Gráfico 4.20: Proporção de domicílios com alguma vítima de furto por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013



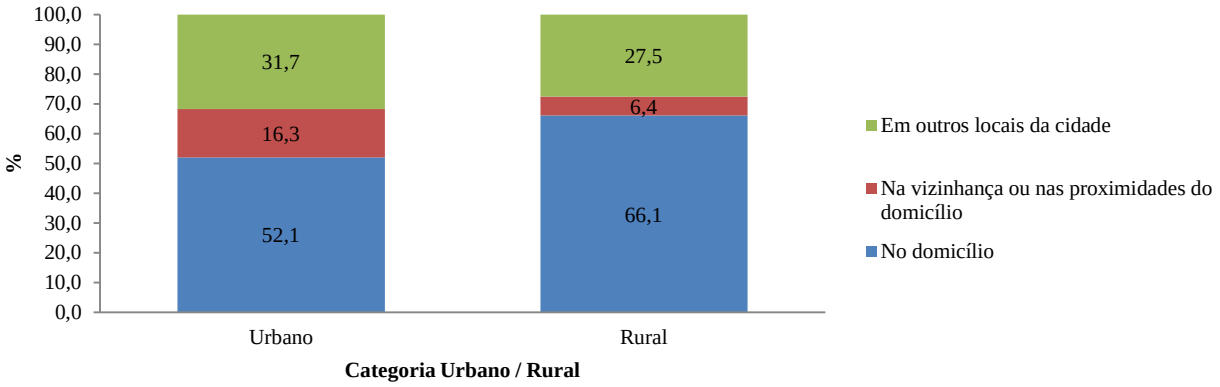

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Nas áreas urbanas, 52,1% das ocorrências de furto aconteceram nos domicílios, 16,3% na vizinhança ou nas proximidades da habitação e 31,7% em outros locais da cidade. Os

locais de ocorrência de furto para os domicílios em situação rural correspondem a 66,1% no domicílio, 6,4% na vizinhança e 27,5% em outros locais da cidade (gráf. 4. 21).

Gráfico 4.21: Local de ocorrência do último furto por situação urbana/rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

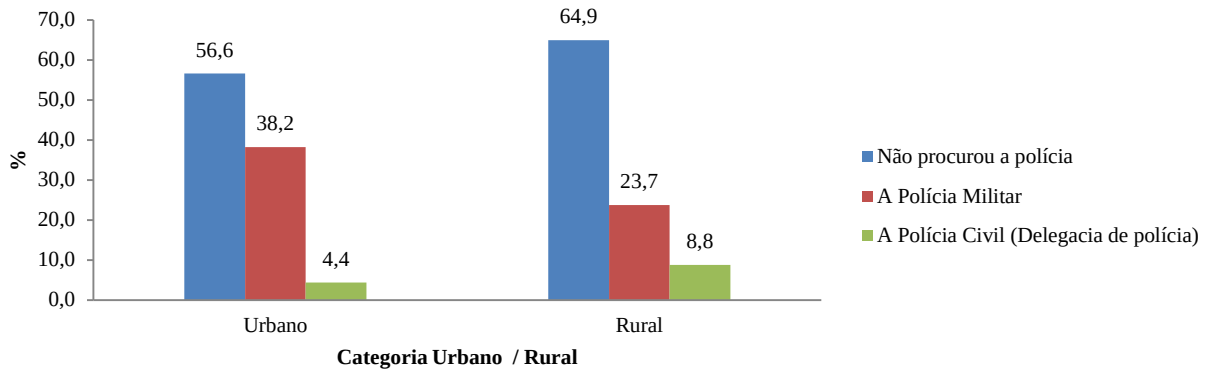



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

A realização de notificação do último furto às organizações policiais não ocorreu em 56,5% dos domicílios em situação urbana e 64,9% dos domicílios em situação rural. Da mesma forma, os moradores recorreram à Polícia Militar em 38,2% dos domicílios em situação urbana e 23,7% dos domicílios em situação rural. Apenas 4,4% dos domicílios em situação urbana procuraram delegacias de polícia, enquanto 8,8% dos domicílios em situação rural procuraram a Polícia Civil (gráf. 4.22).

Gráfico 4.22: Realização de notificação do último furto por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

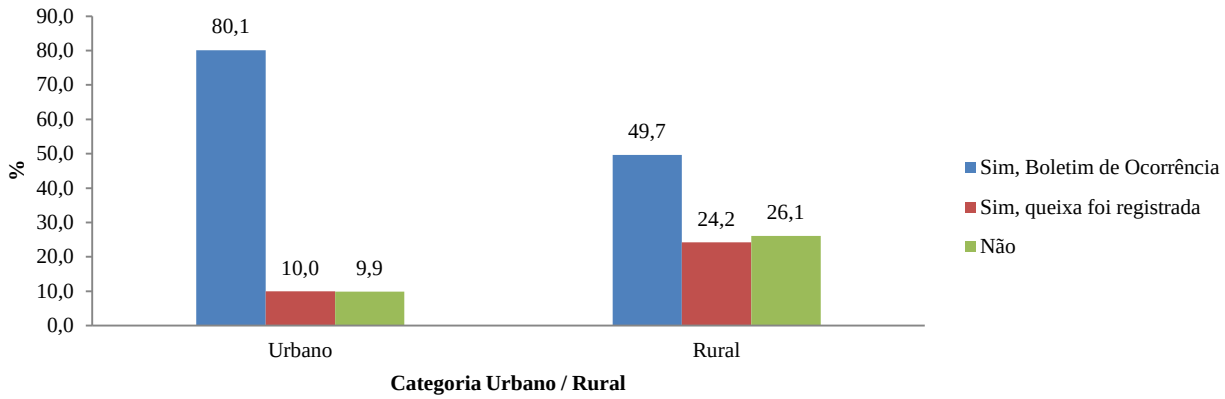



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

A realização de registro institucional do último furto nas polícias ocorreu por meio de Boletim de Ocorrência em 80,1% dos domicílios em situação urbana e 49,7% dos domicílios em situação rural. Da mesma forma, houve registro em 10,0% dos domicílios em situação urbana e 24,2% dos domicílios em situação rural. Em apenas 9,9% dos domicílios em situação urbana não houve registro, enquanto que esse percentual é de 26,1% dos domicílios em situação rural (gráf. 4.23).

Gráfico 4.23: Realização de registro do último furto por situação urbana ou rural, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

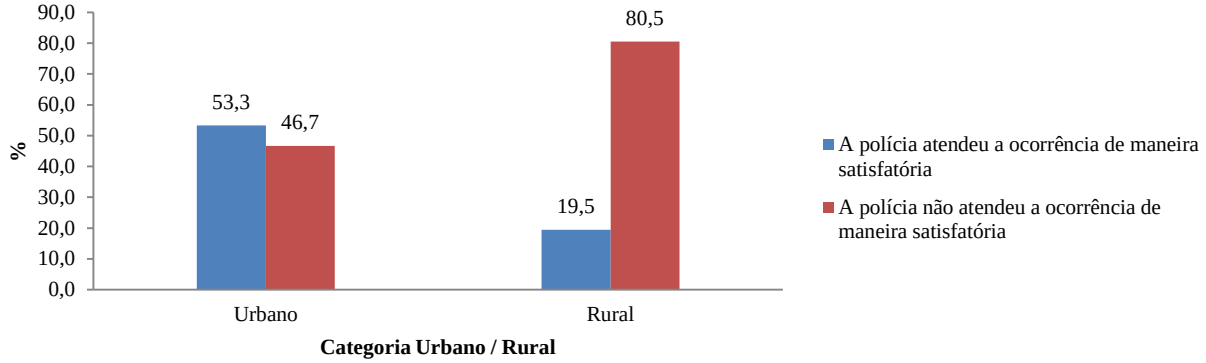



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Dos domicílios em situação urbana, 53,3% avaliaram positivamente o atendimento das polícias quando houve a ocorrência de furto. Por outro lado, esse percentual é bem mais baixo nos domicílios localizados na área rural (19,5%) conforme gráfico 4.24.

Gráfico 4.24: Avaliação do atendimento à última ocorrência de furto por situação urbana/rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013



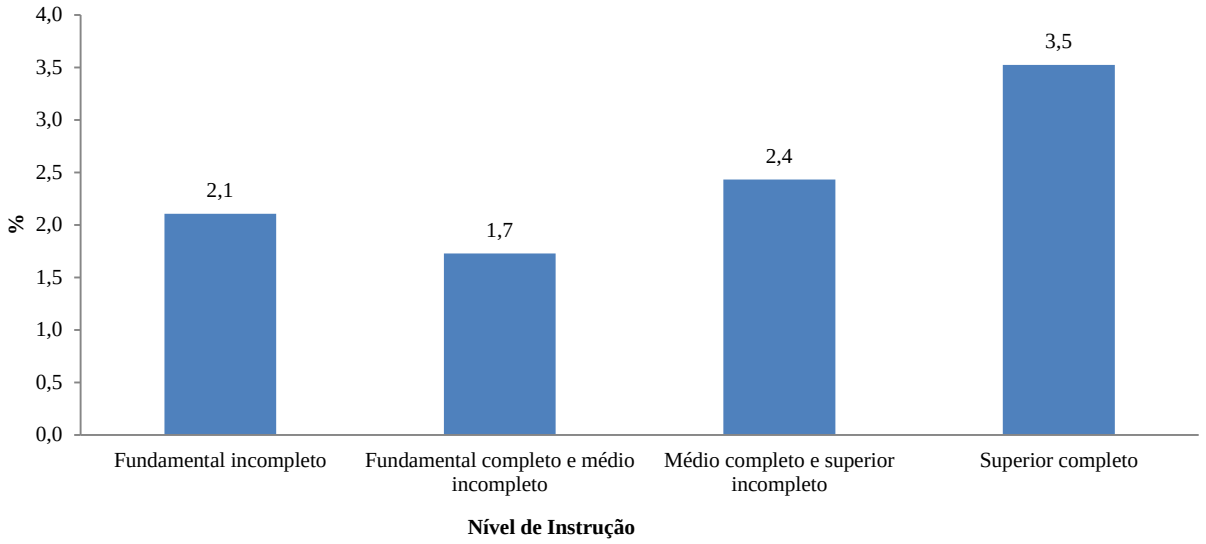

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

**4.2.3** Caracterização geral dos eventos de furto sofridos pelos membros do domicílio nos últimos 12 meses segundo nível de instrução

É pequena a variação da ocorrência de furtos entre moradores dos domicílios abordados pela pesquisa, independentemente do nível de instrução do representante do domicílio, ou seja, o indivíduo que forneceu as respostas à pesquisa. No entanto, há uma pequena superioridade percentual de ocorrência de furtos, nos 12 meses anteriores à pesquisa, entre os domicílios cujos representantes apresentam escolaridade correspondente ao superior completo (gráf. 4.25).

Gráfico 4.25: Proporção de domicílios com alguma vítima de furto, por nível de instrução do representante, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

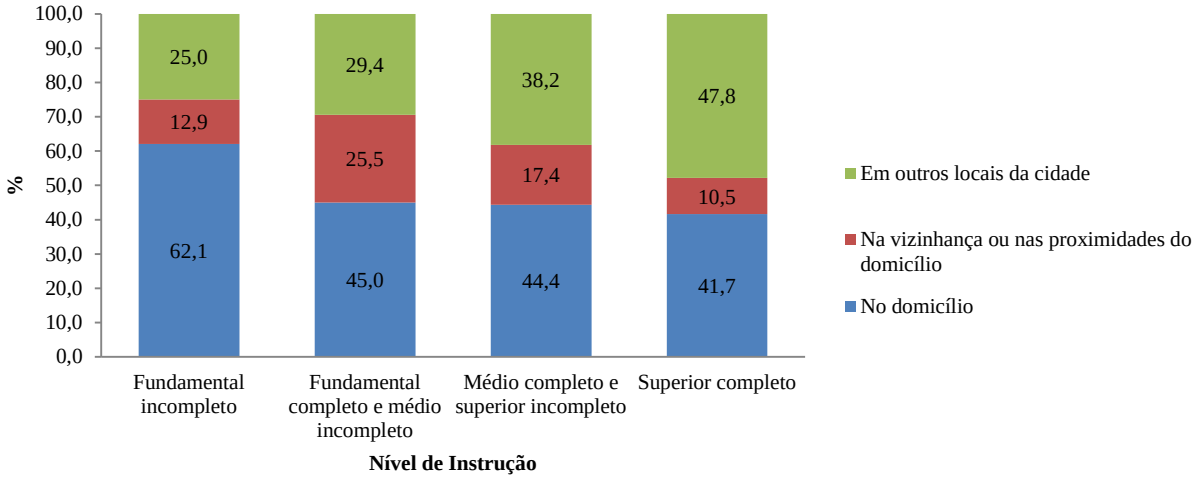



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de furto nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Mais uma vez, os furtos ocorrem principalmente no próprio domicílio, independentemente do nível de instrução do representante do domicílio, com exceção para os que têm superior completo: 47,8% ocorrem em outros locais e 41,7% no domicílio. Nota-se que o percentual de ocorrências no interior do domicílio é maior entre aquelas unidades domiciliares representadas por indivíduos com escolaridades correspondentes ao fundamental incompleto. Ou seja, a análise descritiva de distribuição de frequência mostra que pode haver alguma relação entre escolaridade e prevalência da ocorrência de furtos no interior dos domicílios, uma vez que na medida em que o grau de escolaridade aumenta, diminui o percentual de ocorrências de furto no interior do domicílio. (gráf. 4.26).

Gráfico 4.26: Local de ocorrência do último furto, por nível de instrução do representante, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

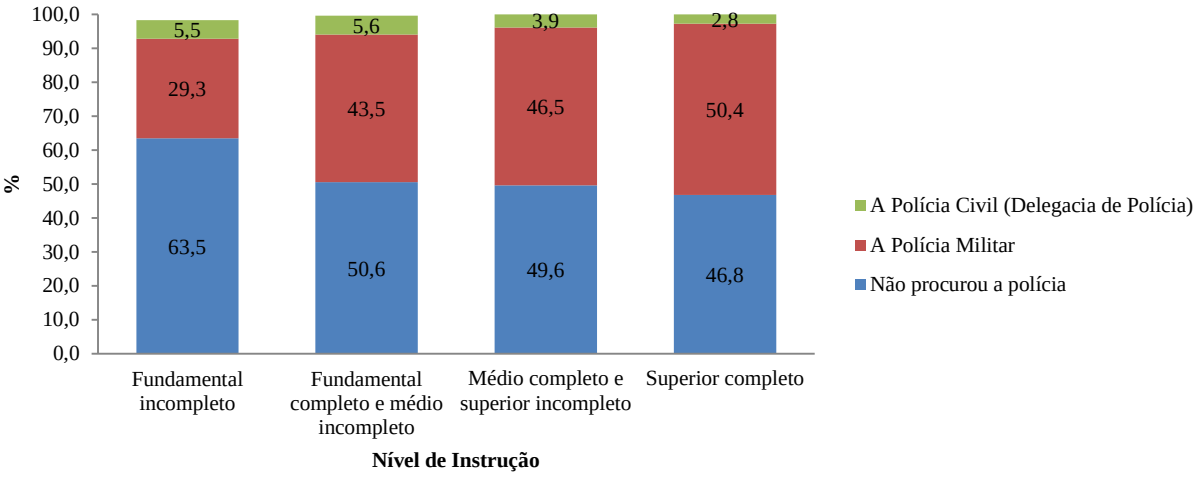



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

A Polícia Militar é notificada de parte significativa dos eventos de furtos que vitimaram algum morador nos domicílios considerados pela pesquisa, principalmente entre os que o representante possui escolaridades correspondentes a médio completo até nível superior completo. No entanto, entre domicílios representados por indivíduos com escolaridades correspondentes a fundamental incompleto, a proporção de não notificação é de 63,5%, enquanto entre os domicílios representados por indivíduos com escolaridades correspondentes ao nível superior completo o percentual de não notificação é de 46,8% (gráf. 4.27).

Gráfico 4.27: Realização de notificação do último furto, por nível de instrução, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

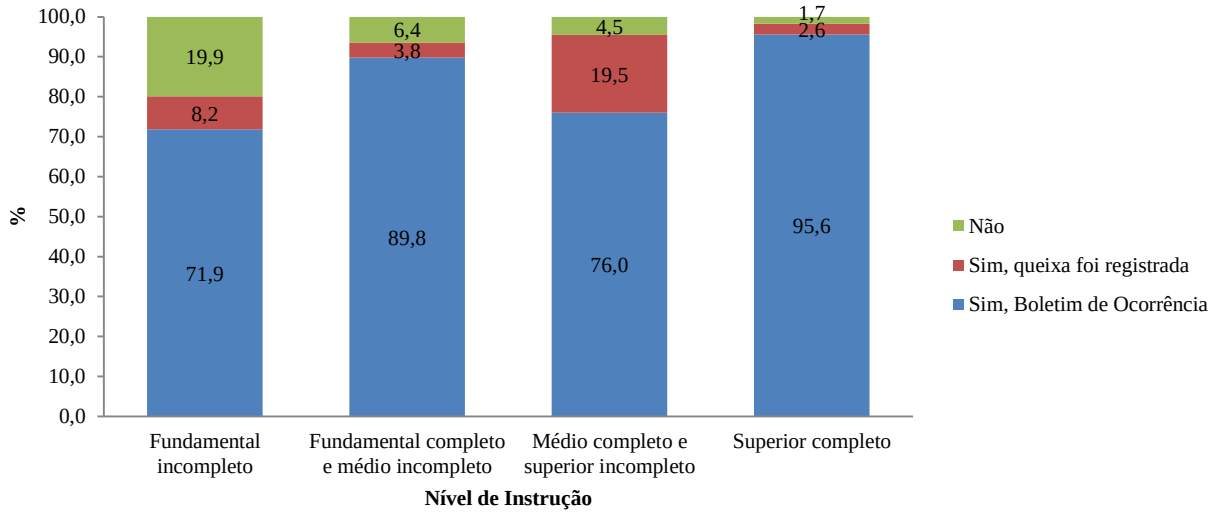



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Entre os domicílios que notificaram o último furto ocorrido, a maioria realizou registro em Boletim de Ocorrência, independentemente da escolaridade do representante do domicílio. Tal concentração, no entanto, é maior entre domicílios cujos representantes têm escolaridade correspondente a superior completo, com percentual correspondente a 95,6% (gráf. 4.28).

Gráfico 4.28: Realização de registro do último furto por percentil de renda e nível de instrução, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

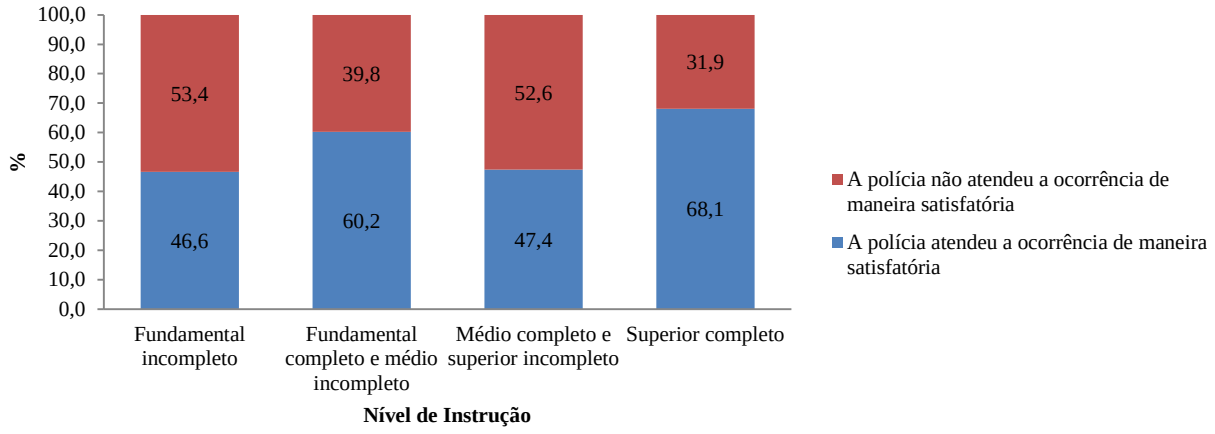



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Levando-se em consideração apenas aqueles domicílios que realizaram a notificação de furto, a polícia atendeu de maneira satisfatória a última ocorrência de furto principalmente entre aqueles domicílios cujos representantes possuem escolaridades correspondentes a superior completo, com um percentual de 68,1%. Entre os domicílios cujos representantes possuem apenas o fundamental incompleto, a proporção de satisfação com relação ao atendimento desse delito é de 46,6% (gráf. 4.29).

Gráfico 4.29: Avaliação do atendimento à última ocorrência de furto, por nível de instrução, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013




Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com vítimas de furto ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa.

## 4.3 Roubo

### 4.3.1 Caracterização geral dos eventos de roubos sofridos nos últimos 12 meses pelos membros do domicílio, segundo região de planejamento

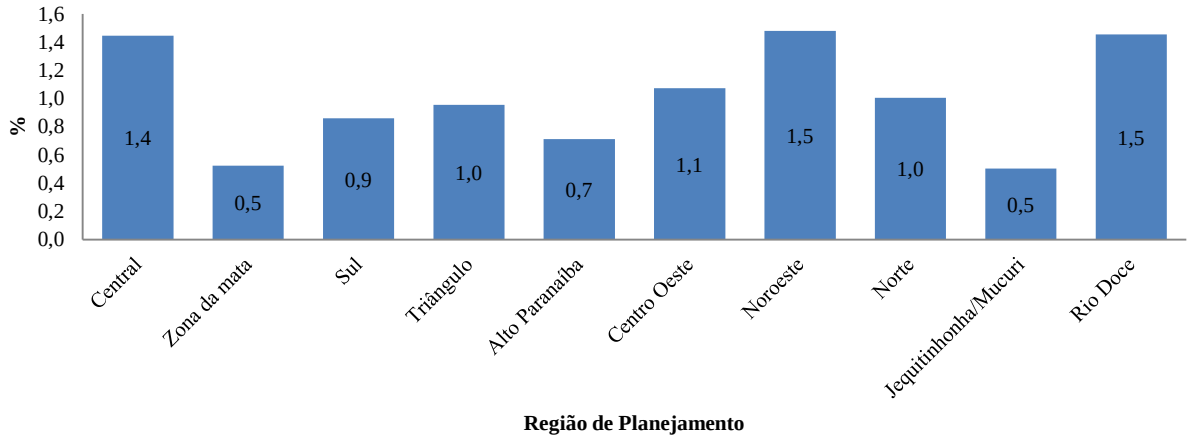
Eventos de roubo dizem respeito a ocorrências nas quais o autor tomou algum objeto da vítima fazendo uso de força ou ameaça – uso potencial – da força, como ameaça com uso de armas de fogo ou brancas, ou de outros objetos, bem como ameaça com uso de agressão física sem o uso de objetos. Sua subnotificação é menor, tradicionalmente, do que aquela relativa ao furto, por ser entendido como de maior potencial ofensivo, de maior gravidade, por envolver a integridade física e emocional da vítima. Além disso, muitas das vezes se referem à tomada de posse de bens de maior valor do que aqueles obtidos por meio do furto.

Mais uma vez, cabe destacar que os dados obtidos a respeito dos eventos de roubo se referem à ocorrência desses eventos com algum membro dos domicílios abordados pela pesquisa, nos 12 meses que antecederam à coleta de dados. Dizem respeito, portanto, e têm como unidade de análise, domicílios, e não pessoas. Por isso, apresentam um número menor de casos do que aqueles trazidos por pesquisas de vitimização tradicionais que têm nos indivíduos suas unidades analíticas.

Segundo os informantes – representantes dos domicílios abordados – 1,1% dos domicílios mineiros têm algum morador que foi vítima de roubo ao menos uma vez nos 12 meses anteriores ao processo de coleta de dados. Segundo as regiões de planejamento de Minas Gerais, a

distribuição de domicílios com algum morador que tenha sido vítima de roubo no período analisado corresponde a percentuais entre 0,5% (Zona da Mata e Jequitinhonha/Mucuri, com as mais baixas concentrações) e 1,5% (Noroeste e Rio Doce, com as mais altas concentrações), apresentando, portanto, baixa variação entre regiões, e baixa concentração de ocorrência desse tipo de delito. (gráf. 4.30).

Gráfico 4.30: Proporção de domicílios com alguma vítima de roubo, por região de planejamento, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

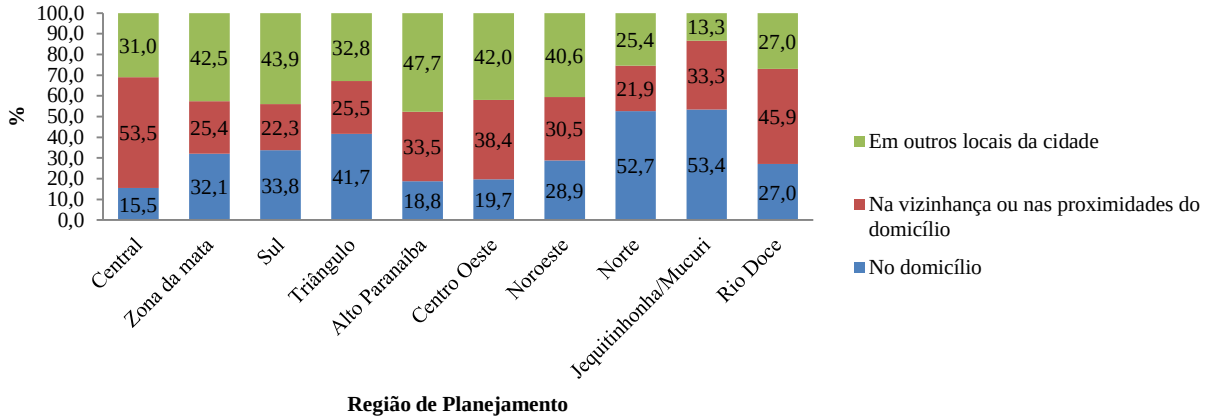



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Os delitos de roubo ocorrem principalmente no próprio domicílio da vítima nas regiões do Triângulo (onde 41,7% dos roubos ocorreram no domicílio), Norte (52,7%) e Jequitinhonha/Mucuri (53,4%). O local de ocorrência mais frequente dos últimos roubos foi a vizinhança ou proximidades do domicílio na região Central (53,5%) e Rio Doce (45,9%). Roubos ocorreram mais frequentemente em outros locais da cidade na Zona da Mata (42,5%), Sul (43,9%), Alto Paranaíba (47,7%) e Noroeste (40,6%), conforme gráfico 4.31.

Gráfico 4.31: Local de ocorrência do último roubo, por região de planejamento, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

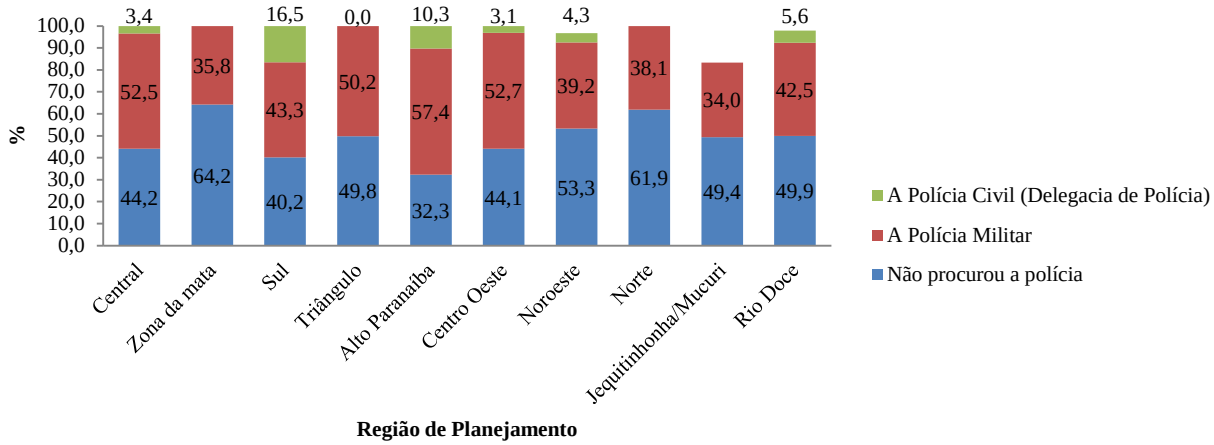



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Entre os domicílios em que algum morador foi vítima de roubo nos últimos 12 meses, um percentual significativo não notificou a última ocorrência a nenhuma instituição de segurança pública (gráf. 4.32). As maiores proporções desses casos encontram-se nas regiões da Zona da Mata (64,2%), Norte (61,9%) e Noroeste (53,3%). O percentual de domicílios cujos moradores notificaram crimes de roubo à Polícia Militar é expressivo nas regiões Central (52,5%), Triângulo (49,8%), Alto Paranaíba (57,4%) e Centro Oeste (52,7%).

Gráfico 4.32: Realização de notificação do último roubo por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013



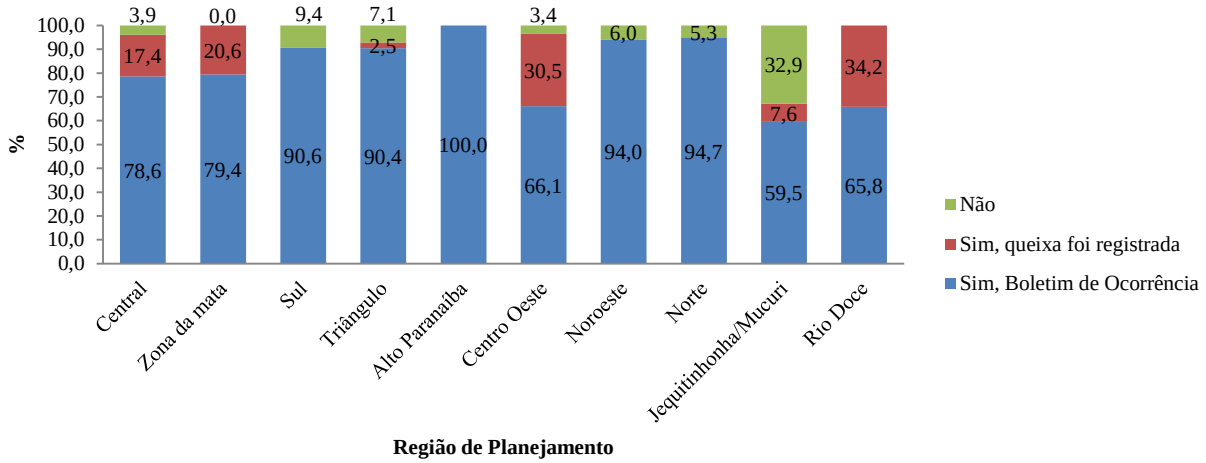

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Entre os domicílios com moradores que tenham sido vítimas de roubo, e que notificaram esses eventos a instituições de segurança, quase a totalidade realizou registros em

Boletins de Ocorrência. No entanto, as regiões Central, Zona da Mata, Centro Oeste e Rio Doce se destacam pelos percentuais de registros de queixa junto à Polícia Civil, com percentuais correspondentes a 17,4%, 20,6%, 30,5% e 34,2%, respectivamente (gráf. 4.33).

Gráfico 4.33: Realização de registro do último roubo por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

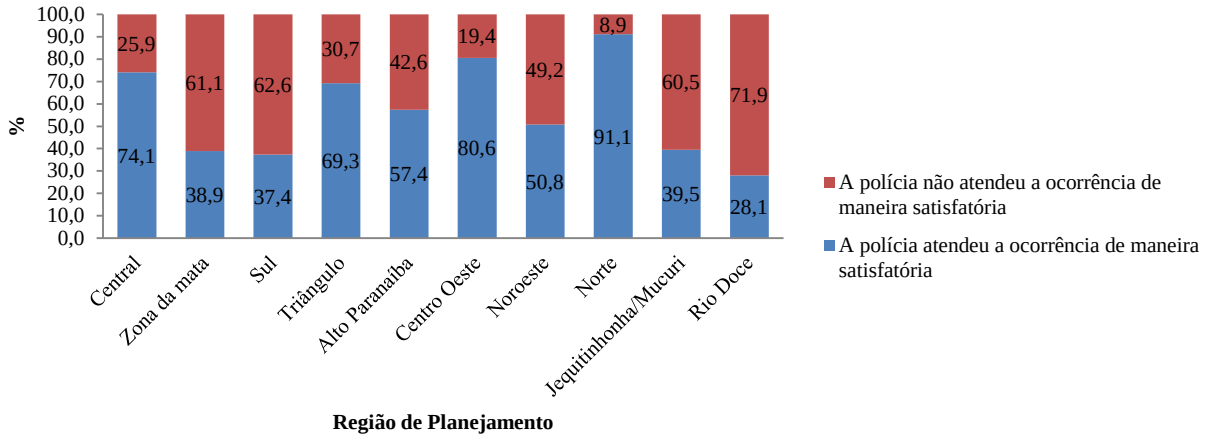



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Quanto ao atendimento da última ocorrência de roubo, a polícia teve as melhores avaliações nas regiões Norte, Centro Oeste, Central e Triângulo – 91,1; 80,6; 74,1 e 69,3%, respectivamente. Por outro lado, foi avaliada negativamente nas regiões Rio Doce, Sul e Zona da Mata e Jequitinhonha/Mucuri – 71,9; 62,6; 61,1e 60,5%, nesta ordem (gráf. 4.34).

Gráfico 4.34: Avaliação do atendimento à última ocorrência de roubo por região de planejamento segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013



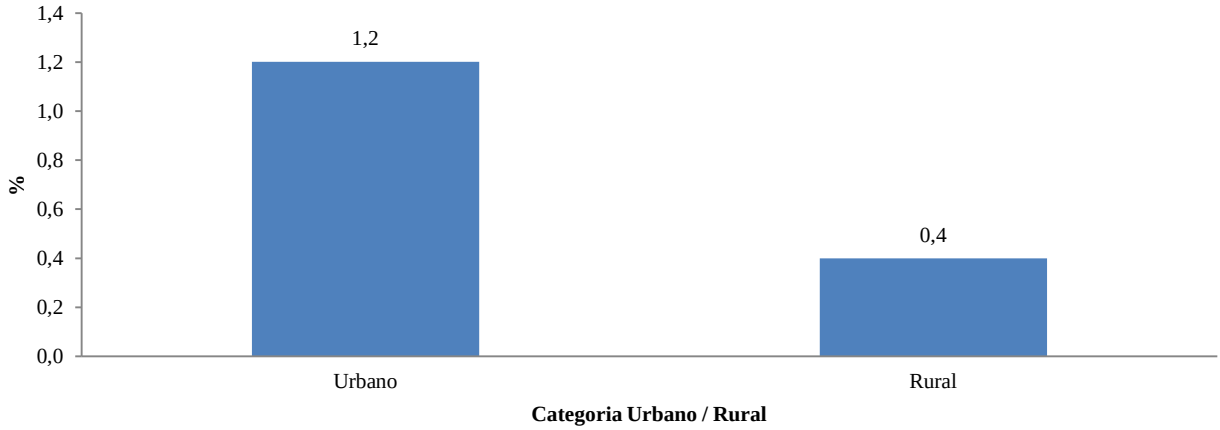

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

**4.3.2** Caracterização geral dos eventos de roubo sofridos nos últimos 12 meses por algum membro do domicílio segundo situação urbana ou rural

A proporção domicílios com algum morador vítima de roubo, ao menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa, é ligeiramente superior em áreas urbanas (1,2%) em comparação com domicílios localizados em áreas rurais (0,4%), conforme gráfico 4.35.

Gráfico 4.35: Proporção de domicílios com alguma vítima de roubo por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

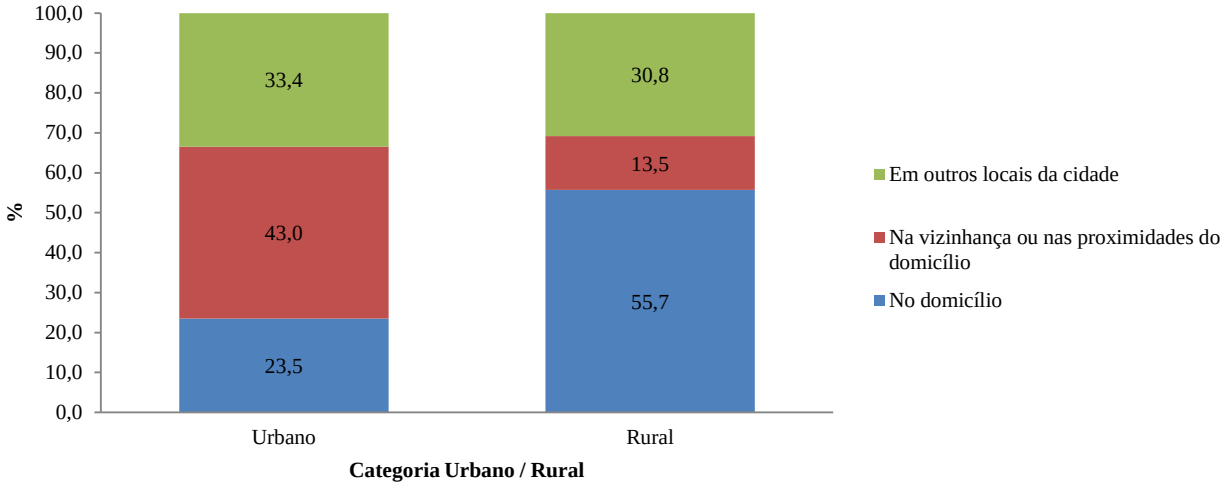



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

No que diz respeito ao local de ocorrência do último roubo, há uma significativa diferença conforme os domicílios abordados se encontrem em áreas urbanas ou rurais. Assim, enquanto a maior parte dos roubos relatados por domicílios localizados em áreas urbanas aconteceram na vizinhança ou nas proximidades dos domicílios (43%), a maioria dos roubos relatados por domicílios localizados em áreas rurais ocorreram no próprio domicílio (55,7%), conforme gráfico 4.36.

Gráfico 4.36: Local de ocorrência do último roubo por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

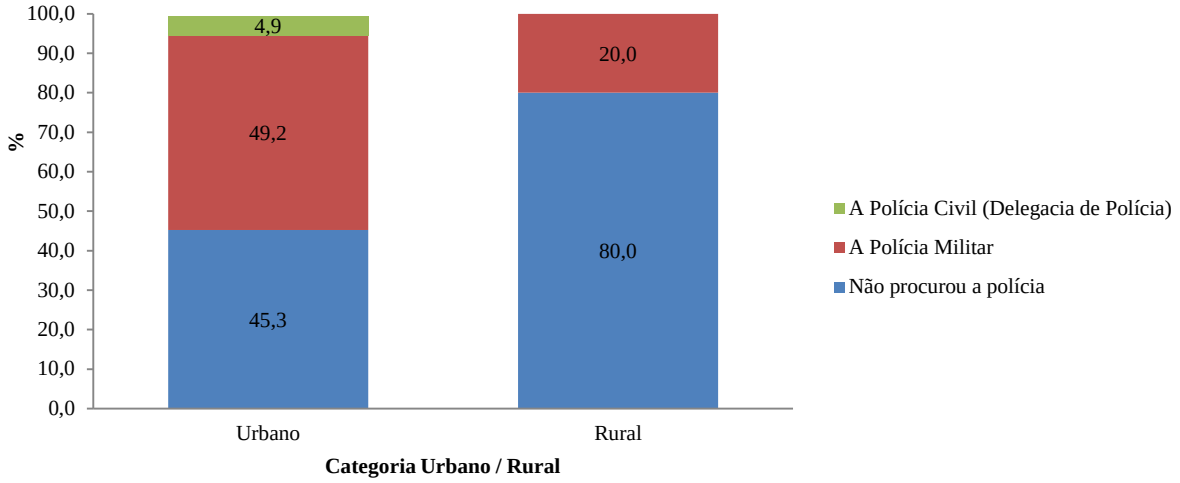



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

É mais comum a não notificação de ocorrências de roubos entre os domicílios localizados em áreas rurais. Deste modo, enquanto 80% dos domicílios rurais não notificaram a ocorrência de roubo a nenhuma instituição de segurança pública, 49,2% dos domicílios localizados em áreas urbanas notificaram eventos de roubo à Polícia Militar e 4,9% à Polícia Civil (gráf. 4.37).

Gráfico 4.37: Realização de notificação do último roubo por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

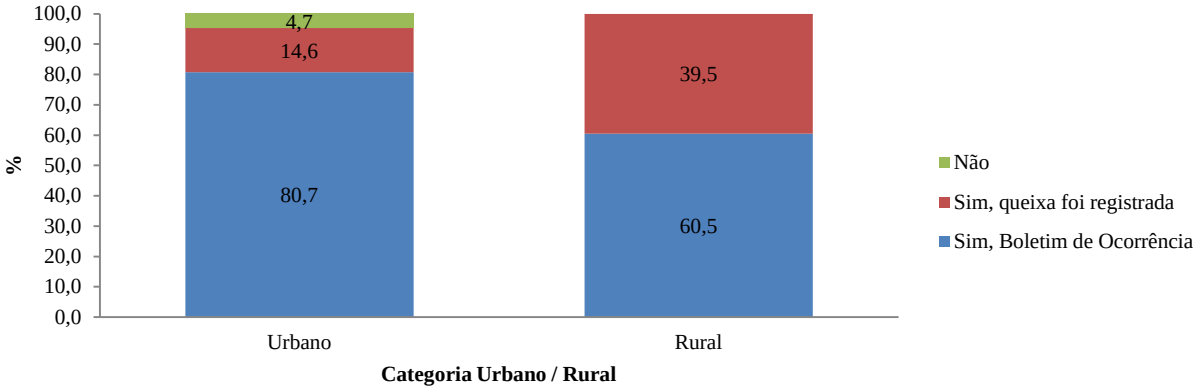



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Nos casos em que instituições de segurança pública foram notificadas, o registro das ocorrências de roubo por Boletim de Ocorrência é mais comum em domicílios urbanos. Enquanto 80,7% dos domicílios urbanos realizaram Boletim de Ocorrência, 60,5% dos domicílios rurais o fizeram. Entre os domicílios rurais, ainda é frequente o registro de queixa juntamente à Polícia Civil, o que corresponde a 39,5% dos casos, contra 14,6% entre domicílios urbanos (gráf. 4.38).

Gráfico 4.38: Realização de registro do último roubo por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

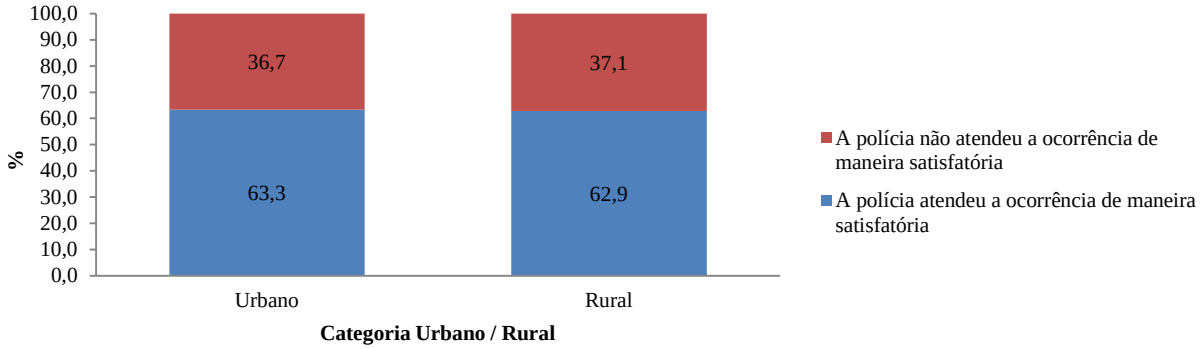



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Não existem distinções relevantes quanto à avaliação do atendimento da última ocorrência de roubo segundo situação urbana/rural. De acordo com 63,3% dos respondentes de domicílios urbanos e 62,9% dos rurais, a polícia atendeu a ocorrência de maneira satisfatória (gráf. 4.39).

Gráfico 4.39: Avaliação do atendimento à última ocorrência de roubo por situação urbana ou rural segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013



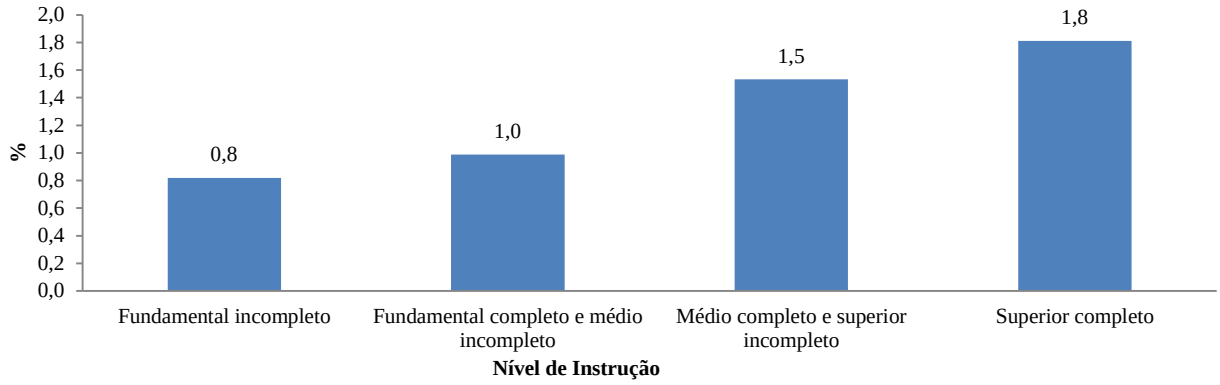

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

**4.3.3** Caracterização geral dos eventos de roubo sofridos nos últimos 12 meses por algum membro do domicílio segundo nível de instrução

É pequena a variação percentual dos domicílios com algum de seus moradores roubados nos 12 meses anteriores à pesquisa, segundo nível de instrução do representante do domicílio. Ainda assim, parece haver algum padrão de comportamento dessa distribuição percentual, de modo que é crescente a incidência de eventos de roubo conforme há incrementos no nível de instrução do representante de domicílio, ainda que esse padrão ascendente seja pequeno (gráf. 4.40).

Gráfico 4.40: Proporção de domicílios com alguma vítima de roubo, por nível de instrução do representante, segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

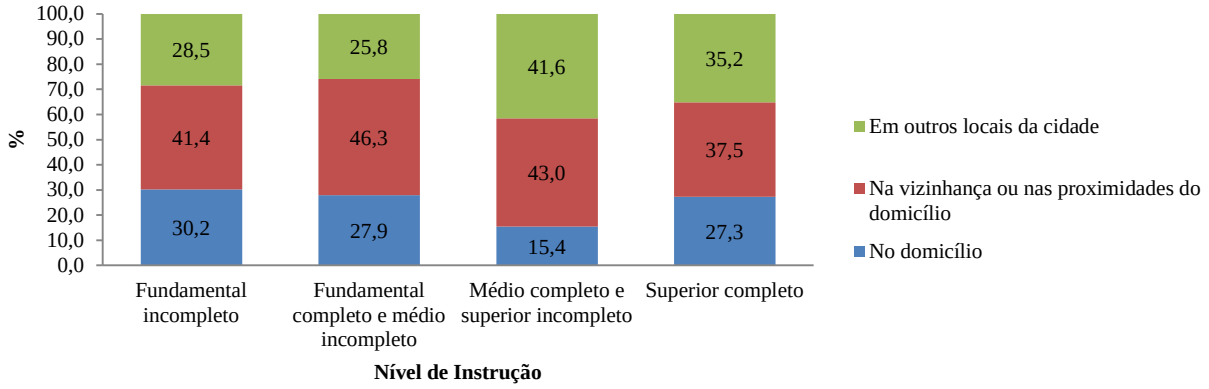



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

As vizinhanças ou localidades próximas aos domicílios são os locais mais frequentes de ocorrência de roubos em todos os níveis de escolaridade dos representantes de domicílio. Portanto, não parece haver um padrão entre local de ocorrência do último roubo do qual algum morador do domicílio tenha sido vítima e nível de instrução do representante do domicílio (gráf. 4.41).

Gráfico 4.41: Local de ocorrência do último roubo por nível de instrução do representante segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013



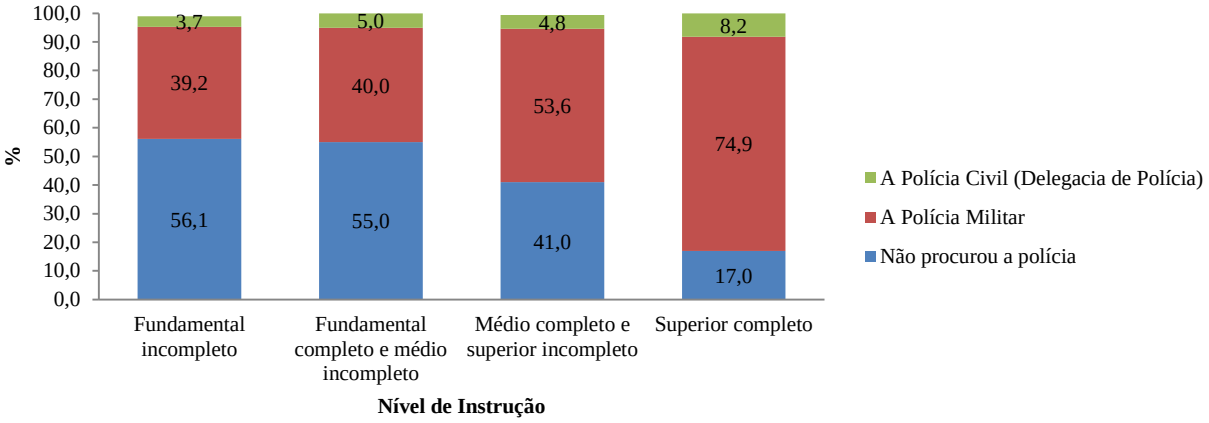

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

A notificação do último roubo que vitimou algum morador dos domicílios abordados à Polícia Militar aumenta na medida em que cresce o nível de escolaridade do representante do domicílio. Já o número ocorrências não notificadas aumenta na medida em que a escolaridade do entrevistado decresce.

Entre os domicílios cujos entrevistados possuem curso superior completo, ocorre a maior proporção de realização de notificação à Polícia Militar (74,9%). Já os domicílios cujos entrevistados possuem escolaridade mais baixa – fundamental incompleto ou completo e médio incompleto – ocorre o maior percentual de não notificação (56,1), conforme gráfico 4.42.

Gráfico 4.42: Realização de notificação do último roubo por nível de instrução do representante segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

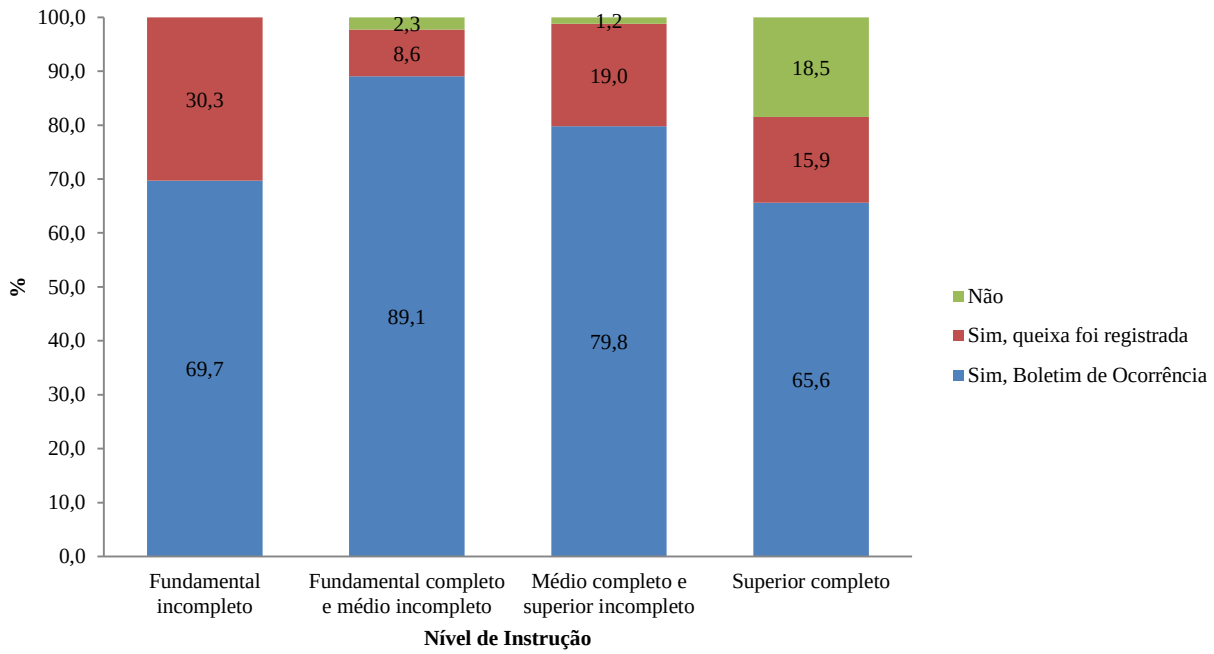



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Quando há notificação policial da ocorrência de roubo, é mais frequente o registro de Boletim de Ocorrência em todos os níveis de escolaridade dos representantes de domicílio (gráf. 4.43). No entanto, entre domicílios representados por indivíduos com escolaridade correspondente a superior completo é significativo o percentual daqueles que não realizaram qualquer registro (18,5). Quando levados em consideração os domicílios cujos representantes possuem o fundamental incompleto é relevante a proporção daqueles que realizaram registro de queixa junto à Polícia Civil (30,3%).

Gráfico 4.43: Realização de registro do último roubo por nível de instrução do representante segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013

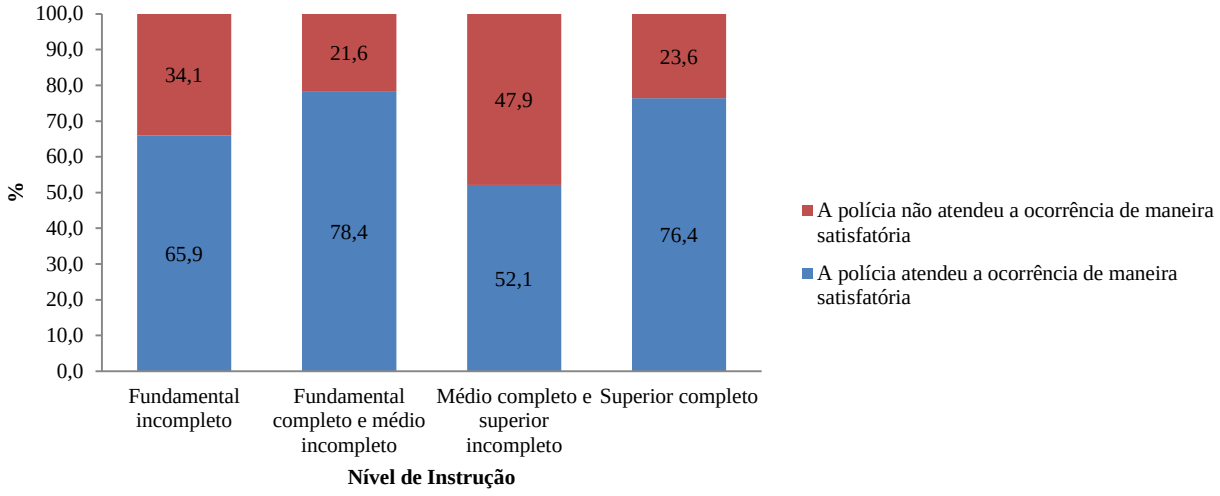



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

A polícia atendeu de maneira satisfatória a última ocorrência de roubo do qual algum morador dos domicílios abordados tenham sido vítimas em todas as faixas de escolaridade dos representantes de domicílio, ou seja, nenhum padrão de avaliação segundo escolaridade pôde ser encontrado (gráf. 4.44).

Gráfico 4.44: Avaliação do atendimento à última ocorrência de roubo por nível de instrução segundo moradores dos domicílios com idade igual ou superior a 14 anos – Minas Gerais – 2013




Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI).

Nota: domicílios com alguma vítima de roubo nos 12 meses anteriores à pesquisa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incidência de criminalidade violenta no estado de Minas Gerais (foram 103.646 eventos registrados no ano de 2014, segundo a Secretaria de Estado de Defesa Social) e o sentimento de insegurança da população colocam as temáticas relativas à segurança pública no centro das discussões acerca das políticas e ações do Estado. Ainda que os números oficiais de ocorrências mostrem incrementos relevantes na incidência de crimes, eles podem subdimensionar os números de eventos, já que muitos não são comunicados às agências públicas de segurança. Isso configura a chamada cifra negra, ou seja, crimes que ocorrem, exercem impactos sobre a população e sobre sua percepção de segurança, mas não são registrados por instituições oficiais.

Conhecer a "distância" estabelecida entre eventos ocorridos e eventos registrados leva a um dimensionamento mais próximo da realidade do fenômeno e constitui dado fundamental para se compreender o tipo de relação estabelecida entre polícia e sociedade, e para a realização de inferências acerca das capacidades institucionais das organizações policiais. É relevante neste contexto, conhecer os números de ocorrência de maneira mais fidedigna, mas é igualmente significativo, conhecer informações que qualifiquem essas ocorrências. Pesquisas de vitimização constituem instrumentos mais adequados para a obtenção de informações dessa natureza, na medida em que, realizadas a partir de entrevistas feitas diretamente com a população, implicam em perguntas sobre vitimização de crimes, e as circunstâncias em que ocorreram.

A Pesquisa por Amostra de Domicílios de Minas Gerais (PAD-MG), com o intuito de obter informações regionalizadas capazes de subsidiar o desenho, monitoramento e avaliação de polícias públicas incluiu, em 2013, uma análise relativa à segurança e criminalidade. Não se trata de uma pesquisa de vitimização *strictu senso*. Sua unidade fundamental de análise são os domicílios do estado de Minas Gerais, e não os indivíduos, como ocorre em pesquisas de vitimização. Essa particularidade da pesquisa permite inferir sobre as possíveis influências de variáveis domiciliares, e não exclusivamente individuais, sobre a probabilidade de vitimização e sobre os modos como a população se relaciona com as instituições de segurança.

Por se tratar de uma pesquisa domiciliar, em que os questionários foram respondidos por representantes de cada domicílio, foram abordados especificamente crimes contra o patrimônio. A abordagem domiciliar e não individual tornaria limitada a possibilidade de obtenção de informações de crimes contra a pessoa, como agressões e tentativas de homicídio.

O presente boletim, de natureza exclusivamente descritiva e não inferencial, apresenta dados relativos à confiança da população mineira em instituições de segurança pública, suas percepções sobre as características relativas à segurança de suas vizinhanças, situações de risco identificadas pelos entrevistados, e percepções sobre os níveis de segurança em suas cidades, além de informações sobre eventos de vitimização contra o patrimônio, particularmente aqueles relativos à ocorrência de furto, roubo e invasão ou arrombamento de domicílio.

Variáveis relativas à confiança em instituições são relevantes porque parece existir relação entre confiança e percepção de legitimidade das ações institucionais. O objetivo é conhecer o lugar ocupado, nesse contexto, pelas organizações de segurança, em comparação com outras instituições. Cabe destacar que as questões foram respondidas pelos informantes do domicílio, com idades superiores ou iguais a 14 anos, dizendo respeito às suas opiniões e percepções.

De um modo geral, no Estado, é pequeno o grau de confiança da população em seus políticos, categoria com menor percentual de indivíduos que afirmaram confiança. Por outro lado, confia-se mais na Igreja e no Corpo de Bombeiros. No que diz respeito às instituições de segurança, 14,8% confiam muito pouco na Polícia Civil, e 14,5% confiam muito pouco na Polícia Militar. Padrão similar é encontrado quando cada uma das regiões de planejamento é levada em consideração. Ainda assim, a baixa confiança na Polícia Militar atinge 10% dos respondentes no Norte de Minas (menor proporção) e 18,5% no Noroeste (maior proporção), enquanto a baixa confiança na Polícia Civil é encontrada entre 10,4% dos entrevistados no Norte de Minas (menor proporção) e 18,3% dos respondentes na Zona da Mata (maior proporção).

Percepções relativas às características físicas e existência de eventos violentos nas vizinhanças, bem como medo e percepção de risco de vitimização, são significativos, por sua vez, porque são capazes de exercer influência sobre atitudes individuais e modos de uso de horários e espaços públicos. O tipo de iluminação, o nível de desordenamento urbano, presença de lixo ou saber da ocorrência de um crime em determinado lugar são alguns dos fatores que podem levar a sentimentos de insegurança que, por sua vez, podem levar à decisão de se evitar esses espaços.

Os moradores entrevistados pela PAD-MG avaliam que a iluminação das ruas de sua vizinhança é boa (46,3%) ou regular (33,1%). A pavimentação das ruas também é bem avaliada, (36,6% avaliaram como boa), assim como o transporte público (34,5% dos entrevistados o avaliaram como bom). De acordo com a percepção dos respondentes, na vizinhança de 74,7% dos domicílios pesquisados não existiam construções abandonadas. Já a existência de muito lixo ou entulho foi relatada por 20,1% dos respondentes. O indicador de desorganização do uso do espaço

público mais relatado foi o carro com som alto. Em 56,9% dos domicílios foi narrada a presença de carro com som alto nos 12 meses que antecederam a pesquisa. A venda de drogas ilegais foi relatada por 28,2% dos entrevistados

Outro grupo de questões investigou se o morador presenciou ou ouviu falar na vizinhança ou proximidade de atos de violência, como pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança, pessoas sendo mortas por arma de fogo, pessoas armadas brigando, mulheres sendo agredidas por parentes, policiais extorquindo ou intimidando pessoas na vizinhança, crianças ou adolescentes da vizinhança sendo vítimas de violência ou exploração, violência sexual de adultos ou crianças e adolescentes. Os atos de violência mais frequentemente relatados foram: ver pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança (12,3%); pessoas sendo mortas por arma de fogo (10% já viram; 28,6% já ouviram falar) e mulheres sendo agredidas por companheiros, maridos ou parentes (7,9% já viram, 15,7% já ouviram falar desses eventos).

Com relação à percepção de segurança, observa-se que entre as situações investigadas, andar sozinho nas ruas da sua vizinhança é a que provoca maior insegurança entre os respondentes. Observa-se também diferenças entre os perfis individuais e de domicílio. De modo geral, mulheres, pessoas que se declaram pretas ou pardas e moradores de domicílios sem inadequação de infraestrutura são os que possuem maior insegurança em relação a andar sozinho nas ruas da sua vizinhança e ficar sozinho na sua residência.

No que diz respeito à percepção do risco de ocorrência de alguns eventos criminosos, a situação que apresenta o maior risco, na visão dos respondentes, é o de ser roubado/assaltado em outros locais da cidade que não na sua vizinhança. O segundo evento com maior risco é o de ser agredido ou ameaçado de agressão em outros locais da cidade.

Quando se analisa por região de planejamento, as maiores percepções de risco ocorrem no Centro Oeste, Rio Doce e RMBH. Também é maior a percepção de risco quanto à vitimização para os moradores de domicílios sem inadequação de infraestrutura.

Por fim, também foi investigada a mudança de alguns hábitos devido ao medo da violência. Evitar conversar com pessoas estranhas e sair de casa à noite são as situações mais frequentemente alteradas na rotina do dia a dia.

Eventos de vitimização foram mensurados, como já mencionado, por meio de delitos contra o patrimônio, particularmente os crimes de furto, roubo e invasão de domicílio. Procurou-se dimensionar esses eventos, bem como a frequência em que são comunicados às instituições de

segurança pública, a realização de registros institucionais, e a distribuição dessas variáveis segundo, região de planejamento, domicílios urbanos e rurais, percentil de renda domiciliar *per capita* e nível de instrução do representante do domicílio.

Nos 12 meses anteriores a pesquisa, 2,4% dos domicílios foram arrombados ou invadidos ao menos uma vez, e 57 % desses casos não foram notificados às organizações policiais. Os domicílios localizados em áreas urbanas são vítimas de invasão ou arrombamento mais frequentemente que os domicílios localizados em áreas rurais. Entre aqueles que recorreram às polícias, em 87,6% dos casos houve registro do evento de invasão de domicílio. Entretanto, praticamente metade (49,8%) dos domicílios avaliaram negativamente o modo de atuação das organizações policiais.

Nos 12 meses que antecederam a pesquisa, 2,2 % dos domicílios entrevistados tiveram moradores vitimados por furto (eventos de subtração de algum bem sem o uso, ou a ameaça de uso, da força física). Desses, 57,1% dos moradores não notificaram as organizações policiais sobre a ocorrência. Nos domicílios vitimados por furto, 48,0% dos representantes avaliaram negativamente os modos de atuação das polícias, apesar de, em 89,3% dos casos, a ocorrência ter sido registrada institucionalmente nas organizações policiais. O registro da ocorrência do furto, segundo os respondentes dos domicílios por Região de Planejamento, foi realizado, em sua maioria, por meio do Boletim de Ocorrência em todas as regiões de planejamento.

O grau de satisfação com o atendimento aos casos de furto tiveram avaliações bem heterogêneas. Nas regiões Zona da Mata (53,7%), Alto Paranaíba (52,3%), Centro Oeste (56,3%) e Norte (61,2%) predominou-se a avaliação negativa dos atendimentos das polícias. Já nas regiões Central (54,2%), Triângulo (60,2%), Noroeste (56,2%), Jequitinhonha/Mucuri (60,6%) e Rio Doce (61,3%) a atuação das organizações policiais no atendimento à ocorrência de furto foi avaliada positivamente.

Eventos de roubo dizem respeito a ocorrências nas quais o autor tomou algum objeto da vítima fazendo uso ou ameaça de força física. Sua subnotificação é menor do que aquela relativa ao furto, por ser entendido como de maior potencial ofensivo. Segundo representantes dos domicílios abordados, 1,1% dos domicílios mineiros têm algum morador que foi vítima de roubo ao menos uma vez nos 12 meses anteriores ao processo de coleta de dados. Quando levadas em consideração as regiões de planejamento do Estado, esse padrão não se altera significativamente, mas há uma concentração percentual ligeiramente superior nas regiões Central, Noroeste e Rio Doce.

Eventos de roubo são ligeiramente superiores em áreas urbanas (1,2%) em comparação com domicílios localizados em áreas rurais (0,4%). A maior parte das vítimas de roubo não realizou notificação a nenhuma instituição de segurança pública. É mais comum a não notificação de ocorrências de roubos entre os domicílios localizados em áreas rurais. Desse modo, enquanto 80% dos domicílios rurais não notificaram a ocorrência de roubo a nenhuma instituição de segurança pública, 49,2% dos domicílios localizados em áreas urbanas notificaram eventos de roubo à Polícia Militar e 4,9% à Polícia Civil.

A maior parte das vítimas de roubo que notificaram a ocorrência a alguma instituição de segurança pública realizou o registro em Boletim de Ocorrência e avaliou positivamente o modo como a polícia realizou o atendimento da ocorrência, principalmente nas regiões Norte (91,1% avaliou positivamente o trabalho policial), Oeste (80,3%) e Central (70,6%).

## REFERÊNCIAS


BATITUCCI, Eduardo Cerqueira. As limitações da contabilidade oficial de crimes no Brasil: o papel das instituições de pesquisa e estatística. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 7-18, jan./jun. 2007.

CARNEIRO, Leandro Piquet. Pesquisas de vitimização e gestão da segurança pública. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo v. 21, n. 1, p. 60-75, jan./jun. 2007.

CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA (CRISP); INSTITUTO DE PESQUISA DATAFOLHA. **Pesquisa nacional de vitimização**. [Belo Horizonte], 2013. Disponível em: <www.crisp.ufmg.br>. Acesso em: 02 de out 2015.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS. Características da vitimização e do acesso à justiça no Brasil 2009. Rio de Janeiro, IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/vitimizacao_acesso_justica_2009/pnadvitimizacao.pdf>. Acesso em: 02 de out 2015.

SANTOS, Simone Maria dos. **A importância do contexto social de moradia na auto-avaliação de saúde.** 2008. Tese (Doutorado em Ciências na área de Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Crua, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://arca.icict.fiocruz.br/bitstream/icict/4345/2/312.pdf>. Acesso em: 02 de out 2015.

SCHWARZ-BLUM, Vivian. Por quê confiamos nas instituições? O caso boliviano. **Opinião Pública**, Campinas, v.12, n. 2, nov. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762006000200004>. Acesso em: 02 de out 2015

WARR, Mark. Dangerous situations: social context and fear of victimization. **Social Forces**, n. 68, March 1990.

ZILLI, L.F., MARINHO, F. C., SILVA. B. F. Pesquisas de vitimização. In: RATTON, José Luiz; LIMA, Renato Sérgio de; AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de (Org.**). Em crime, polícia e justiça no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.